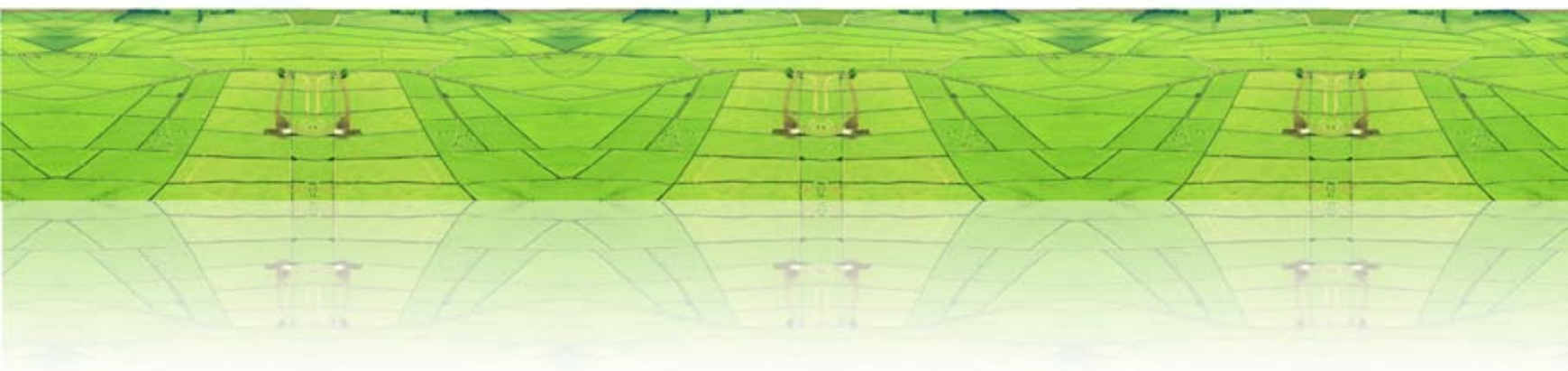


andarILHAgem n.º 4



FICHA TÉCNICA

andar|LHAgem

www.azores.gov.pt



Propriedade e edição:
Presidência do Governo Regional dos Açores
Direcção Regional das Comunidades

Director:
Alzira Maria Serpa Silva

Coordenação:
Álamo Oliveira

Redacção:
Paulo Teves | Nélia Andrade
João Martins | Raquel Rodrigues

Concepção gráfica:
Rui Melo

Impressão:
Nova Gráfica

Periodicidade:
Semestral

Direcção Regional das Comunidades

FAIAL
R. Cônsul Dabney
Colónia Alemã
9900-014 HORTA
Telef.: (351) 292 208 100
Fax: (351) 292 391 854

TERCEIRA
Rua do Palácio
9700-143 ANGRA DO HEROÍSMO
Telef.: (351) 295 215 826
Fax: (351) 295 214 867

SÃO MIGUEL
Edifício Boavista
Rua Padre José Joaquim Rebelo, 6 B, R/C Dto
Grotinha
9500-782 PONTA DELGADA
Telef.: (351) 296 204 811
Fax: (351) 296 284 380

E-mail: drc@azores.gov.pt



ÍNDICE

- 05
Editorial
- VENTOS C/NOTÍCIAS ■**
- 08
Direcção Regional das Comunidades
Factos do semestre
- 12
A imagem de uma Casa dos Açores
reflectida no seu Boletim Cultural
José Manuel Tavares Rebelo
- 15
Casa dos Açores de Winnipeg
– embaixada em Manitoba
- 17
Açoriano com nome próprio
- 19
Marcha com gentes, danças e temperos
(reportagem fotográfica e partitura)
- 22
Feira Viver Culturas
(reportagem fotográfica)
- MARÉS DE TODOS OS MARES ■**
- 30
Conferência Internacional “Aproximando
Mundos: Emigração, Imigração e
Desenvolvimento em Espaços Insulares”
Maria Lucinda Fonseca
- 37
Imigração e os ventos pouco favoráveis
da Europa
Paulo Mendes
- 40
Espírito Santo:
uma Festa transatlântica
Christopher Larkosh
- 43
O meu Mundo Açoriano
Kiwamu Hamaoka
- 46
Cláudia de Sousa
Estilista açoriana em Nova Iorque
(entrevista)
- ALGAS SONHOS TRANSPARÊNCIAS**
- 53
Os votos de Natal de Frank Baldaia
Norberto Ávila
- 60
At the End of the Donkey Path
Art Coelho
- 61
2 poemas de
Semy Braga
- 63
“Origem”, de Marcelo Borges
1.º Prémio de fotografia do Concurso
Olhares sem Fronteiras
- CONSTRUIR CULTURA (suplemento)**
- 67
Álamo Oliveira
Monólogo de um vulcão
- A maldição de não ver uma garça
mergulhar no mar

	73	88
<i>Eduardo Bettencourt Pinto</i>		Sinfonia dançada por um Vulcão
As mãos de Celeste		(programa e reportagem fotográfica)
	80	92
<i>Marcelo Corrêa</i>		Desfile de Foliões
Eu Ilha		(reportagem fotográfica)
(exposição de fotografia)	84	93
		Memórias de um Vulcão
Construir Cultura		(programa e reportagem fotográfica)
(programa)	86	95
		Documentário
Cantar os Capelinhos		“ Vivências de um Povo”
(reportagem fotográfica)	87	(reportagem fotográfica)
		96
Lançamento do opúsculo “Capelinhos”		Lançamento do livro
(reportagem fotográfica)		“Construir Cultura”



EDITORIAL

Poderá parecer minimalista, mas as luzinhas de pisca, as árvores enfeitadas, os presépios e as decorações das casas levadas ao pormenor enformam um cenário com o seu quê de irreal e, simultaneamente, com outro tanto de encantatório. Se se juntar os presentes, os jantares, os sorrisos, os cumprimentos e as “missas do galo” completa-se um tempo de notória disposição para a solidariedade, a que não falta música de fundo. O Natal é o Natal e pronto. E custa definir a volumetria social do seu significado, bem como justificar a sua celebração anual, mesmo que seja maioritariamente vivido pela faixa infantil.

No entanto, há que relevar que o Natal continua a apresentar-se com o seu espírito festivo, luminoso, partilhando o seu lado bom, como se quisesse diluir o que foi o quotidiano dos povos, sobretudo o dos que sofreram as contradições nunca explicadas e impostas pelos poderes prepotentes. Por isso, há “pastores” que continuam a oferecer os melhores exemplares dos seus “rebanhos” (fraternidade, generosidade, solidariedade) e há “reis magos” que, acreditando na meta do Bem, atravessam corajosamente o deserto, suportando invejas, maldições, traições. Pastores e reis de presépio continuam, assim, a exemplificar como o presente deve ser a garantia do futuro.

Como se sabe, é na fronteira do Natal que o calendário muda de ano. É inevitável. Por isso, é de forma simbólica que se ergue a taça da esperança para votar que o ano de 2009 seja um tempo de reanimação e de credibilização da nossa capacidade de conviver, solitária e afectuosamente, com todos os povos do Mundo. Relevem-se ainda os elos que prendem as comunidades açorianas e aqueles que escolhem os Açores como terra de adopção.

Boas Festas e Bons Anos!

PS.: Este número de andarILHAgem tem o privilégio de acolher nas suas páginas a produção de escritores e artistas que participaram no programa “Construir Cultura”, que teve como cenário temático o vulcão dos Capelinhos, em celebração do 50º aniversário da sua erupção e que provocou a maior e a mais consentida vaga de emigração para a América do Norte.

Porém, mais uma vez, esta revista pôde contar com a colaboração de pessoas que fazem parte da diáspora açoriana e que partilham, generosamente, com os leitores, os seus conhecimentos, as suas experiências de vida e as suas realizações profissionais e artístico-literárias.

São eles que, afinal, têm feito andarilhar esta andarILHAgem.





ventos c/ notícias





DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

Factos do semestre

A fim de promover a integração plena e harmoniosa dos migrantes dos Açores, a Direcção Regional das Comunidades apresentou o *Guia do Imigrante nos Açores*, e o *Guia Prático para o Regresso aos Açores*.

O *Guia do Imigrante nos Açores*, com uma tiragem de cinco mil exemplares em português e russo, pretende ser um instrumento de resposta a questões e dúvidas levantadas pelos imigrantes que escolheram a Região Autónoma dos Açores para residir.

Esta publicação contém informação relativa à entrada e permanência legal em território nacional, abandono do país, Lei da Nacionalidade, reagrupamento familiar, educação, saúde, segurança social e trabalho. O cidadão imigrante encontra ainda uma breve caracterização dos Açores, um capítulo referente a conselhos úteis para o empregador, tendo em vista uma maior protecção do trabalhador imigrante, bem como uma listagem de contactos de instituições que o podem apoiar.

O *Guia Prático para o Regresso aos Açores*, publicado em português e inglês, é destinado aos cidadãos portugueses em processo de deportação para a Região e que se encontram em centros de detenção nos Estados Unidos da América e Canadá.

Trata-se de instrumento útil de resposta a questões e dúvidas levantadas por cidadãos que, na sua maioria, desconhecem a realidade da vida no arquipélago, pelo facto de terem emigrado em criança e nunca terem visitado o país de origem.

Através dos conteúdos do guia, o cidadão regressado conseguirá ter uma noção do enquadramento geográfico e político-administrativo da Região e de todas as organizações e instituições que prestam serviços e apoios nas mais diversas áreas, nomeadamente: documentação legal, protecção social, saúde, educação, emprego e investimento, habitação, transportes, protecção civil e outras informações úteis relativas ao país de acolhimento e à Região.

A elaboração deste guia contou com a colaboração da Associação Regional de Reabilitação e Integração Sociocultural dos Açores (ARRISCA), Casa de Saúde de São Miguel, Consulado Americano em Ponta Delgada, Direcção Regional da Solidariedade e Segurança Social,

Direcção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica, Instituto de Acção Social e Associação Novo Dia.



De 3 a 6 de Julho, a cidade da Praia da Vitória recebeu a terceira edição da *Feira Viver Culturas – Açores 2008*, numa organização conjunta da Direcção Regional das Comunidades e município daquela cidade.

Convergir emigrantes, imigrantes e açorianos, fomentar o diálogo entre povos e culturas, potencializar a Paz Mundial, bem como combater o racismo e a xenofobia foram os objectivos desta iniciativa.

O pavilhão do turismo de serviços recebeu representações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moldávia, República da Coreia e São Tomé e Príncipe, bem como divulgação dos serviços da Direcção Regional das Comunidades, Câmara Municipal da Praia da Vitória, Praia Ambiente, Secretaria Regional dos Assuntos Sociais, Centro Comunitário de Apoio ao Imigrante, Clube de Amizade Internacional Aliança e Associação dos Imigrantes nos Açores.

O espaço “Sabores entre Culturas” congregou oito restaurantes, que confeccionaram pratos típicos dos Açores, Alemanha, Angola, Bangladesh, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

A terceira edição da Feira Viver Culturas, na área dos espectáculos, contou com mais de uma centena de participantes, num total de oito espectáculos, oriundos dos Açores, Brasil, EUA, Canadá, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Roménia.

Também no mês de Julho, cerca de 120 docentes estiveram presentes no XVI Encontro de Professores de

Português dos Estados Unidos da América e Canadá, que decorreu, entre 19 e 25 de Julho, nas ilhas do Faial, Pico e S. Jorge, organizado pela Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá (APEEUC) em parceria com a Direcção Regional das Comunidades.

Tratando-se da quarta vez que os Açores acolhem o Encontro – que passou, nos anos mais recentes, por Montreal (Canadá), Coimbra e Lisboa –, o programa englobou a realização de visitas, passeios e actividades lúdicas, nas ilhas em que decorreu, além de conferências e debates sobre a cultura local e a problemática do ensino nos dois países da América do Norte.

Durante o Encontro, a Direcção Regional das Comunidades e a APEEUC assinaram um protocolo com a companhia aérea SATA para promover o ensino do Português nos Estados Unidos e Canadá, premiando os jovens alunos com visitas aos Açores, através da realização de concursos académicos.

Com o intuito de promover o trabalho desenvolvido pela Região Autónoma dos Açores, na área das migrações, os Açores estiveram presentes, de 30 de Julho a 1 de Agosto, na I Convenção Mundial das Comunidades Portuguesas, que decorreu em Santa Maria da Feira, organizado pela Associação dos Portugueses no Estrangeiro, em parceria com a Câmara Municipal daquela cidade.

Para além da conferência apresentada, a Direcção Regional das Comunidades esteve representada num «stand» específico, que permitiu divulgar o trabalho efectuado pelos Açores junto das suas Comunidades e do arquipélago em geral.

No início do mês de Agosto, jovens oriundos das Comunidades Açorianas do Brasil, Canadá, Estados Unidos da América e Portugal Continental estiveram reunidos com jovens de várias associações dos Açores, no “Encontro Jovens 2008 – Açores/Comunidades: uma ponte para o futuro”, numa organização conjunta das direcções regionais das Comunidades e da Juventude.

A iniciativa, que mobilizou cerca de duas dezenas de jovens durante quatro dias na ilha de São Miguel, teve como objectivos potenciar o “estabelecimento de pontes” entre a juventude açoriana residente e da diáspora, proporcionar a reflexão e o debate aos jovens oriundos das Comunidades, aproximando-os do movimento associativo juvenil dos Açores, despertar o interesse pela



terra de origem dos seus antecessores e o estabelecimento de pontes para o futuro e para a consolidação da participação política e cívica nas Comunidades.

Na “Declaração de Ponta Delgada” foram referidas as diversas acções que os jovens de ambos os lados do Atlântico irão realizar, no âmbito de uma cooperação estreita e permanente, promovendo a Região Autónoma dos Açores e as suas Comunidades.

No mês de Setembro, a Direcção Regional das Comunidades e o Núcleo de Estudos da Universidade Federal de Santa Catarina lançaram o Portal “Comunidades Açorianas” onde é possível encontrar estudos em diversas áreas, nomeadamente sobre literatura, cultura, património e outros temas integrantes da identidade açoriana no Mundo.

Com este projecto, a Direcção Regional das Comunidades, em parceria com diferentes universidades credenciadas, pretende facilitar a união de açorianos, seus descendentes e estudiosos da açorianidade.

A importância deste instrumento de divulgação de conhecimentos é, para todos os colaboradores, uma



homenagem aos milhares de açorianos que, desde o século XVII, difundiram a cultura dos Açores em diversas partes do planeta. O sítio na Internet é: www.comunidadesacorianas.org.

O encontro “Construir Cultura” decorreu entre 16 e 21 de Setembro, nos Capelinhos, ilha do Faial, e teve como principais objectivos estreitar laços culturais entre os Açores e as comunidades, dinamizar o debate cultural, estimular a criação artística e promover o intercâmbio entre as populações.

À semelhança das edições anteriores, os participantes envolvidos na iniciativa cederam, à Região, as produções culturais efectuadas durante a estada nas ilhas, como testemunha o livro *Construir Cultura*.

O programa – elaborado pela Direcção Regional das Comunidades em parceria com a FaiAlentejo – incluiu diversas manifestações desde a fotografia, pintura, escultura, bem como espectáculos de dança e teatro.

Dias depois, foi apresentado, nas ilhas Terceira e Faial, o livro *Capelinhos: As sinergias de um vulcão – emigração Açoriana para a América*, coordenado por Tony Goulart.

Este livro, cuja edição em português foi patrocinada pelo Governo Regional dos Açores, dedica especial atenção ao impacto humano causado pelo vulcão ocorrido no Faial há meio século.

Como foram afectadas as comunidades para onde estes emigrantes se dirigiram, de onde partiram, que identidade comum possuem e que impacto económico, social e cultural tiveram nas comunidades de acolhimento (pequenas empresas, agricultura, rádio, televisão, imprensa, religião), são alguns dos temas abordados neste volumoso livro, que foi editado, na Califórnia, pela Portuguese Heritage Publications.

Capelinhos: As sinergias de um vulcão teve o contributo de 42 articulistas, bem como mais de meia centena de pessoas – que contribuíram com os seus testemunhos e histórias pessoais –, sete entrevistadores, 14 tradutores e seis editores/revisores.

No mesmo dia, na ilha do Faial, foi apresentado o

livro *A Erupção dos Capelinhos: Janela de Oportunidade para a Emigração Açoriana*, da autoria do investigador Daniel Marcos, do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa.

Editado com o apoio da Direcção Regional das Comunidades, o livro analisa a história do “Azorean Refugee Act”, explicando como este diploma, criado para contornar a lei geral de imigração dos EUA, se tornou numa verdadeira “janela de oportunidade” para as vítimas do Vulcão dos Capelinhos.



No âmbito das comemorações do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, a Direcção Regional das Comunidades, em colaboração com o ACIDI, IP – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, promoveu nas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial dois módulos de formação, um denominado de “Educação Intercultural” dirigido a jovens em idade escolar e outro chamado “Mitos e Factos sobre Imigração”, destinado ao público em geral.

Foram abrangidos por esta iniciativa seis escolas da Região, num total de cerca de 170 alunos, do 2.º e 3.º ciclos do ensino secundário.

O módulo “Os Mitos e os Factos da Imigração” decorreu nas ilhas de São Miguel e Terceira e constituiu uma oportunidade para, num ambiente informal, elucidar e partilhar opiniões sobre este tema com as pessoas presentes.

A Direcção Regional das Comunidades participou no Congresso Internacional sobre Narrativa e Diáspora Portuguesa (1928-2008), que decorreu de 23 a 25 de Outubro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa apresentando três comunicações intituladas “A

Interculturalidade no Processo Integrante das Migrações – o caso açoriano nos Estados Unidos da América”, “Cultura e Diáspora” e “Entre Palavras e Sonhos.”

Este congresso contou com a organização da Universidade de Lisboa, Brock University e University of Massachusetts Amherst, e com o patrocínio do Governo dos Açores, através da Direcção Regional das Comunidades.

De 15 a 22 de Novembro, a Direcção Regional das Comunidades, em parceria com a Azores Express, nos EUA e a SATA Express no Canadá, promoveu a VI edição do Programa “Saudades dos Açores”.

Trata-se de uma iniciativa destinada a cidadãos nascidos na Região Autónoma, a residir nos EUA e Canadá, com mais de 60 anos que, por dificuldades económicas, não tenham visitado o arquipélago há mais de duas décadas.

Contando com a colaboração das instituições de apoio social sedeadas nos EUA e Canadá, nomeadamente, o Centro Abrigo em Toronto, SER-Jobs for Progress em Fall-River, Mass., e 2 centros comunitários portugueses na Califórnia, P.O.S.S.O. e V.A.L.E.R., com as quais a DRC tem Protocolos de Cooperação, foram contemplados este ano ao abrigo deste Programa, 15 participantes (8 do Canadá e 7 dos EUA), com idades compreendidas entre os 61 e os 79 anos.



No dia 12 de Setembro, na cidade da Ribeira Grande, foi inaugurada a exposição de fotografia resultante do Concurso “Olhares Sem Fronteiras”, que mostrou as 30 fotografias seleccionadas pelo Juri.

Este Concurso, integrado nas comemorações do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, foi organizado,

para além da DRC, pela Associação dos Imigrantes nos Açores e pela Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores.

Com esta iniciativa pretendeu-se estimular os profissionais e amantes da fotografia a captarem a presença e a vivência diária dos estrangeiros nos Açores, nas várias dimensões, contribuir para uma maior valorização do fenómeno migratório e favorecer a construção de uma imagem positiva em relação ao tema em questão, reforçar a necessidade da valorização do diálogo intercultural, enquanto factor chave para a construção de uma sociedade plural, bem como concorrer para a promoção de uma sã convivência entre povos e culturas, minimizando espaços para a emergência de atitudes racistas e xenófobas.

A fotografia vencedora intitula-se “origem” e é seu autor Marcelo Borges, da ilha de São Miguel, a quem será oferecida uma viagem a São Tomé e Príncipe.

De igual modo, no mês de Dezembro foi atribuído o Prémio “Dona Djuta – Jornalismo pela Integração dos Imigrantes” ao jornalista Herberto Gomes, premiado com uma viagem ao Brasil com o trabalho “Sons de Leste”.

Organizado pela Associação dos Imigrantes nos Açores, em parceria com a Direcção Regional das Comunidades, este concurso foi destinado aos jornalistas da imprensa escrita/em linha, da rádio e da televisão, bem como a fotojornalistas, com trabalhos que tenham sido transmitidos ou publicados em órgãos de informação na Região Autónoma dos Açores, e que incidam sobre a problemática da Imigração e das Relações Inter-culturais na Região, os quais visem promover a integração das comunidades imigrantes na sociedade açoriana, bem como favorecer a sã convivência entre povos e culturas, minando caminhos para a emergência de sentimentos e comportamentos racistas e xenófobos.

• • •

Corrigenda: No artigo «A influência portuguesa no Havai» (p. 22 do n.º3 desta revista), a autora — Audrey Rocha Reed — registou dois lapsos que merecem ser devidamente reparados:

1 — Os primeiros açorianos chegaram ao Havai em 1880 e não em 1890;

2 — O Bispo Larry Silva é descendente de açorianos e não de madeirenses.



A IMAGEM DUMA CASA DOS AÇORES REFLECTIDA NO SEU BOLETIM CULTURAL



A Casa dos Açores do Norte (CAN) é uma instituição regionalista fundada no Porto em 6 de Março de 1980.

Em Setembro de 1981 e sob a direcção do engenheiro Guido Orlando de Freitas Rodrigues, foi dado início à publicação de um denominado “Boletim”, com periodicidade mensal e 500 exemplares de tiragem. Nesta primeira fase (até Julho de 1982), procurava dar-se conta dos objectivos da instituição. Logo no primeiro número, o editorial referia a “*criação de um órgão regionalista dos Açores no Norte, que permitisse congregar a comunidade residente, no sentido de contribuir, na medida das suas possibilidades, para o desenvolvimento da nossa Terra e para o estabelecimento de elos de ligação com o Norte de Portugal*”, em texto

assinado pelo director. Procurava-se, nessa altura, a afirmação da recém-criada instituição, a nível local, regional e nacional. Divulgavam-se as actividades realizadas, fazia-se eco das expectativas e ambições dos seus primeiros Corpos Sociais, de que se destacava a obtenção de uma sede própria.

A partir do número 5 (Janeiro de 1982), a tiragem passou para 1000 exemplares. Também a partir desta data, o Boletim passou a inserir publicidade, proveniente quase sempre de empresas açorianas, graças à iniciativa de Alfredo Gonçalves Lima. Pequenas notícias de festas, convívios e excursões denotam a preocupação de congregar a pequena comunidade açoriana residente no Norte.

Na última página do número 10 (Junho de 1982) é referida uma notícia decisiva para o futuro da CAN e que mostra o envolvimento das autarquias açorianas no projecto da sede: “*III Encontro das Câmaras Municipais dos Açores, Angra do Heroísmo, 21 a 23 de Maio de 1982 – Deliberação: Foi decidido, por unanimidade, recomendar às Câmaras e Assembleias Municipais da Região a atribuição de um subsídio no montante de 0,5% do produto da receita arrecadada ao abrigo da alínea b) do artº 5º, da Lei 1/79, destinado a auxiliar a aquisição das novas instalações da Casa dos Açores do Norte*”.

Enquanto os primeiros números têm 4 a 8 páginas, o número 11 (Julho de 1982) atinge já 26 páginas e nele vêm publicados, pela primeira vez, o emblema e bandeira da CAN, aprovados na Assembleia Geral Extraordinária de 18 de Junho de 1982, com a respectiva memória descritiva e parecer da comissão constituída para o efeito (General Oliveira e Sousa, Carlos Carreiro e José M. Tavares Rebelo).

O número 12 aparece-nos em Março de 1983, sob a direcção do General Ernesto de Oliveira e Sousa e tendo como director-adjunto Alfredo Gonçalves Lima. Nesta 2ª fase, o Boletim passa a ostentar a informação de que é trimestral, publicando-se 4 números em 1983, 3 números em 1984, 3 em 1985, 1 em 1986, 3 em 1987, 1 em 1988 e 1 em 1989 (até ao número 27). É uma fase em que o Boletim se apoia fortemente nas diversas Secretarias do Governo Regional, publicando sucessivos Suplementos alusivos a cada uma delas, sob a coordenação de Alfredo Lima e Manuel Cândido. O Boletim passa a ter uma média de 20 páginas. Nota-se-lhe um pendor saudosista, na procura de reunir os ilhéus longe das suas terras, como se não estivessem plenamente integrados. A instituição açoriana chama mesmo os jovens que, vindos das nossas ilhas, estudam no Porto, procurando transmutar o ambiente ilhéu para o “cantinho” da rua 31 de Janeiro. Para além disso, salientam-se as excelentes recensões e textos literários do Dr. Manuel Cândido. De realçar ainda, nesta fase, os artigos de investigação histórico-militar do General Oliveira e Sousa, que dão a conhecer figuras e factos da



história dos Açores, com especial enfoque nas gerações oitocentistas.

O número 20 (Setembro de 1985) dá conta da formação do Grupo de Cantares da CAN e da sua composição inicial, liderada por Emiliano Toste. O número 24 (Setembro de 1987) noticia a primeira Festa do Divino Espírito Santo realizada no Porto. A partir deste número, o Boletim é enriquecido com a notável colaboração do Dr. João Emanuel Cabral Leite.

A partir do número 27 (Março de 1989), o Dr. Joaquim Teixeira da Rocha assume a direcção do Boletim, imprimindo-lhe, desde então, uma dimensão

literária nunca antes atingida, começando logo pela introdução de uma nova secção intitulada “Açorianidade”, bem como pela publicação regular do Suplemento “Museus dos Açores”. É a partir do número 28 (Outubro/Dezembro de 1989) que o Boletim passa a designar-se “Boletim Cultural e Informativo”, ostentando um novo visual gráfico da autoria de Joana Pacheco Quental. De referir que, desde o início, a maquetagem e arranjo gráfico devem-se ao Dr. Dilermando Sobral. Entre os números 28 e 31, o Boletim passa a ter de 20 a 24 páginas. A rubrica “Açorianidade”, dinamizada por Teixeira da Rocha, publica textos inéditos sobre Nemésio, Côrtes-Rodrigues, Francisco de Lacerda e Roberto de Mesquita, assinados por J. Almeida Pavão, Ruy Galvão de Carvalho, José Manuel Bettencourt da Câmara, Eduíno de Jesus e Onésimo Teotónio Almeida. Para além disso, podemos realçar a série de artigos “Os Açores vistos por estrangeiros no século XIX”, de João Emanuel Cabral Leite, sobre John White Webster, Jean Gustave Hebbe e Alberto I de Mónaco, bem como um texto de José M. Tavares Rebelo sobre “Um açoriano introdutor do Futurismo em Portugal”, no número 30 (Junho de 1990). Este texto deu origem a outro, intitulado “O modo de ser moderno dum poeta açoriano”, da autoria de Paula Cristina Costa, publicado no número 35.

A partir do número 32 (Junho de 1992), a direcção do Boletim é assumida por José Manuel Tavares Rebelo, tendo-se publicado mais três números, com as mais diferenciadas colaborações e textos inéditos, até ao último número, publicado em Dezembro de 1996, com 48 páginas (número 35).

Desta última fase do Boletim, poderá destacar-se o número 32 (Junho de 1992), pelo relevo dado à jornada cultural “Meio Século de Açores”, realizada de 24 a 27 de Outubro de 1990. Aqui se refere, a propósito, que foi a CAN a estrear a Casa das Artes do Porto como local de exposições, com a “Colectiva de Artistas Açorianos” (Canto da Maya, Dacosta, Nuno da Câmara Pereira, Domingos Rebelo, Tomaz Vieira, Graça Costa Cabral, Ana Vieira, Raposo de França, Luísa Constantina, Carlos



Carreiro e Luís França). Também é referida, neste número, a organização da Jornada “Açores, Anos 40”, realizada no Porto de 8 a 10 de Novembro de 1991, tendo por tema “Corpo Expedicionário: Encontros, Recordações, Reflexão”. Neste número, é dada a notícia da assinatura do contrato-promessa de compra e venda, em 7 de Março de 1992, para a aquisição à Santa Casa da Misericórdia do Porto do edifício em ruínas da rua do Bonfim, 163, bem como dos apoios até então recebidos para a sede: Governo Regional (5.000 contos), Câmara Municipal do Porto (1.000 contos), Casa Bensaúde



(250 contos), Banco Comercial dos Açores (500 contos), Governo Civil do Porto (400 contos), Caixa Económica Açoriana (1.000 contos). No número 33 (Dezembro de 1993), contabilizam-se mais apoios: Governo Civil do Porto (400 contos), Câmara Municipal de Ponta Delgada (500 contos), Fábrica de Cervejas Melo Abreu (50 contos), Câmara Municipal da Praia da Vitória (150 contos), Câmara Municipal do Nordeste (50 contos), Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores (100 contos), Jorge Amorim (50 contos), Manuel Campos Marques e Helena Ávila Campos Marques (100 contos). Neste e nos números seguintes dão-se notícias das diligências efectuadas pelos Corpos Sociais da CAN para a aquisição do chão (casa em ruínas) e construção da sede, sem deixar de manter – antes acentuando-a – a qualidade dos textos e imagens.

Com a aprovação da candidatura ao PIDDAC, noticiada no último número (publicado em Dezembro de

1996), dava-se início a uma tarefa gigantesca: a construção da sede definitiva, a qual foi iniciada em Maio de 1997, sendo a Casa inaugurada dois anos depois. No editorial do último número publicado dizia-se que a nova casa teria *“espaços interiores para a memória, o livro, a música, a arte, o convívio, os sons, a cor, o sabor, o ambiente, a cultura, a conversa, o riso, o amparo”*. Mas também *“espaços exteriores continentais de Região, com produtos qualificados de mãos operativas e espíritos criadores, artigos do comércio e indústria das nossas ilhas, valorizadores do contexto autonómico e do sentimento português”*. A Casa ia projectar *“na cidade ecos e vibrações da terra e mar distantes”*.

A preocupação inicial de reunir os associados sob uma perspectiva saudosista deu lugar, definitivamente, à procura duma imagem forte dos Açores no Norte de Portugal, numa óptica de serviço às comunidades (à de origem e à de inserção), buscando aproximar e dar a conhecer a realidade açoriana aos nortenhos, projectando a cultura e identidade regionais, como marcas da grande vitalidade lusa no Atlântico.

Passámos em revista a imagem da Casa dos Açores do Norte (CAN), através das páginas do seu Boletim Cultural. Passados 12 anos sobre a publicação do último número, a equipa dirigente da CAN foi substituída, em Abril deste ano. Assistimos a uma nova etapa no seu percurso de 28 anos, com uma nova imagem, novas caras e um entusiasmo jovem e dinâmico. Ponciano Oliveira, o novo presidente da direcção, fala-nos do futuro: *“O futuro da Casa dos Açores é a continuação do seu passado, porém com as alterações que a passagem do tempo impõe. Queremos aproveitar a matriz deixada pelos fundadores – comemorando o Divino Espírito Santo, reactivando o Grupo de Cantares, fomentando todas as actividades culturais, abrindo a Casa à cidade, apoiando os familiares de doentes que se desloquem ao Porto para tratamento. Mas vamos trazer novidades. Queremos que a Casa seja um espaço de oportunidades e afirmação para os açorianos, um ponto de encontro e convívio para os jovens, uma marca de vitalidade para o intercâmbio empresarial entre os Açores e o Norte de Portugal”*.

JOSÉ MANUEL TAVARES REBELO
Presidente da Assembleia Geral da CAN



CASA DOS AÇORES DE WINNIPEG

Embaixada em Manitoba

A Casa dos Açores de Winnipeg tem cerca de 400 sócios efectivos – número muito significativo para uma comunidade tão pequena.

A Casa dos Açores de Winnipeg chamava-se Centro Cultural Açoriano de Manitoba, e fora fundado a 13 de Outubro de 1992.

Depois de um período de intensa actividade, realizando iniciativas que revelavam a cultura açoriana junto da comunidade portuguesa em Winnipeg, um incêndio incontrolável devorou, por completo, a sede social do Centro.

Seguiu-se um período de grande desânimo. As pessoas mais ligadas à associação desistiram de enfrentar as medidas necessárias para a reconstrução da sede e abandonaram os projectos que costumavam desenvolver.

Durante muitos anos, a cultura açoriana como que andou em travessia no deserto de Manitoba. O Centro Cultural Açoriano não era mais do que mera referência na memória de alguns.

Porém, foi essa memória que reacendeu vontades e foi ultrapassando obstáculos. Um grupo de sócios, liderado por José Santos, mobilizou a comunidade portuguesa de Winnipeg (com maior empenho, a açoriana) e começou a reestruturar o CCA. Era urgente prosseguir com a promoção e divulgação dos costumes e tradições dos Açores.

Assim, foi com muito trabalho e com a dedicação de parte substancial da comunidade, que se conseguiu adquirir um edifício para sede social do Centro. A fase de angariação de fundos foi das mais activas e entusiastas. Por isso, também foi logo possível comprar o equipamento necessário para o funcionamento da sede.

E logo surgiu a ambição de dar ao Centro um estatuto mais apropriado às funções que desenvolvia, projectando, de forma directa, o nome dos Açores na província de Manitoba. Em reunião de Assembleia Geral, foi aprovada a proposta do Centro passar a designar-se Casa dos Açores.

Paulo Jorge Cabral – cônsul de Portugal em Winnipeg – obteve, junto da Casa dos Açores do Norte, toda a informação necessária para candidatar esta associação a «Casa dos Açores». Para tal, foi necessário proceder à elaboração de um relatório exaustivo sobre as actividades que o Centro vinha a desenvolver e apresentá-lo em reunião do Conselho Mundial das Casas dos Açores. As pretensões da comunidade açoriana de Winnipeg foram, então, acolhidas e aprovadas por unanimidade. O Centro Cultural Açoriano passou a chamar-



Pormenor da fachada da Casa dos Açores de Winnipeg

se Casa dos Açores. Desde então, tudo se tem feito para honrar o nome da nossa Região.

Apesar de ser um dos sócios mais recentes do Conselho Mundial das Casas dos Açores, a CAW já organizou, com sucesso confirmado, uma das reuniões magnas daquele Conselho, aproveitando-se a oportunidade para divulgar, na cidade de Winnipeg, alguns produtos açorianos com selo de qualidade, nomeadamente, queijos e vinhos.

É vasto o rol de actividades que se realizam através desta associação. Em 2001, efectuou-se a primeira Semana Cultural dos Açores. É hoje o acontecimento anual com maior impacto cultural junto da nossa comunidade.

Destaque também para as Festas do Divino Espírito Santo, que mereceram o privilégio de receber, das mãos do Presidente do Governo Regional – Dr. Carlos César –, a Coroa e a Bandeira que as enobrecem.

É pela Casa dos Açores que se organizam grupos para as danças de Carnaval à moda da Terceira, as quais merecem uma aceitação crescente por parte dos portugueses residentes em Winnipeg.

Todos os fins de semana, a Casa dos Açores – através da sua Direcção, do seu grupo de Jovens, dos seus grupos de Folclore e de outros colaboradores – realiza festivais de gastronomia, de folclore, palestras, apresentação de livros, jogos, etc..

A par de todas estas actividades socioculturais, o departamento de acção social da CAW desenvolve um meritório trabalho de ajuda junto de quantos não têm acesso a vários serviços e informações.

Paralelamente, esta associação tem feito parcerias com agências de viagens, promovendo visitas aos Açores por

foi com muito trabalho e com a dedicação de parte substancial da comunidade, que se conseguiu adquirir um edifício para sede social do Centro. A fase de angariação de fundos foi das mais activas e entusiastas.

ocasião de festas e ventos desportivos. Neste contexto, os seus grupos de folclore também já se deslocaram à região, o que constituiu um momento de particular relevância pelo enriquecimento cultural que foi possível partilhar com os jovens.

Todas estas actividades têm merecido o melhor apoio e estímulo por parte da Direcção Regional das Comunidades, na pessoa da Dr^a. Alzira Silva e dos seus colaboradores. Apraz-nos registar aqui o nosso reconhecimento por toda a colaboração disponibilizada.



Palco do salão

A Casa dos Açores de Winnipeg tem cerca de 400 sócios efectivos – número muito significativo para uma comunidade tão pequena. São eles que, com os seus donativos e patrocínios, muito têm contribuído para o enriquecimento do património desta associação, bem como para as obras de beneficiação da sua sede social.

A Casa dos Açores de Winnipeg pretende ser uma espécie de embaixada dos Açores na província de Manitoba. Por isso, é seu objectivo principal promover e divulgar a cultura açoriana.

A Direcção



AÇORIANO COM NOME PRÓPRIO

Numa cassette de trinta minutos, José Carlos Teixeira discorre sobre a sua experiência de vida, alternando serenidade com entusiasmos e também com apreensões e aprendizados. Micaelense dos quatro costados, foi, aos dezoito anos, à aventura da emigração, mas com uma ambição bem diferente da dos seus conterrâneos de então: estudar. Seus pais, não sendo ricos, tinham o suficiente para o deixarem partir, para mais sabendo-o apoiado por um emigrante-pioneiro no Canadá, que o recebeu na sua casa como filho. O pioneiro era seu tio paterno.

Para trás, ficaram os pais, os amigos, a sua então Vila da Ribeira Grande e a ilha de S. Miguel. Ficava também uma participação de cinco anos no Sporting Clube Ideal como jogador e como monitor de futebol infantil. Desde



criança, que cultivava o gosto pelo desporto e pela educação física. A gravação está pontilhada, de forma pertinente, por declarações de afecto ao que deixou, mas que visita com frequência, mitigando saudades e reforçando laços de amizade, pois, após a reforma, é nos Açores que deseja «morrer em paz».

Em Montreal, José Carlos Teixeira aprendeu francês durante ano e meio, a fim de se matricular na Universidade do Quebeque. Optou por fazer o Bacharelato e o Mestrado em Geografia, motivado por uma nova forma de «ler» o espaço geofísico da Terra: a formação e a evolução das áreas residenciais, desta feita com especificidades bem definidas. Atraiu-o a formação dos bairros onde os emigrantes portugueses começaram por se instalar em Montreal; compreender como tiveram acesso à compra de habitação, bem como, alguns anos depois, eles se desviaram para os subúrbios. Daí que a sua tese

de Mestrado se tenha chamado «A mobilidade residencial intra-urbana dos portugueses em Montreal». Esta opção ficou a dever-se à identidade cultural e afectiva que manteve com a comunidade portuguesa, nomeadamente com o seu tio-pioneiro, que lhe relatou a heroicidade dos emigrantes de 1953-54 no Canadá.

Em 1986 e após ter completado o Mestrado, José Carlos Teixeira, preso pelo coração, mudou-se para Toronto. Casou com Maria Teixeira, mais conhecida por Zinha. E seguiu-se o Doutoramento – o que aconteceu em 1993, na Universidade de York. A tese focou a estrutura e a evolução da comunidade portuguesa em Toronto, bem como a análise dos desvios que já ocorriam para os subúrbios, nomeadamente, para Mississauga. Também esta opção colheu argumentos significativos: Toronto é a cidade mais multicultural do Norte da América, com uma população oriunda de quase duzentos países, o que a torna num excepcional laboratório social. Não encontraria melhor espaço para se especializar em geografia humana e social.

Porém, José Carlos Teixeira não se ficou por aqui. Seguiu-se o pós-Doutoramento, sempre concentrado nas áreas de residência das comunidades portuguesas como foco de estudo e de investigação. Desta vez, foi ajudado por uma bolsa de dois anos, concedida pela Social Sciences and Humanities Research Council of Canada.

Entretanto, começou a leccionar na Universidade de York, actividade que exerceu até 1996. Depois, foi contratado pela Universidade de Toronto – a maior do Canadá, com uma população estudantil superior a 50.000 pessoas –, onde leccionou durante cinco anos – primeiro no campus de Scarborough e, depois, no de St George (este localizado bem no centro da cidade). Para José Carlos Teixeira, foi muito importante a sua estada na Universidade de Toronto, cuja qualidade académica é reconhecida em todo o mundo.

Esta presença valeu-lhe mais uma mudança. Em 2006, a Reitoria da Universidade de British Columbia convidou-o para professor associado, com entrada directa para o quadro de docentes. Foi para o campus de Kelowna, situado

no vale paradisíaco de Okanagan e que é frequentado por 4.500 alunos – espécie de contraponto ao campus de Vancouver com os seus 45.000.

Importa referir que a UBC é uma das cinquenta universidades que o «mundo académico» reconhece com melhor trabalho desenvolvido na área da investigação. O vale de Kelowna, por sua vez, desperta os melhores sentimentos (e também recordações) em José Carlos Teixeira: o clima ameno, protegendo uma área de pomares, vinhas, jardins e extensões de verde, faz lembrar os Açores. «Só falta o mar...»

Aplicando muito do seu tempo ao ensino, investigação e estudo, José Carlos Teixeira não descarta o seu envolvimento com as comunidades portuguesas, a quem dedica os méritos alcançados com o seu trabalho – um trabalho que desenvolve com crescente exigência. Por isso, participa, frequentemente, nas semanas culturais e nas festas promovidas pelas associações lideradas por pessoas das comunidades, procurando deixar o seu contributo para ajudar a garantir a afirmação social e cultural das gentes portuguesas. Paralelamente, viaja amiudadas vezes para estar presente em conferências e congressos que desenvolvem temas da sua especialidade, onde participa sob consideração e apreço internacionais. Por isso, sucedem-se os convites para publicar ensaios da sua área de investigação e estudo. Tem cinco livros publicados, bem como dezenas de artigos e de monografias em revistas da especialidade.

O reconhecimento pelo trabalho de José Carlos Teixeira tem sido manifesto através da atribuição de múltiplas distinções. Mereceram elogios os seus trabalhos sobre Geografia Urbana e Social e Estudos Étnicos, atribuído pela Universidade onde lecciona. Esta distinção, designada por «Outstanding Research», foi em grande parte justificada pela atribuição do «Merit Award» durante quatro anos seguidos.

Para além de ter sido considerado o «investigador do ano» José Carlos Teixeira recebeu o prémio «The Teaching Award». E 2008 culminou com a entrega do «Prémio Talento» para a categoria de «Ciência» – prémio que é atribuído pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. De entre três finalistas (um holandês, um francês e um luso-canadiano), foi ele o contemplado.

Actualmente, elabora um estudo sobre o acesso à habitação, analisando, ao pormenor, as dificuldades que os emigrantes têm de enfrentar para terem casa própria. Durante semanas, entrevistou dezenas de pessoas oriundas de todo o mundo para saber que tipo de moradia é que desejam ter prevendo também quais as possibilidades de que dispõem. Com base nas conclusões encontradas, fará recomendações aos governos provincial, municipal e federal, tendo em vista proporcionar a aquisição de moradias de acordo com as possibilidades financeiras de cada interessado.

Mais uma vez e em reconhecimento pelo trabalho que vem a desenvolver na área da Geografia social, José Carlos Teixeira foi nomeado «Priority Leader» do projecto «Metropolis Canada», na qualidade de coordenador dos


cinco centros de investigação para a área da habitação («Housing and Neighbourhoods»).

Ao referir as distinções que lhe têm sido concedidas, José Carlos Teixeira menciona também, com particular emoção, ter recebido a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, atribuída pela Presidência da República Portuguesa.

José Carlos Teixeira é, assim, um dos muitos açorianos que enfrentou a aventura da emigração com vista à concretização dos seus próprios sonhos. Felizmente, ele faz parte de um número cada vez maior, que se tem distinguido em todas as áreas da Ciência, das Letras e das Artes e que, revelando as suas raízes, se afirmam com nome próprio e engrandecem a terra onde nasceram – neste caso, os Açores.



Prémio “University of British Columbia – Okanagan Teaching Award” – 2006-2007



Noticiada no nº 3 desta revista, a Marcha dos Imigrantes, como ficou conhecida, constituiu um sucesso na sua apresentação, quer na noite de São João em Angra do Heroísmo quer na Praia da Vitória por ocasião da realização da «Feira Viver Culturas – Açores 2008». Aqui se deixa um pequeno conjunto de imagens a testemunhar o que foi esse convívio mágico de gentes através das danças e temperos.

MARCHA COM GENTES DANÇAS E TEMPEROS



2 A fes-ta não tem lin-gua não tem cor. É es-ta i-lha sem-pre mais con - ten-te

16 É co-mo co-ra - ção chei-o dea - mor, É es-te co-lo bem chei-o de gen-te

24 Que ri e se di - ver-te can-tae a - ma A - brin-dos por-tas to-das d'a-le - gri-a

32 Gen-gi-bre e ca - ril nos dão a fa-ma De bei-jos tem-pe - ra-dos com poe - si-a

41 A nos-sa mar-cha é a so-ma dos sa - bo-res com a - fec tos e as

50 co-res de quem can-ta pe-la ru-a Só quem a bai-la sa-beo

58 queé u-ma cha - ram-ba, um go - pa-k ou um sam-ba ea ca - be-ça che-gaa lu-a É

65 quees - ta mar-cha É o que a-gen-t'es - pe - ra du-ma mor-naou co - la -

72 de - ra, num sor - ri - so de mu - lher. E São Jo - ão sempre,

78 sem - pre com mais fé, lá diz que a mar-cha é só o quea gen-te qui - ser.

2 - Sarmale traz o gosto do cimbrul;
Alcatra traz o cheiro a pau de cravo;
A moça traz, nos olhos, um azul...
Que o moço lá se amansa como bravo.
A marcha é cachupa, feijoada,
Cheirando a jindungo e canela;
É esta quadra solta mal rimada
Que te fica a espreitar pela janela. (Refrão)

3 - Quem sabe porque anda S. João
Fazendo à tristeza cafuné..
Apenas resta o gosto do açafão
Caíndo no aroma do café.
A marcha é coquetel de muitas cores
Alegres como sonhos de água pura!
Pois esta é a festa dos Açores!
Pois esta é a cidade da ternura! (Refrão)





Заедно в многообразието... Společně v rozmanitosti... Sammen og forskellig...
Erinevad üheskoos... Η διαφορετικότητα μας ενώνει... Együtt a sokszínűségben...
Zjednoczeni w różnorodności... Împreună în diversitate... Tillsammans i mångfald...
Būt kopā dažādībā... Spoločne v rozmanitosti... Povezani v raznolikosti...



Em ano de promoção do diálogo intercultural, o programa da «Feira Viver Culturas – Açores 2008» trouxe até à cidade da Praia da Vitória sons e sabores de cinco continentes.

A reportagem mostra como foram convividos os três dias de Feira que, acima de tudo, se tornaram numa verdadeira «comemoração à vida».

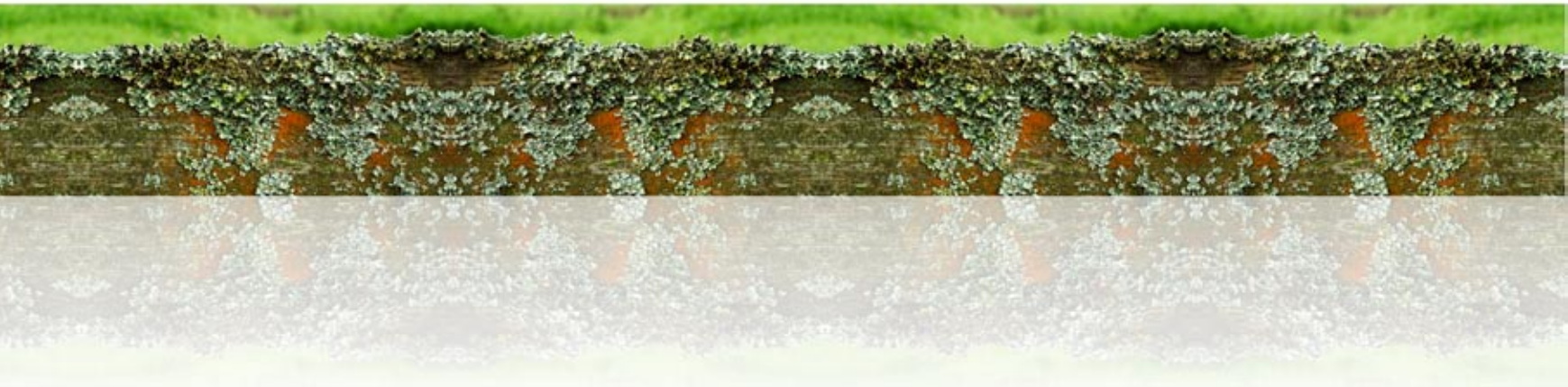




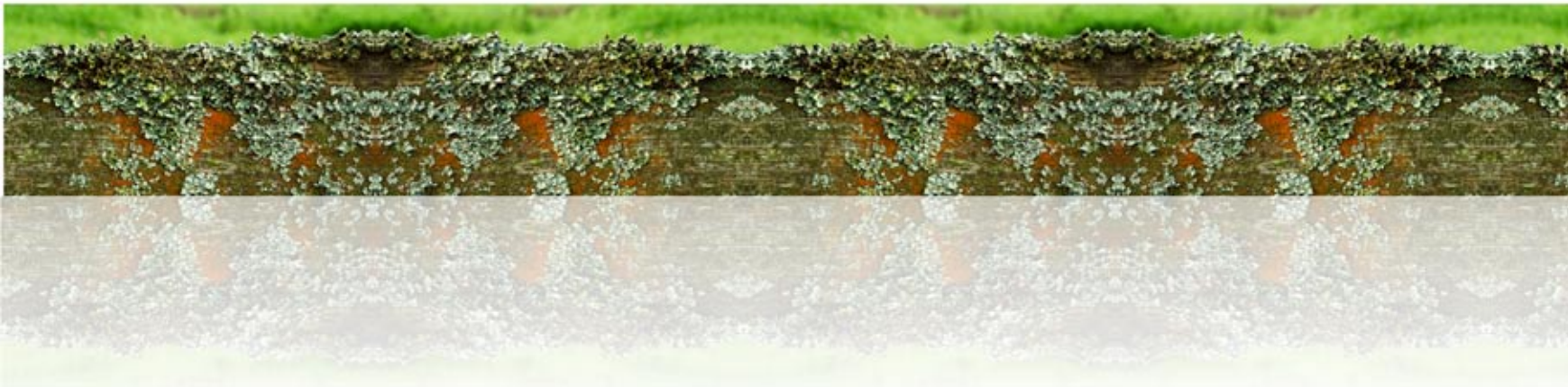








marés de todos os mares





CONFERÊNCIA INTERNACIONAL “Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares”

Frequentemente situadas nas periferias ou ultra-periferias geográficas dos principais centros de poder político e económico, as ilhas são, em muitos casos, lugares de encontro e transição, pontos de apoio nas rotas internacionais de comércio e de circulação de pessoas.

As migrações humanas constituem um fenómeno marcante da história económica e social e do quotidiano de muitas ilhas. Desde as migrações iniciais, de povoamento e colonização, muitos espaços insulares foram amplamente marcados pelos efeitos da mobilidade humana, seja para ilhas mais centrais e mais urbanizadas do mesmo arquipélago (e.g. para S. Miguel, no arquipélago dos Açores; para S. Tiago em Cabo Verde; para Tenerife ou Grã Canária, nas Canárias; para Tongatapu no arquipélago de Tonga ou para Viti Levu nas ilhas Fiji) de espaços continentais pertencentes ao mesmo país (e.g. madeirenses e açorianos para Portugal continental, antilhanos para a Holanda, naturais da Martinica e de Guadalupe para França), ou para países estrangeiros (e.g. malteses para a Austrália e Reino Unido; cabo-verdianos para Portugal; açorianos para o Canadá e Estados Unidos da América; madeirenses para a Venezuela e África do

Sul; fijianos para a Austrália ou naturais das Ilhas Tonga para a Nova Zelândia e Austrália).

Frequentemente situadas nas periferias ou ultra-periferias geográficas dos principais centros de poder político e económico, as ilhas são, em muitos casos, lugares de encontro e transição, pontos de apoio nas rotas internacionais de comércio e de circulação de pessoas. Circunscritas a um território limitado e a um quadro de relações sociais mais ou menos fechado, estes espaços foram gerando, ao longo do tempo, processos importantes de interação com o exterior que, inevitavelmente, se ampliaram no presente contexto de reforço das interações globais, no quadro de um mundo globalizado.

Como referem King e Connell (1999), os emigrantes ilhéus, apesar de serem originários de “pequenos mundos”, têm “vidas globais”, mantendo ligações fortes com a ilha de onde são originários (através de visitas,



envio de remessas, apoio a associações locais, relações comerciais entre os locais de origem e de destino, etc.). Deste modo, o capital social das comunidades insulares, incluindo os membros da diáspora, constitui um elemento fundamental da sustentabilidade económica de muitas ilhas, conferindo-lhes a flexibilidade e a capacidade de adaptação necessárias para aproveitar as oportunidades e responder colectiva e eficazmente aos desafios do mundo global (Badacchino, 2005).

Num estudo recente, Bertram e Poirine (2007) demonstraram que as ilhas, quanto mais pequenas e isoladas forem, maior é a necessidade de se abrirem ao mercado global e de se especializarem numa actividade particular, aproveitando novos nichos de oportunidade económica. A este propósito referem o exemplo da transição das Ilhas Caimão e das Marianas do Norte, de economias baseadas nas remessas dos emigrantes e na ajuda internacional ao desenvolvimento, para uma economia de serviços financeiros assente num paraíso fiscal, no primeiro caso, e uma economia exportadora de artigos de vestuário para os Estados Unidos da América, no segundo. Os mesmos autores verificaram também, a partir da análise económica de 69 ilhas e arquipélagos, que o índice de vulnerabilidade económica (uma medida da especialização da actividade económica) apresenta uma correlação positiva (e não negativa) com o rendimento per capita.

Não obstante este processo de “recentramento” de algumas periferias insulares, evidente no crescimento económico de regiões como a Irlanda, os Açores e a Madeira e nas transições da emigração para imigração verificadas nas Canárias ou em Chipre, as discussões em torno do desenvolvimento ou dos custos da “perifericidade” não estão ultrapassadas.

Quais os contornos da relação entre emigração e imigração nos espaços insulares?; Qual é – ou pode ser – o papel dos emigrantes e descendentes nos processos de desenvolvimento?; Como se podem implementar estratégias efectivas de desenvolvimento, simultaneamente nos territórios de origem e destino?; Há uma especificidade nas políticas migratórias que envolvem os espaços insulares?; Existem – ou podem vir a existir – projectos comuns de “espaços integrados insulares”, como a Macaronésia, que tenham em conta as migrações? – Estas e muitas outras questões relacionadas com as migrações internacionais e o desenvolvimento

de muitas ilhas e arquipélagos, fortemente marcados pelas mobilidades humanas, com destaque para a Região Autónoma dos Açores, foram debatidas durante a conferência internacional **Aproximando mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares**, que decorreu em Angra do Heroísmo (Ilha Terceira), em 29 e 30 de Maio de 2008.

Esta conferência, co-organizada pela Direcção Regional das Comunidades (Açores), pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, pela Fundação Luso-Americana e pelo Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, com o apoio da Câmara Municipal de Angra de Heroísmo, surge na continuidade da 11ª Conferência Internacional Metropolis, realizada em Lisboa, de 2 a 6 de Outubro de 2006 e representa um passo importante no aprofundamento da cooperação entre instituições universitárias, governamentais e organizações da Sociedade Civil, em Portugal. Deste modo, este evento contou com a participação de mais de uma centena de congressistas originários de dez países (Portugal, Canadá, Estados Unidos da América, Reino Unido, Nova Zelândia, Cabo Verde, Noruega, Itália, Espanha e Grécia), incluindo académicos, estudantes universitários, decisores políticos, representantes de associações de imigrantes e ainda quadros dirigentes do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, da Direcção Regional das Comunidades (Açores) e de outros organismos da Administração Pública Regional e Autárquica.

O programa de actividades da conferência compreendeu dois dias de trabalho intenso, repartidos entre sessões plenárias e *workshops* e um excelente programa social preparado pela Direcção Regional das Comunidades. Os oradores convidados tiveram ainda oportunidade de participar numa excursão panorâmica pela Ilha Terceira e numa visita à Cidade de Angra do Heroísmo, também patrocinada pela Direcção Regional das Comunidades, e gentilmente guiada por um profundo conhecedor da história e do património artístico e cultural da cidade – o Cônsul honorário de Cabo Verde nos Açores, Jácome de Bruges Bettencourt, realizada no dia 31 de Maio.

Na sessão de abertura intervieram António Vicente (Fundação Luso-Americana), Maria Lucinda Fonseca (Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa), Luísa Brasil, Vereadora da Cultura da

Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Rosário Farmhouse (Alta Comissária para a Imigração e o Diálogo Intercultural), Sérgio Ávila (Vice-Presidente do Governo Regional dos Açores) e Fernanda Mendes (Vice-Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores). A presença de tão destacados representantes do governo central e regional, bem como do parlamento açoriano e do município de Angra, testemunham a crescente relevância das migrações internacionais, na agenda política nacional, em diferentes escalas territoriais de intervenção dos poderes públicos.

A primeira sessão plenária, intitulada “*Migrações, Insularidade e Relações Internacionais*” iniciou-se com uma conferência magistral – “Geografia, ilhas e migrações numa era de mobilidade global” – proferida por Russell King (Sussex University, Reino Unido), a que se seguiu um painel de discussão, moderado por Maria Lucinda Fonseca, em que intervieram quatro oradores convidados: Arnaldo Andrade Ramos (Embaixador de Cabo Verde em Lisboa); Helena Calado (Universidade dos Açores);

José Itzigsohn (Brown University, Estados Unidos da América) e Carolina Marçalo (ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão de Lisboa).

Russell King analisou a evolução do papel das ilhas no actual contexto de globalização e de crescente diversificação das motivações e dos regimes temporais e espaciais das migrações. Após algumas reflexões sobre o “estado da arte” dos estudos sobre ilhas e migrações, tomando como referência os casos de Malta e Chipre, o autor apresentou dois cenários para a futura agenda de investigação sobre ilhas e migrações, na era da globalização: i) o papel das ilhas como “laboratórios microcósmicos” para o estudo dos diversos tipos de migrações e processos migratórios, bem como da forma como os distintos grupos de migrantes e turistas interagem entre si e com a população autóctone; ii) a crescente importância geopolítica de algumas ilhas do Mediterrâneo e do Atlântico enquanto pontos estratégicos das rotas da imigração clandestina para a União Europeia.

No painel que se seguiu à conferência de abertura,



Arnaldo Andrade Ramos analisou a relação entre migrações e desenvolvimento em Cabo Verde. Após uma reflexão sobre o papel das migrações na construção da identidade cabo-verdiana, analisou os ciclos da emigração do arquipélago nos séculos XIX e XX, para, finalmente, se debruçar sobre os desafios que o reposicionamento do país no sistema das migrações internacionais, nomeadamente sobre o papel da diáspora Cabo-verdiana no desenvolvimento das ilhas e na participação política nacional.

Helena Calado, introduziu uma perspectiva nova e de crescente relevância nos estudos migratórios, reflectindo sobre a importância cada vez maior das deslocações de população provocadas por eventos climáticos extremos, desastres naturais e catástrofes ecológicas. As regiões insulares, pelas suas dimensões, características litológicas, estrutura geotectónica, topografia e condicionantes de natureza hidrogeológica, apresentam maior vulnerabilidade resultante dos impactes das alterações climáticas. Após uma análise global deste fenómeno, a autora abordou o caso particular das ilhas da Macaronésia, alertando para a necessidade de promover a investigação neste domínio para que sejam desencadeados mecanismos de prevenção e minimização dos riscos associados a este tipo de fenómenos, bem como respostas humanitárias e políticas adequadas para a reinstalação das populações afectadas.

José Itzigsohn, numa comunicação intitulada “*Nação Transnacional? Transnacionalismo e incorporação dos imigrantes dominicanos nos Estados Unidos da América*”, tratou um tema recorrente da literatura mais recente sobre as migrações internacionais: o processo de desenvolvimento das práticas transnacionais dos migrantes e os seus efeitos na construção de um espaço simbólico transnacional e nas dinâmicas actuais de transformação política e económica, das regiões de origem e destino dos migrantes. A partir da experiência dos dominicanos nos Estados Unidos da América, o autor debruçou-se ainda sobre os limites e constrangimentos das práticas transnacionais deste grupo particular, concluindo que a participação transnacional tem de ser analisada na sua relação com o processo de incorporação no país de acolhimento. As localidades em que as pessoas vivem as suas vidas são importantes e os imigrantes fazem um grande esforço nos processos de incorporação na sociedade de acolhimento. As fronteiras nacionais

desvanecem-se, mas não desaparecem e, em muitos aspectos, elas adquirem uma importância renovada.

No seguimento da intervenção de José Itzigsohn, Carolina Marçalo apresentou os resultados de um trabalho de investigação sobre o transnacionalismo económico dos portugueses residentes nos Estados Unidos da América e dos seus efeitos no desenvolvimento de Portugal. Com base na análise da evolução das remessas dos emigrantes para Portugal, em entrevistas semi-estruturadas e ainda num estudo de caso de empresas “étnicas” que envolvem a comunidade portuguesa estabelecida na Nova Inglaterra e a Região Autónoma dos Açores, a autora verificou que as relações económicas que os descendentes dos imigrantes portugueses, com níveis de instrução mais elevados e melhor integrados nos Estados Unidos estabelecem com a região de origem, assentam fundamentalmente em relações empresariais, enquanto no caso dos imigrantes da primeira geração, menos integrados e instruídos, as remessas constituem o principal elo de ligação com a terra natal. Embora se trate apenas de um estudo de caso, estes resultados sugerem que, tendencialmente, uma integração bem sucedida, favorece o desenvolvimento de práticas económicas transnacionais, com efeitos positivos mais duradouros no desenvolvimento dos territórios de origem do que o envio de remessas.

Os trabalhos prosseguiram durante a tarde, primeiro num *workshop*, moderado por Catarina Oliveira (Alto Comissariado para a Investigação e o Diálogo Intercultural), a que se seguiu uma mesa redonda sobre “*As especificidades das migrações nos espaços insulares: relações sociais, integração e desenvolvimento*”.

No *workshop* foram apresentadas e discutidas comunicações livres, sobre diferentes aspectos das migrações em espaços insulares, nomeadamente: i) uma reflexão teórica sobre o papel dos espaços insulares no confronto entre os efeitos da insularidade e das migrações na relação entre a manutenção da tradição e o desenvolvimento dos territórios, feita a partir da análise da persistência de usos e costumes medievais nas Ilhas do Canal da Mancha, da autoria de António Henrique Pontes Tavares (Direcção Regional das Comunidades, Açores); ii) um estudo de Luís Nilton Corrêa (Universidade de Salamanca, Espanha) sobre a génese da emigração açoriana para o Curaçau e iii) um trabalho de Eduardo Costa Ferreira (Universidade dos Açores) sobre as migrações de estudantes cabo-verdianos para o

arquipélago dos Açores.

Uma mesa redonda que se seguiu ao *workshop*, moderada por Bernardo Sousa (Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural) contou com a participação da Directora Regional das Comunidades, Alzira Silva, de dois reputados académicos da diáspora açoriana: Irene Blayer (Brock University, Canadá) e Francisco Cota Fagundes (Massachusetts Amherst University, EUA), de James McGlinchey, coordenador do Projecto “The Portuguese American Citizenship”, promovido pela Fundação Luso-Americana para estimular a participação política dos portugueses emigrados nos Estados Unidos da América, e de Paulo Mendes (Presidente da Associação dos Imigrantes nos Açores).

Alzira Silva, centrou a sua intervenção na relação entre migrações e cultura, analisando três tópicos fundamentais: o processo de construção da identidade cultural açoriana; a dispersão e a preservação dos elementos culturais pela emigração do arquipélago e a sua interacção com outras culturas; a receptividade a culturas consideradas estrangeiras e as novas culturas influentes no quotidiano das ilhas, transportadas pelas comunidades imigrantes.

Francisco Cota Fagundes falou sobre a importância do fortalecimento dos laços entre as Comunidades Autóctone e Diaspórica, na manutenção e promoção da língua portuguesa e da literatura açoriana e açor-americana, nos Estados Unidos da América, apresentando algumas ideias de projectos de cooperação entre universidades americanas e a Universidade dos Açores, neste domínio de investigação.

Irene Blayer apresentou um projecto de investigação em que está a trabalhar, sobre o comportamento linguístico-cultural dos emigrantes açorianos residentes nas periferias urbanas da Província de Ontário. Este estudo de narrativas diaspóricas contribuirá para compreender alguns dos mecanismos de expressão linguística açoriana e algumas das estratégias para a construção de uma identidade açoriana no Canadá.

James McGlinchey discutiu a importância da participação política dos imigrantes nos países de acolhimento a partir da análise da experiência dos açorianos emigrados em três regiões dos Estados Unidos da América: (1) New Bedford e Fall River, Massachusetts, (2) East Providence e Pawtucket, Ilha de Rhode, (3) San Joaquin Valley, Califórnia.

Finalmente, Paulo Mendes, analisou o processo de transição do arquipélago dos Açores de um território de emigração para uma região de acolhimento de um fluxo migratório mais ou menos regular, obedecendo aos mesmos contornos que o fenómeno assume no continente português, nomeadamente, em relação à origem e à inserção sócio-laboral.

No dia 30 de manhã realizaram-se três *workshops*: No primeiro, moderado por Jorge Malheiros (Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa) foram apresentadas e discutidas duas comunicações: Rolando Lima Lalanda Gonçalves (Universidade dos Açores) apresentou um modelo de análise dos processos migratórios, desenvolvido a partir da teorização e operacionalização do conceito “espaço de oportunidade” no contexto dos “territórios insulares”; Alina Esteves e Eduardo Brito Henriques (ambos do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa) analisaram o papel da emigração e da constituição de diásporas insulares muito dispersas, no desenvolvimento de uma nova centralidade das ilhas e arquipélagos, na arena global, materializada nas práticas transnacionais das suas comunidades diaspóricas.

No segundo *workshop*, moderado por Maria Lucinda Fonseca, intervieram três oradores. Apostolos G. Papadopoulos (Harokopio University of Athens, Grécia), analisou, a partir de um estudo empírico efectuado na ilha de Zakyntos (desenvolvido em colaboração com Charalambos Kasimis da Agricultural University of Athens, Grécia), a importância da imigração na satisfação da procura sazonal de mão-de-obra na agricultura, construção civil, hotelaria e restauração nas ilhas gregas, concluindo que o recrutamento de trabalhadores estrangeiros constitui, por isso, um factor fundamental do desenvolvimento e sustentabilidade das economias multifuncionais dos territórios insulares.

Francisco José Lopes Câmara (Universidade dos Açores), numa comunicação escrita em co-autoria com Vítor Corado Simões (ISEG, Lisboa), discutiu o papel das redes sociais, com destaque para as ligações com as comunidades emigradas, na internacionalização das PME's, através da ligação a novos mercados e do conhecimento das especificidades de mercados particulares.

O *workshop* terminou com uma reflexão feita por Frank F. Sousa (University of Massachusetts Dartmouth, Estados Unidos da América) sobre a construção da

identidade dos imigrantes açorianos nos Estados Unidos da América, feita a partir da análise de dois romances de Alfred Lewis: “Home Is an Island” e “Sixty Acres and a Barn”.

O terceiro *workshop*, moderado por Alina Esteves, debruçou-se sobre a dinâmica migratória açoriana, desde a emigração no século XIX até à vaga imigratória que se começou a desenvolver, com maior regularidade, a partir de meados dos anos noventa do século passado. Susana Silva e Carlos Cordeiro, (Universidade dos Açores) reflectiram sobre as motivações e processos da emigração dos Açores para o Hawai e os Estados Unidos da América, a partir de meados do século XIX; Sandra Roberto, também da Universidade dos Açores, tratou a problemática da incorporação dos emigrantes açorianos nos Estados Unidos da América e no Canadá e da reintegração nos Açores dos emigrantes regressados, voluntariamente ou por terem sido expulsos pelas autoridades americanas. Por fim, Aníbal Pires (Associação dos Imigrantes nos Açores) reflectiu sobre a inserção territorial e laboral dos imigrantes na Região.

A sessão plenária da parte da tarde, intitulada “*Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*” iniciou-se com conferências proferidas por dois especialistas em estudos insulares e migrações: Richard Bedford (Waikato University, Nova Zelândia), e Godfrey Baldacchino (University of Prince Edward Island, Canadá).

A intervenção de Richard Bedford, profundo conhecedor das ilhas e arquipélagos do Pacífico, centrou-se na análise da mobilidade contemporânea num contexto transnacional, debruçando-se sobre os processos de migração internacional, o retorno, a re-emigração e os complexos sistemas de mobilidade circular entre os países insulares, bem como de e para países na Orla do Pacífico. Face à diversidade da situação particular das ilhas e arquipélagos da Melanésia, Micronésia e Polinésia, ao nível das oportunidades de acesso ao emprego e à residência em países fora da sua ilha, o conferencista analisou em detalhe, a relação entre migrações e desenvolvimento da região, considerando os seguintes aspectos: um crescimento rápido da população jovem; elevados níveis de desemprego; mercados de produtos locais limitados; níveis insustentáveis de extracção de madeira, peixes e de recursos minerais; mudanças climáticas; e sistemas de governação instável em alguns

países.

Godfrey Baldacchino, especialista nos estudos das ilhas do Atlântico e do Mediterrâneo, numa conferência intitulada *Imigrantes, turistas, e outros de fora: “Venha visitar, mas não permaneça” – A ameaça de invasão para as sociedades insulares*, reflectiu sobre a emergência e os efeitos de relações conflituosas entre autóctones, emigrantes, imigrantes e turistas, no desenvolvimento dos espaços insulares, no actual contexto de globalização, crescimento e diversidade das mobilidades humanas. Fundamentando a sua análise nos casos da ilha de Prince Edward – a mais pequena província do Canadá (e plenamente isolada) – e de Malta, G. Baldacchino demonstrou que, apesar da sua aparente abertura, economias turísticas vibrantes e natureza geralmente acolhedora, muitas sociedades insulares têm desenvolvido atitudes hostis face a um determinado tipo de imigrantes, especialmente os que vêm de países vistos como não sendo “desenvolvidos”. Embora o capital social interno das comunidades insulares tenda a ser muito forte, o seu capital social de ligação é fraco. Além disso, concluiu ainda que as percepções da insignificância, a afirmação da identidade da ilha, a elevada densidade populacional, a gentrificação e a ameaça de invasão / medo do “Outro” e outros aspectos do quotidiano das ilhas constituem também factores influentes da interacção entre os “recém-chegados” e os “locais”.

Os trabalhos terminaram com um painel, moderado por Paulo Teves (Direcção Regional das Comunidades, Açores) em que participaram três destacados investigadores: Carlos Teixeira, (Universidade de *British Columbia*, Canadá, natural de S. Miguel, Açores); Gilberta Rocha (Universidade dos Açores) e Jorge Malheiros (Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa).

O foco da apresentação de Carlos Teixeira foi um balanço histórico de três gerações de açorianos e de cinco décadas de presença de portugueses no Canadá, na perspectiva da incorporação no país de destino e das relações da diáspora com a região e a ilha de origem.

Gilberta Rocha apresentou os resultados de um estudo sobre os efeitos da emigração no envelhecimento demográfico (e no desenvolvimento) das diferentes ilhas do arquipélago. Por fim, Jorge Malheiros reflectiu sobre os desafios e as novas oportunidades de desenvolvimento dos espaços insulares num mundo cada vez mais pequeno

e inter-relacionado. Tendo em consideração os efeitos da afirmação das estruturas sócio-espaciais em rede, o autor analisou as oportunidades de desenvolvimento potenciadas por algumas das redes mundiais em expansão global (e.g. turismo e mercados de capitais) sobre a inserção das ilhas no espaço global, tomando como referência o arquipélago dos Açores e o espaço da Macaronésia.

A conferência decorreu num ambiente muito agradável e informal, facto que facilitou muitíssimo a interacção e a partilha de conhecimentos e experiências entre os participantes, prolongando a discussão e o debate de muitas das questões tratadas durante as sessões plenárias e nos *workshops*, para os períodos de pausa e para as horas das refeições.

Retomando as questões iniciais, chega-se facilmente à conclusão que a complexidade dos temas abordados nesta conferência, o ritmo das transformações em curso e a diversidade de agentes e processos de mudança que foi possível identificar, não permitiram encontrar a chave da resposta para muitas dessas perguntas. Contudo, importa relevar os contributos para aclarar e aprofundar algumas das interrogações de partida e identificar novas linhas de investigação.

Como sublinhou Russell King, além dos temas mais comuns na primeira geração de estudos sobre ilhas e migrações, centrados na emigração, retorno, despovoamento, diásporas e transnacionalismos (como aconteceu em muitas das comunicações apresentadas), importa desenvolver uma nova área de pesquisa sobre o papel dos espaços insulares nas relações internacionais e na emergência de novas políticas de regulação das migrações e de integração de imigrantes.

A crescente diversificação nas motivações e nos regimes temporais e espaciais das mobilidades humanas nos espaços insulares (mobilidades intra-ilhas, inter-ilhas,

de e para espaços continentais pertencentes ao mesmo país, de e para outros países; turismo residencial e de férias, etc.) configura também um campo de análise a privilegiar, não só no domínio das interacções que se estabelecem entre indivíduos e grupos com distintas origens geográficas, sociais e étnicas, e nos processos de fragmentação sócio-territorial, mas também nos efeitos dessa diversidade no posicionamento dos espaços insulares nas principais redes de interacção à escala regional e global (redes de transporte, fluxos comerciais, financeiros, turísticos, etc.) e, conseqüentemente, nos desafios e oportunidades que colocam ao seu desenvolvimento.

No plano político, muitos espaços insulares, mesmo alguns dos mais remotos, tendem a adquirir uma nova centralidade, resultante da sua importância geopolítica no contexto da globalização. Por isso, embora pareça um paradoxo, a dimensão política (interna e internacional) ganha novo protagonismo na dinâmica das migrações internacionais e nos processos de desenvolvimento das regiões insulares.

MARIA LUCINDA FONSECA

Referências

Badacchino, G. (2005). "The contributions of "Social Capital" to Economic Growth: Lessons from Island jurisdictions", *The Round Table*, Vol.94 (378), pp. 31-46.

Bertram, G.; Poirine, B. (2007) "Islands and Political Economy", in: G. Baldacchino (ed.) *A World of Islands*, Charlottetown, University of Prince Edward island, Institute of Island Studies, pp. 325-377.

Connell, J. (2007) "Migration2, in G. Baldacchino (ed.) *A World of Islands*, Charlottetown, University of Prince Edward island, Institute of Island Studies, pp. 455-481.

King, R.; Connell, J (eds.) (1999) *Small Worlds, Global Lives: Islands and Migration*, London, Pinter.





IMIGRAÇÃO E OS VENTOS POUCOS FAVORÁVEIS NA EUROPA

Vivemos numa época de profundas e complexas transformações e se a constatação ou o conhecimento dessas tendências são importantes, não são, porém, suficientes. Em simultâneo com essas constatações da realidade, é exigível, no entanto, um esforço colectivo no sentido de tentar organizar e adaptar as nossas instituições, alterar as percepções e fazer emergir novas formas de participação e (re)construção de cidadania, adaptadas aos novos contextos sociais, políticos e económicos. Nesta discussão em torno do conceito de cidadão, as migrações assumem um papel central já que estas desafiam permanentemente a noção tradicional do Estado Nação tendencialmente ancorado no território de nascimento das pessoas.

A constatação óbvia, dirão alguns, é que o mundo mudou com o processo da globalização. Os Estados e as sociedades estão cada vez mais interligados e interdependentes; a globalização económica constitui um dos aspectos mais visíveis desta interdependência, sendo que a crise financeira que estamos a atravessar é reveladora, pelas priores razões, desta interdependência. Se o processo de globalização tem potencialidades de difícil contestação, é verdade, igualmente, que o seu impacto apresenta níveis terrivelmente desiguais. Um olhar, mesmo que superficial, ajuda-nos a concluir que as disparidades entre os países ricos e pobres não têm diminuído, aliás, muito pelo contrário.

De acordo com o Departamento para as Populações da ONU, existem, actualmente, perto de 200 milhões de migrantes internacionais. A União Europeia acolhe, actualmente, perto de 28 milhões de imigrantes, dos quais dois terços são provenientes dos países terceiros. Todos os dados apontam que, num futuro próximo, a Europa irá precisar mais de 30 milhões de imigrantes, como garantia do desenvolvimento económico, estabilidade demográfica e, conseqüentemente, a sustentabilidade do sistema da segurança social. Esses dados objectivos assentes numa leitura utilitária da imigração, constituem um dos pontos de partida possíveis para que a questão da imigração seja apropriada na agenda política europeia, de forma positiva e pró-activa. Um outro ponto de partida seria o de uma dimensão mais simbólica, ou seja, o

direito à livre circulação de pessoas, na perspectiva de que os indivíduos possam viver onde quiserem, ou seja, o direito de migrar. De qualquer modo, temos noção que as disparidades estão cada vez mais agudas entre os países ricos e pobres, a própria necessidade das nações mais ricas em terem mão de obra disponível para exercerem algumas actividades para as quais não existem respostas suficientes no quadro de mão de obra local, exerce uma pressão permanente da entrada dos imigrantes na Europa. Como já referi, a dinâmica migratória actual deveria constituir um forte argumento para que os países de acolhimento dos migrantes pudessem adoptar políticas sérias em torno da integração.

Portugal, país de imagem tradicionalmente associada à emigração, constitui, hoje, um espaço consolidado de acolhimento dos imigrantes, que representam já cerca de 5% da população residente, 10% da população activa, 7% do PIB nacional e um contribuinte líquido positivo para as finanças portuguesas. Apesar dos passos que já foram dados no país em torno da questão e integração, Portugal não fica isento dos ventos pouco favoráveis que têm sido uma constante no centro de decisão do espaço europeu.

Voltando à ideia inicial devo dizer que paradoxalmente e, não obstante da importância que as imigrações e os migrantes representam, o tema é insistentemente apropriado pelos actores políticos europeus, através de uma perspectiva errada e perigosa. A Directiva de retorno, recentemente aprovada que tende a criminalizar os imigrantes e potenciado um clima perigoso junto das sociedades de acolhimento, é um dos muitos exemplos, destes ventos que contrariam a época em que vivemos e a construção de uma sociedade ancorada num novo conceito de cidadão. O Pacto apesar de apelidado de Pacto Sarkozy foi, no entanto, aprovado pelos seus pares, onde se encontra Portugal.

Os Açores, na mesma lógica do país, constituíram até há bem pouco tempo um espaço de saída de milhares de açorianos e açorianas que foram procurar nas longínquas América e Canadá melhores condições de vida. A vivência cultural das nove ilhas dos Açores é fortemente construída sobre a emigração que sendo, hoje, um fenómeno marginal na sociedade açoriana, o

seu impacto permanece ainda bem presente no quotidiano dos açorianos.

Hoje, nos Açores, os fluxos migratórios estão estabilizados, tendência generalizada para o resto do território nacional. Cerca de 55000 cidadãos estrangeiros vivem nos Açores, fenómeno que está presente em todas as ilhas da nossa região.

No âmbito deste quadro, partilho convosco alguns desafios que, não esgotando as bases de uma boa política de integração, são determinantes para que as pessoas que escolheram Portugal e os Açores para viverem, possam sentir-se cidadãos e cidadãs.

No campo da participação política dos cidadãos estrangeiros nas sociedades de acolhimento, não é difícil constatar (refiro-me em Portugal) que existe uma concordância teórica sobre a necessidade de estender e ampliar essa participação, mas quando vamos fotografar a realidade, as evidências são, infelizmente, muito longe das intenções ou do discurso politicamente correcto. Não podemos compreender o mundo contemporâneo sem perspectivar os movimentos migratórios e Portugal é, inquestionavelmente, hoje, um espaço de acolhimento consolidado de imigrantes. São perto de 500 mil cidadãos estrangeiros, que diariamente, e ao lado dos portugueses de nascimento, contribuem para a construção de um país mais rico e mais próspero. Estamos de acordo que prevalecem alguns valores centrais nessa Europa que todos estão empenhados a construir: a vivência real da democracia, a criação e o reforço de um espaço de liberdade, de exercício de cidadania e de igualdade. Por isso, falar da participação política dos cidadãos que, como eu, nasceram noutros espaços, é garantir, entre outras coisas, alguma coerência em relação a esses valores tão nobres em que todos nos revemos. Por isso, quero deixar essa primeira nota: é contraproducente e contraria a lógica da própria coesão social a existência de mecanismos institucionais de exclusão política, que me parece existir em Portugal e, por consequência, nos Açores. Neste quadro, estou convencido que prevalece unanimidade nesta esfera, de que o centro de qualquer política de integração deverá assentar na criação de condições para que indivíduos, nascidos noutros territórios, mas que fizeram e fazem de Portugal também o seu país, possam exercer na plenitude um conjunto de direitos e deveres. Por outras palavras, o sucesso de qualquer política de integração depende da vontade e da capacidade dos Estados em renovarem

o conceito de cidadão, onde a possibilidade de uma participação política real (de forma passiva e activa) assume um lugar de primordial importância. Não será exagero afirmar que prevalece em praticamente todo o espectro político português a ideia de que é necessário melhorar drasticamente a participação política dos cidadãos estrangeiros legalmente residentes em Portugal. A constatação chave que faço é que prevalece ainda um gigantesco défice de participação política dos cidadãos estrangeiros em Portugal, (se fizermos uma ronda pelos partidos, assembleias locais, regionais e nacionais) atrevo-me a desafiar-vos a contar o número de cidadãos imigrantes que aí se encontram.

Em 2005, encontravam-se inscritos nos cadernos eleitorais apenas 19 192 cidadãos estrangeiros não pertencentes à União Europeia, na sua larga maioria cabo-verdianos (16 607) e brasileiros (2 228). Estamos a falar para o caso da comunidade cabo-verdiana num universo de cerca de 65 000 mil. De qualquer modo, essa não participação decorre, fundamentalmente, de três factores: O primeiro é o quadro legal existente em Portugal que não privilegia essa participação, aliás, muito pelo contrário; ele constitui um verdadeiro obstáculo assente em dois prismas: por um lado, na existência da cláusula constitucional que impõe a reciprocidade no acesso aos direitos políticos e que não permite que um cidadão estrangeiro possa votar ou ser eleito; e, por outro, inexistência de mecanismos que possibilitem a participação, em termos gerais, em vários momentos eleitorais; o Direito de voto é muito limitativo e, actualmente, é uma faixa minoritária de cabo-verdianos e brasileiros que participam nas eleições. A segunda questão, mais subjectiva, relaciona-se com uma visão excessivamente económica com que as sociedades de acolhimento encaram os migrantes; vêem os imigrantes como meros factores de produção e julgamos que a inexistência dos avanços significativos em matéria de participação política, é o resultado em parte desta perspectiva redutora economicista em que se vê os cidadãos migrantes. A terceira, é que, apesar dos esforços desenvolvidos ainda existe um elevado grau de desconhecimento dos mecanismos de participação junto dos cidadãos estrangeiros, bem como um grau não desprezível de desinteresse para a participação na coisa pública que, sendo um problema transversal nas nossas democracias actuais, agrava-se, pela inexistência de incentivos, junto da população estrangeira.

Por isso, julgo fundamental caminhar na direcção de uma maior abertura para a participação política dos cidadãos estrangeiros em Portugal, possibilitando canais e mecanismos para que os cidadãos estrangeiros possam ter uma palavra a dizer nos nossos destinos colectivos (escrevo nossos propositadamente). Não podemos ter pessoas a trabalhar e a viver aqui e se negarem a vê-las como cidadãs e cidadãos. Também estou convencido que a extensão dos direitos políticos aos imigrantes é um desafio que se impõe, sob pena de minarmos o próprio conceito da democracia e a inclusão política dos imigrantes é tão importante para a credibilidade do regime democrático ou mais que noutras esferas sociais e na convicção de que o aperfeiçoamento da democracia não se resume a reformas das instituições, mas tem de ser feita na base de melhoria de instrumentos e participação e expressão democráticas.

O segundo desafio é o acesso à informação. Sendo certo que a principal motivação de um imigrante é o

trabalho e a procura de melhores condições de vida, o desenvolvimento de esforços no sentido de, por um lado, diminuir a precariedade laboral que atinge níveis absolutamente condenáveis junto da população migrante e, por outro, de informar os trabalhadores migrantes dos seus direitos e deveres, são aspectos que devem merecer toda a atenção. De qualquer modo, este esforço deverá ser feito não de forma isolada mas dentro do quadro de defesa dos interesses dos trabalhadores nacionais.

Por isso, o lançamento do Guia do Imigrante, constitui um passo na promoção e reforço de informação junto da população imigrante mas também, junto da população açoriana que munida de informações estará mais sensível e melhor preparada para receber e integrar os imigrantes, contrariando, desta forma, os tais ventos desfavoráveis que teimam em não parar de soprar por esta Europa.

PAULO MENDES





ESPÍRITO SANTO: UMA FESTA TRANSATLÂNTICA

É sempre difícil voltar às raízes: os signos do passado, às vezes, ficam obscurecidos, quase irreconhecíveis por serem tão transformados pelo tempo que passa. Numa cultura de imigrantes como a da Nova Inglaterra lusófona, caracterizada por um alto grau de assimilação cultural, este processo é ainda mais extremo, com cada nova geração mais longe da língua e cultura do país de origem.

Mesmo assim, muitos continuam a aceitar esta viagem à cultura de gerações anteriores, não só para poderem marcar um encontro com o passado e assim matar saudades, mas porque esta volta à cultura do passado fica sendo o único modo de dar uma perspectiva à nossa cultura de hoje, seja regional, nacional ou global.

Foi com esta ideia em mente que parti com um grupo de alunos meus, do Programa de Verão em Português da Universidade de Massachusetts-Dartmouth, para visitar a minha ilha natal de Martha's Vineyard e participar numa das tradições culturais mais queridas: a Festa do Espírito Santo, ou na fala da ilha, "The Portuguese Feast".

O grupo começou a sua excursão bem cedo num domingo de verão, no nosso campus universitário em North Dartmouth e, depois de quarenta e cinco minutos em carro, escutando a rádio portuguesa da região e conversando sobre os nossos planos para o dia, chegámos ao porto de Woods Hole na ponta sudoeste de Cape Cod, donde o barco sai para a vila de Vineyard Haven.

Talvez por causa da viagem de quarenta e cinco minutos entre Woods Hole e Vineyard Haven ter sido sempre uma parte inevitável da minha vida na ilha, viajar de barco continua a ser uma experiência muito agradável para mim, sobretudo quando é possível desfrutar da brisa marinha e do bom tempo no convés. Desta vez, os alunos e eu também aproveitámos o tempo livre para folhear livros e revistas enviados pela Direcção Regional das Comunidades e assim aprender um pouco mais sobre as origens tão ricas e variadas desta festa religiosa nos Açores.

Como em tantas outras comunidades com imigrantes luso-descendentes na Costa Leste dos Estados Unidos, os primeiros portugueses documentados na ilha de Martha's Vineyard eram tripulantes baleeiros e pescadores açorianos que já

tinham chegado no século XVIII, um pouco antes da Guerra da Independência, e durante os séculos XIX e XX, esta comunidade de açorianos continuou a crescer graças às vagas sucessivas de imigrantes, sobretudo da ilha do Faial.

Depois da nossa chegada em Vineyard Haven, a gente subiu num autocarro público para ir a Oak Bluffs, onde viu não só o centro turístico mais conhecido, com a suas coloridas casas de madeira, com o seu estilo arquitectónico característico, o assim chamado "Carpenter Gothic", mas também o bairro de casas e jardins açor-americanos, que, no passado, eram tantos que esta zona tinha adquirido o sobrenome de "Fayal".





Poucos sinais visíveis permanecem desta presença cultural: um apelido português na porta duma casa ou uma caixa de correio. Também parámos em frente do letreiro do campo de beisebol da minha infância, conhecido até hoje como “Veira Park”: certo, a escrita do nome como tantos outros foi transformada no processo de imigração, mas para nós é um bom sinal, a primeira prova de que vamos à procura não de tradições perfeitamente preservadas, mas transformadas para poder formar parte duma

nova paisagem cultural.

Subimos a colina, passando pela biblioteca pública com a sua colecção de livros em português e o cemitério, também caracterizado pelos seus nomes portugueses, até chegarmos ao Portuguese-American Club na Vineyard Avenue. Fomos directamente para a cozinha pedir “sopas”, feitas segundo uma receita local baseada na açoriana mas não completamente igual a elas (a couve daqui não é a galega que se usa em Portugal e nos Açores, mas uma com folhas verdes mais escuras e enrugadas). Mesmo assim, esta receita é tão querida que é feita não só durante esta festa de verão, mas durante o ano inteiro, sobretudo durante os dias de inverno mais frios.

Sentámo-nos fora, debaixo duma tenda enorme erigida para a ocasião, para

comer e, depois, entrámos no império para ver a coroa do cortejo, os outros símbolos de identidade religiosa e cultural, junto com tudo o que ia ser vendido no leilão: não só a massa sovada que já faz parte da vida diária na nossa região, mas também as lagostas desta costa atlântica conhecidas no mundo inteiro.

Durante a venda destes objectos vem o momento mais especial: as danças folclóricas dum grupo cultural da cidade vizinha de New Bedford, considerada por muitos a cidade mais portuguesa deste país. Mas os que dançam não são açorianos: são madeirenses, vindos a esta ilha por um dia como nós, duma das maiores associações culturais da região. E agora são outros que dançam também: os meus alunos, os meus vizinhos da minha infância, o meu sobrinho louro de apenas três anos com a sua bandeira portuguesa, talvez o ‘imigrante’ mais novo nesta cultura de imigrantes, tão acolhedora e de mistura contínua.

Embora um português possa achar esta mistura de tradições um pouco estranha, para nós é a coisa mais natural que existe, não só a comida que combina sopas, favas, chouriço e



çaçoila (com a sua pronúncia bem açor-americana de “ka-sir-la”!), mas também hambúrguer, cachorro quente, cerveja e outras bebidas americanas. Esta mistura não é considerada piegas, pelo contrário, é a base da nossa identidade, uma que ainda está em transformação.

Continuámos o nosso percurso pela ilha, descendo à lagoa e a uma praia para tomar um pouco de sol e mergulhar na água durante as horas mais quentes da tarde. Foi ali que escutámos outra vez a presença da língua portuguesa que nos acompanhava durante todo o dia. Mais uma vez, este português que se escuta em todas as lojas e ruas da ilha não é de sotaque açoriano, mas mais frequentemente o português brasileiro dos imigrantes mais recentes, que começaram a chegar durante os anos 80 e agora representam mais de 10% da população permanente da ilha.

No final das contas, é graças aos brasileiros que a língua portuguesa voltou a ter tanta importância no dia-a-dia desta ilha. Na volta para o barco no fim da tarde, encontrámo-nos com uma amiga minha, uma brasileira chamada Bella, que já figura como uma das artistas mais importantes da ilha. Falou com os alunos sobre a sua vida na ilha, sobretudo como apresenta a sua cultura não só através da língua, mas por



canções, um jantar partilhado, ou outras formas de criação artística. Estes elementos culturais são imediatamente acessíveis a todo o mundo, e não é preciso ser especialista para poder apreciá-los: a prova mais convincente disto foi sem dúvida a impressão tão positiva que os alunos levaram dela.

Ao cair da tarde, embarcámos de novo para voltar ao continente. Muitos dos alunos tinham visto a sua primeira festa do Espírito Santo, uma muito diferente das açorianas, mas não menos representativa da nossa região e a sua cultura. Fiquei contente, não só por poder voltar a casa mas também porque nessa hora do por do sol ainda era possível vislumbrar outras ilhas e outras costas no horizonte (para não falar daquelas que ficam além dele).

Quando voltámos para Dartmouth, já era noite e a rádio portuguesa transmitia as notícias da RDP-Açores. Depois, ouvimos umas mornas cabo-verdianas. Assim a noite deu os últimos toques a este quadro dum Atlântico Lusófono no horizonte, misturado com a paisagem desta costa transatlântica, para muitos talvez uma terra à parte como tantas outras, mas para outros uma parte inseparável daquele espaço transnacional de língua e cultura.

CHRISTOPHER LARKOSH



私のアソーレス世界

O MEU MUNDO AÇORIANO

Nasci no norte de Quioto (Japão), a 31 de Outubro de 1965. A casa dos meus pais fica mesmo defronte do canal que liga a baía ao mar. Ainda hoje os pescadores passam no canal com os seus barcos a motor, bastante mais ruidosos dos que via passar na minha infância. Foi neste ambiente, verdadeiramente insular, que vivi até aos dezoito anos: o mar parece o Atlântico e o canal faz-me lembrar o do Faial; a baía, por sua vez, está rodeada de paisagens que se assemelham às das ilhas do Pico (Açores) e Santa Catarina (Brasil).

Passei os meus primeiros anos correndo, nadando, jogando volei e estudando inglês. De casa à escola, levava quarenta minutos de bicicleta. Por esta altura, fui descobrindo a minha inclinação para línguas, ajudado pela minha personalidade persistente. Foi a ler jornais em inglês que me dei conta das perversidades do Mundo, como as guerras nas ilhas Folkland e no Golfo e o despoletar do terrorismo.

Ouvi falar de Portugal ainda na escola primária: um português foi o primeiro europeu a chegar ao Japão, em 1543. Talvez tenha sido esta informação que, poucos anos mais tarde, me fez matricular no Departamento de Estudos Luso-brasileiros da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto. Foi lá que li Eça de Queirós e Júlio Diniz, os quais me fizeram aderir, esteticamente, ao realismo literário português.

O saudoso Leitor de Português, Jorge Dias, numa das aulas do Curso de Mestrado, mostrou-me a revista do jornal «Expresso» para que lesse uma entrevista feita por Joaquim Vieira ao escritor açoriano João de Melo. A entrevista referia, particularmente, a publicação de *Os Anos da Guerra* – antologia organizada por aquele escritor. Como complemento informativo, o doutor Jorge Dias disse-me que ele era professor na Faculdade de Letras e que, nos Açores, havia fontes térmicas como no Japão. Disse-me também que, caso o desejasse, era fácil contactar com João de Melo. Além disso, relevou-me a sua inteligência e o seu estilo literário, acrescentando que se tratava de um escritor de esquerda.

Embarquei para Lisboa como bolsheiro da Gulbenkian. Na Faculdade de Letras, foi meu professor de Literatura Portuguesa outro açoriano – Eduíno de Jesus –, que logo me sugeriu frequentasse a Casa dos Açores em Lisboa, pois, lá, poderia encontrar-me com os escritores açorianos. O que aconteceu. Por essa altura, o romance *Gente Feliz com Lágrimas* recebera o prémio APE. E foi, então, que conheci o João Melo, bem como a Tita – sua esposa – e os seus filhos, Joana e Miguel. Aprendi muito com ele.

Entretanto, fui à ilha de S. Miguel durante uma semana. Andei por Ponta Delgada – a principal cidade da ilha. Lá, a Editora Signo ofereceu-me o livro *Açores, Açorianos, Açorianidade*, de Onésimo Teotónio Almeida. Do mesmo autor, obtive *Da Literatura Açoriana*. Nesta visita, adquiri ainda a *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, organizada por João de Melo.

Regressei ao Japão para completar o Mestrado, apresentando uma tese sobre a obra de João de Melo, os Açores e a literatura da guerra colonial.

Como no Japão não há doutoramento em línguas estrangeiras, os meus professores aconselharam-me a voltar a estudar em Portugal. Foi o que fiz. Só que, desta vez, pude ser professor de língua japonesa em Lisboa.



Tive, então, a oportunidade de visitar a ilha Terceira e a sua histórica cidade – Angra do Heroísmo. João B. Martins, do Gabinete de Apoio à Emigração (actual Direcção Regional das Comunidades do Governo Autónomo dos Açores), ofereceu-me *A Questão da Literatura Açoriana* – compilação de textos organizada por Onésimo T. Almeida. Falei com Álamo Oliveira, escritor que conheci na Casa dos Açores em Lisboa, por ocasião da apresentação do seu livro *Pátio d'Alfândega Meia-noite*.

Por sugestão de João de Melo, encontrei-me com outros escritores açorianos: Dias de Melo, Urbano Bettencourt, José de Almeida Pavão, Vamberto Freitas – este num jantar em casa do Urbano. Nessa ocasião, ofereceram-me *A Profile of the Azorean*, de Onésimo Almeida – professor na Brown University, em Providence (USA) e escritor que desejava conhecer urgentemente. (Conheci-o em Lisboa – cidade que ele visita frequentemente em missões intelectuais). Eu era leitor assíduo dos seus textos publicados no «Diário de Notícias» e no «Jornal de Letras» – textos que, depois, compilou em *O Rio Atlântico*.

Visitei outras ilhas dos Açores (Faial, Pico e S. Jorge) viajando de barco. Apanhei mar bravo. Enjoei. Receei naufragar. Foi uma experiência estranha, vivida sob um medo estranho.

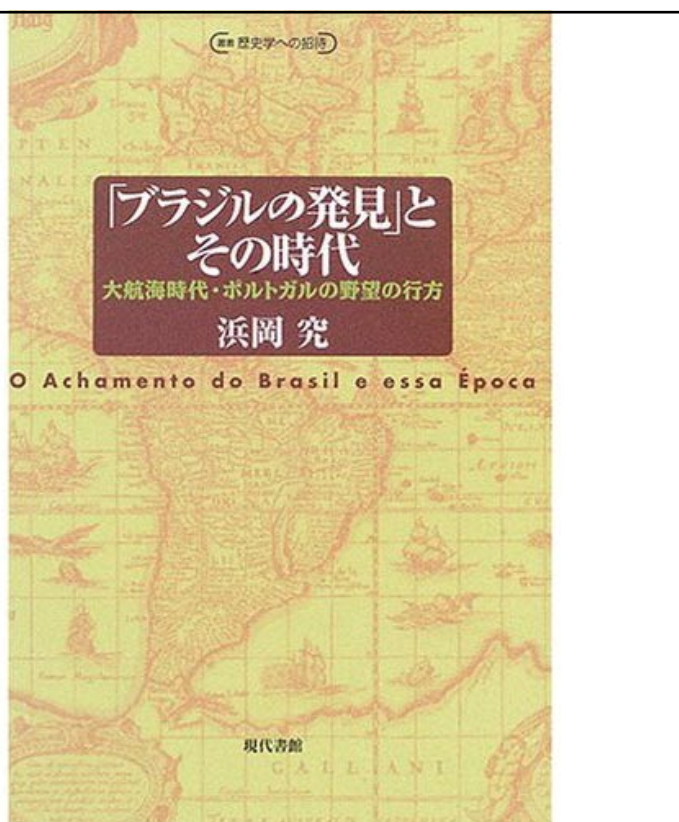
Comecei a publicar alguns artigos, nomeadamente na revista «Vértice», os quais reuni em *A Instabilidade Estruturada*, livro catalogado na Biblioteca Nacional de Lisboa. E quando me aventurei a traduzir, para japonês, escritos de autores açorianos, já a minha biblioteca pessoal fora enriquecida com muitos livros de autores e temática açorianos. Ao lado destes, estão também livros oferecidos por escritores brasileiros como Assis Brasil, de Porto Alegre – Rio Grande do Sul.

Até à presente data, traduzi e foram publicados, no Japão, *Pedras Negras*, de Dias de Melo e *Já não gosto de chocolates*, de Álamo Oliveira. (Está traduzido, sem publicação, *Mar pela Proa*, de Dias de Melo). Fiz uma lista de livros, depois de ler *Escritos Açorianos*, de Assis Brasil. *Mau Tempo no Canal* e *Gente Feliz com Lágrimas* são demasiado grandes para poder traduzi-los. E nesta prática de tradução, fui conhecendo mais escritores, como Daniel de Sá (Açores) e Walter Piazza (Santa Catarina).

Importa referir que, na internet, há uma opinião sobre a versão japonesa de *Pedras Negras*: «Descrição muito dinâmica sobre a pesca à baleia nos Açores, onde a vida é difícil». E há outra sobre *Já não gosto de chocolates*: «Uma obra extremamente impressionante e comovente especialmente nos derradeiros capítulos».

Foi com este material e com a publicação do meu livro sobre a emigração açoriana para Santa Catarina no século XVIII, que consegui fosse instituída, na Universidade de Musashi, no Japão, uma Cadeira de Estudos Açorianos no âmbito dos Descobrimientos Portugueses. Os meus alunos não sabiam nada sobre os Açores nem sobre a sua ousada e problemática emigração.

Mau Tempo no Canal, *Gente Feliz com Lágrimas* e *Já não gosto de chocolates* vão ficar na história da Literatura de Língua Portuguesa. São três livros que reflectem a vida das famílias que partem das ilhas para outros lugares. O dinamismo e impressionismo da descrição são bastante aliantes em *Gente Feliz com Lágrimas*. Mas, sabendo da polémica que poderei gerar com a franqueza da opinião que expressa o meu gosto pessoal, *Já não gosto de chocolates* supera tudo. A sensibilidade poética do autor e a sua experiência de ver morrer na guerra colonial da Guiné-Bissau; a tranquilidade e a solidão misturadas com a beleza



e a tristeza extrema da perda de vidas em terras estrangeiras após a emigração, é incomparável com livros de outros autores de língua portuguesa. *Já não gosto de chocolates* foi o livro de autor açoriano que mais gostei de ler.

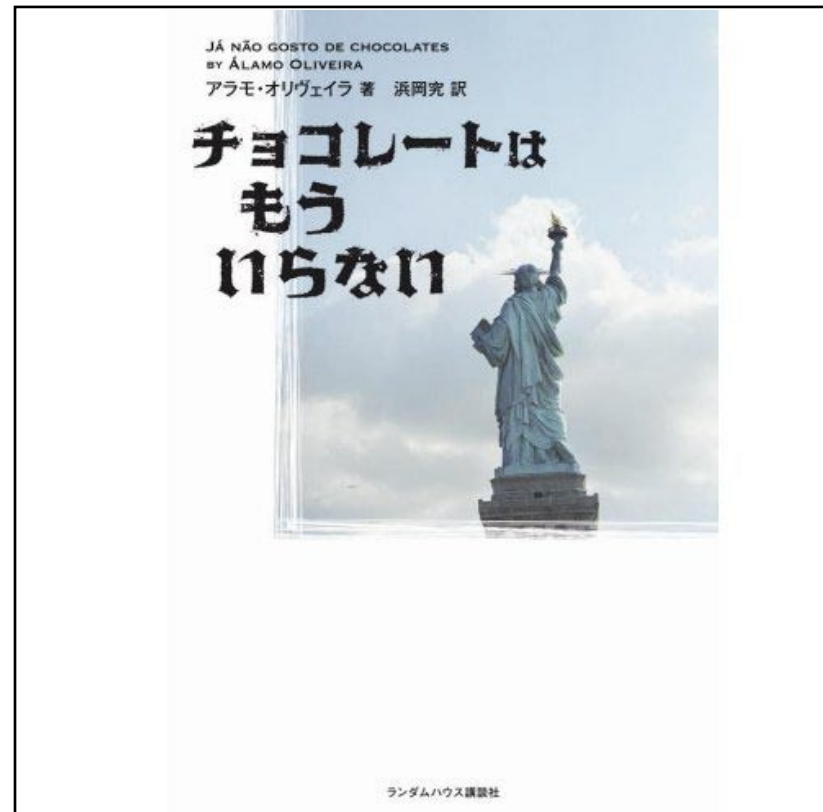
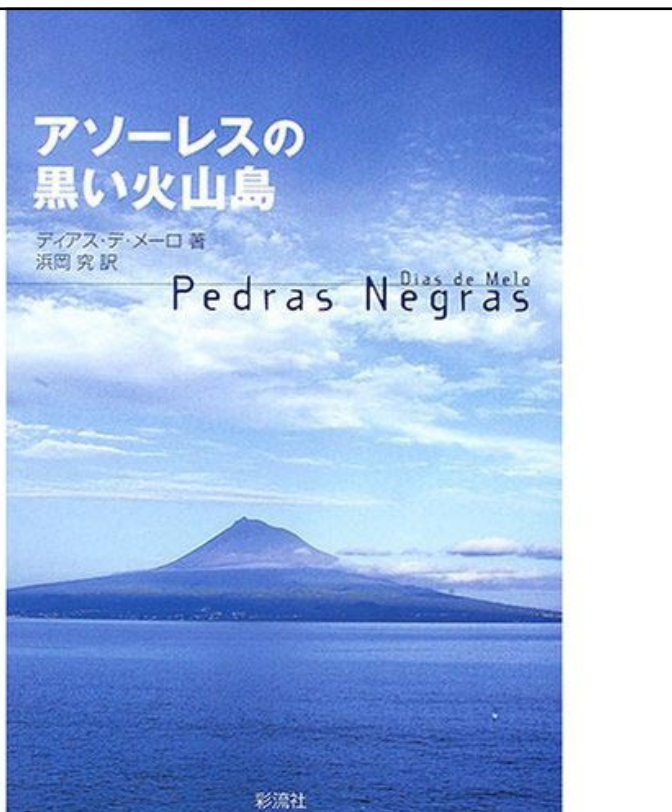
No Japão, estão traduzidos e publicados vários autores de língua portuguesa, como Camões, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Miguel Torga, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, José Saramago, Ferreira de Castro, Jorge Amado, José Lins do Rego, José de Alenquer, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Paulo Coelho, Pepetela. No entanto, para mim, são nomes que nem sempre me sensibilizam emocionalmente.

Álamo Oliveira, com *Já não gosto de chocolates*, mostra possuir grande qualidade literária, enquanto que Dias de Melo, com *Pedras Negras*, se diferencia pela narrativa de um tema singular, como é o da caça à baleia. Foi isso que me levou a escolher estes dois livros açorianos para traduzir e publicar. Desde a minha juventude que me dedico ao estudo e divulgação, no Japão, da cultura açoriana.

Não sei bem como consegui tanto sobre os Açores. Possivelmente, foi a minha insistência académica, orientada quase exclusivamente para a ilha e para o mar, que correspondeu às ajudas açorianas espalhadas pelo Mundo. A insularidade japonesa que, na minha infância, entrou no meu coração, facilitou também a minha aproximação afectiva aos Açores. Mas, há que salientar quanto foi admirável a orientação recebida da parte do saudoso Leitor de Português Jorge Dias, dos escritores Eduíno de Jesus, João de Melo, Urbano Bettencourt, Onésimo Teotónio Almeida, Assis Brasil, Lélia Nunes e tantos outros.

浜岡 究

KIWAMU HAMAOKA





CLÁUDIA DE SOUSA

Estilista açoriana em Nova Iorque

(Entrevista)

Como é ser filha de emigrantes na América?

– Cresci no sul de Massachusetts, zona povoada por uma grande comunidade de emigrantes açorianos. Aliás, sou filha de terceirenses. Sempre fui particularmente orgulhosa da minha ascendência, partilhando esse sentimento com muitos outros que viveram experiências semelhantes. De maneira geral, estávamos muito dependentes dos nossos pais, que nos protegiam sempre e, sobretudo, muito atentos aos nossos namorados. Ser boa aluna, respeitar as pessoas, possuir valores morais sólidos, foram princípios que acompanharam o meu crescimento. Nessa altura, as famílias açorianas eram bastante conservadoras. No entanto, sempre senti que a minha família não cabia nesses padrões de comportamento, tão social e afectivamente apertados. Era comum o pai duma família típica açoriana ser disciplinarmente rígido, sobretudo com as raparigas. Ele teria de defender a honra da sua casa com a própria vida, caso fosse necessário. Por isso, não era permitido haver namoros entre pessoas de etnias diferentes.

No entanto, sempre olhei para a minha família como sendo especial. Os meus pais, ao começarem uma vida diferente num país estrangeiro, educaram os seus filhos de acordo com o ambiente social onde vivíamos e com os valores morais que melhor nos identificassem como pessoas humanas. Os nossos pais sempre nos apoiaram muito e estou-lhes muito grata por isso. Agora que vivo em Nova Iorque, aprecio e amo mais a minha raiz açoriana. Às vezes, é como se eu possuísse um segredo especial sobre um lugar que é mágico e misterioso. Isto faz com que eu não seja, definitivamente, uma pessoa comum na «capital do mundo».

Comecei a frequentar a escola primária com quatro anos de idade. Senti-me um bocado desligada dos outros colegas. Embora falasse bem inglês, sentia que comunicava melhor em português. E acabava por escolher falar em português durante o horário escolar. Apesar de ser envergonhada, fui saindo da minha concha. Contra a vontade de minha mãe, frequentei o programa escolar bilingue. Ela pensava que eu já não tinha necessidade de

estar lá. Porém, estive mais três anos. E sempre fui boa aluna.

Estávamos nos anos 80s. As raparigas loiras, magrinhas e pálidas faziam sucesso nos acontecimentos sociais. Eu não. Era morena, cabelo forte e encaracolado e tinha um estilo fora do comum. E eu queria, desesperadamente, pertencer ao «clube das loiras», usando aqueles seus topetes no ar. Só que o meu cabelo era tão forte que não havia laca que desse para aguentar a franja no ar. Depois, também queria usar «jeans» desbotados e sapatilhas «reebock». Mas, os meus pais, aí, não estavam dispostos a gastar o dinheiro que tanto



Riddim method Follow the reggae music to **Cubika**, a colorful new Brooklyn store where you'll find a rainbow of items such as safety-orange tops, canary-yellow skirts and kelly-green pants. Owner Claudia De Sousa, right, has been designing women's street wear for the past three years and selling at stores like Antique Boutique. Here, she's added a rockin' juniors' line and menswear for fall. De Sousa finds inspiration in music, and indeed, her futuristic designs seem to march to their own beat. Count on seeing lots of nylon, unexpected pouches and Velcro. The conservative side? She also offers most of her designs in basic black. **Cubika**, 132 N 5th St at Bedford Ave, Williamsburg, Brooklyn (718-302-2020).—Ana Burdall

lhes custava ganhar. Eu queria as roupas da moda porque elas me faziam identificar com as outras raparigas. Nessa altura, associava a minha forma de ser com o facto de ser filha de emigrantes, pois estes defendiam valores muito diferentes dos de uma família típica americana. Achava que as raparigas americanas andavam sempre vestidas à moda, enquanto que as açorianas não. Um dia – finalmente! –, minha mãe comprou-me os «jeans» e as sapatilhas. Até tentou ajudar-me a dar um jeito no cabelo, mas... Pelo menos, consegui os «jeans» e as sapatilhas.

Quando entrei para o liceu, foi como se me obrigasse a ser eu própria. Sentia-me à vontade para ser como era. Gostava de ser diferente das outras e não me preocupava nada com o que elas pensavam de mim. Não me ralava que me chamassem de «emigrante ou portugee inteligente». («Portugee» é um termo pejorativo). Tinha muito orgulho em ser filha de emigrantes açorianos. Para aperfeiçoar o meu português, decidi estudá-lo no liceu. O liceu de Taunton era – e ainda hoje é – uma escola com grande diversidade étnica. Sentia-me à vontade com todos os meus colegas: cabo-verdianos, porto-riquenhos, açorianos, etc.. Não sentia necessidade nenhuma de ser americana. Via-me como uma açoriana que aconteceu nascer em Taunton, Massachusetts, nos Estados Unidos.

Como soube que ser estilista era a profissão que queria para si?

– Um dia, frequentava a 4ª classe (8 ou 9 anos de idade), pus-me a pensar em carreiras possíveis: cantora famosa, actriz famosa..., qualquer coisa que acabasse em famosa. Então, tive uma «revelação»: comecei a reparar que a blusa que eu tinha vestida – e da qual gostava muito – tinha sido concebida por alguém. Nesse dia, decidi que era o que queria fazer: criar roupas para as pessoas usarem e, sobretudo, gostarem dessas roupas como eu gostava das minhas.

Onde se formou como estilista? Que «mestres» a influenciaram?

– Comecei a desenhar a partir da tal «revelação», com a ajuda da minha tia Ilda. Também via muitas revistas da especialidade, como a *Elle* e a *Harper's Bazaar*. Íamos também a lojas de tecidos. (Aqui, tenho de agradecer à minha madrinha Manuela que, nessa altura,

é que confeccionava toda a sua roupa. Na verdade, quase todas as minhas tias e minha mãe faziam a sua roupa. Todas elas tinham um estilo incrível, mas sempre muito distinto umas das outras. Fui muito influenciada por todo este clima. Desde pequena, sempre opinei sobre o que queria vestir.

No liceu, decidi matricular-me num curso de costura, que era dado numa loja que vendia tecidos. Desde então, nunca mais parei de fazer roupa. Fiz roupa para mim, para a minha irmã, para as minhas primas e amigas. Até fiz o fato para o meu par no último baile do liceu.

Em Agosto de 1994, terminado o liceu, fui para o Fashion Institute of Technology onde fiz a minha formação como estilista. Terminado o curso, fui trabalhar para uma fábrica de confecções, mas de qualidade duvidosa. Serviu, porém, para aprender como me mover na indústria da moda. Com estes novos conhecimentos, comecei a criar a minha própria linha. Tinha 19 anos.

Nessa altura, os meus estilistas preferidos eram Betsy Johnson, Vivian Westwood, Todd Oldham, John Galliano e Jean Paul Gautier.

Escolher Nova Iorque para exercer a profissão foi um risco calculado?

– Sim! Desde os 10 anos que sabia que se quisesse ser estilista tinha que ir para Nova Iorque.

Já alguma vez se arrependeu?

– Não! Nunca! Mas, com o decorrer dos anos, a minha atitude, em relação a esta indústria, mudou bastante. Ela é agora menos romântica... Quando cheguei a Nova Iorque, comecei a sentir-me inadaptada. Só que, desta vez, essa inadaptação tinha só a ver com dinheiro. Via as poses pretensiosas das pessoas ricas e sentia que, sendo filha de gente pobre, não podia pertencer ao «mundo da moda». No entanto, aprendi depressa como fazer as coisas à minha maneira. É que havia muita gente, «menos refinada» como eu, que tinha os mesmos sonhos sobre o «mundo da moda». E acreditei que o meu sonho era possível!

Cria «moda» para quem?: para as grandes lojas de pronto-a-vestir?; para «boutiques»?; para lojas de marca específica?; ou tem a sua loja própria?

– Quando abri a Cubika, eu vendia para «boutiques» que aceitavam roupas de estilistas independentes e que não tinham acesso a lojas destinadas só à produção de estilistas famosos

Depois de estar dois anos a desenvolver a Cubika, decidi abrir a minha própria loja. Estávamos no ano de 1999. (A Cubika ficava localizada em Williamsburg, que é uma área de Brooklyn – Nova Iorque – muito «hip»). Mantivemos o princípio de representar estilistas independentes. Tínhamos roupa da Cubika, bem como de jovens estilistas que considerávamos talentosos. A loja reflectia o nosso estilo de vida. Na loja, vendíamos também roupa «vintage», livros, discos e revistas. Embora administrar uma loja seja muito diferente de administrar

um atelier de costura, a experiência proporcionou-me o contacto directo com os meus clientes e uma grande aprendizagem.

Em 2001, Nova Iorque sofreu muito com os ataques ao World Trade Center. E decidimos fechar a loja. Continuámos, porém, com a Cubika, vendendo para as lojas que, antes, já eram nossas clientes.

As suas roupas destinam-se a vestir quem?: jovens, adultos, crianças?

– Interessa-me vestir, principalmente, mulheres jovens. Também cheguei a ter uma pequena colecção para homem, que incluía t-shirts cortadas e modificadas com imagens gráficas.

Para vestir uma das suas criações é preciso ser-se rico, classe média, pobre?

– Depende mais da pessoa. Há pessoas que dão muito valor à roupa que compram e não têm problemas em gastar dinheiro, sobretudo quando se trata de roupa bem executada e de boa qualidade. Há outras que, mesmo tendo dinheiro, não gastam muito em roupa. Os preços que a Cubika pratica podem equiparar-se aos da Espirit, Benetton, Diesel, etc..

Refira um dos pontos importantes da sua carreira...

– Tinha só 19 anos quando comecei a minha carreira. Comecei-a com muito pouca experiência. Mas, como nos sonhos, juntei, nesta profissão, força de vontade e uma grande paixão. Não tinha dinheiro nem experiência em negócios. Os meus pais levantaram dinheiro dos seus planos de reforma para eu poder apresentar a minha primeira colecção. Criei um «press kit» e visitei as minhas «boutiques» preferidas para lhes mostrar a minha



coleção. Tudo o que lá deixava tudo se vendia.

A minha formação no Fashion Institute of Technology ficou-se por conhecimentos básicos. Precisava de aprender a gerir uma empresa do sector. Enquanto trabalhei, fui aprendendo e dei por mim a convencer-me que já sabia o suficiente para formar a minha própria empresa. (Os jovens são, por vezes, ambiciosos...!) Hoje, não penso assim. Depois de trabalhar sete anos na Cubika, comecei a estudar quanto era preciso saber para gerir este tipo de negócio. Cubika teve muito sucesso, apesar da minha pouca experiência profissional. Nem gosto de pensar no que a Cubika podia ter sido se eu tivesse tido dinheiro e experiência...

Neste momento, tenho uma ocupação excitante. Trabalho para empresas mundialmente conhecidas, como a Ralph Lauren, a Marck Jacobs, a Tommy Hilfiger e participo em sessões fotográficas para revistas como a *Vogue*, a *Elle*, a *Harper's Bazaar*, etc.. Coopero também com estilistas, fotógrafos, modelos, celebridades...

Conheço, agora, muito estilista. Não fazia ideia que todos os estilistas famosos dependiam de gente extremamente talentosa para que esta indústria funcione como deve ser. Quando eu quiser recomeçar com a Cubika já vou fazê-lo com outros conhecimentos, outros métodos e outros objectivos. Ando sempre com vontade de desenhar. Todos os dias invento peças de vestuário.

Sei que sou uma mulher privilegiada porque ando sempre rodeada de pessoas que acreditam no meu talento e me encorajam. Isso significa muito para mim. Esta indústria está cheia de gente nova e talentosa. Quando me sentir verdadeiramente preparada, vou ressuscitar a Cubika.

Já vestiu alguma personalidade mundialmente conhecida?

– Nathalie Portman vestiu os meus modelos no filme *Anywhere but here* e Rosario Dawson comprou roupa na minha loja. Também trabalhei num atelier ajustando vestidos-de-noite para celebridades. Actualmente, é frequente trabalhar para gente da alta sociedade nova-iorquina.

Qual a pessoa que gostaria de vestir?

– Estou interessada em vestir raparigas «normais».

Mas há uma celebridade que gostava de vestir, até pela afinidade que ela tem comigo: temos ambas raízes açorianas. É a Nelly Furtado. Ela figura, permanentemente, na lista das celebridades mais mal vestidas. Eu gostava de mudar esta situação.

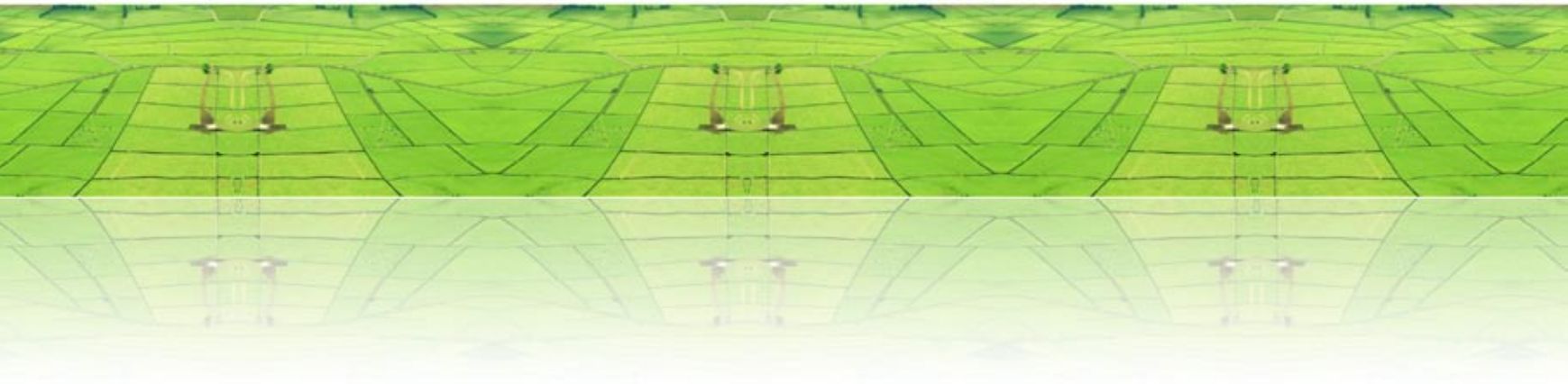
Realiza, normalmente, passagens de modelos?

– Quando a Cubika estava em actividade, fazíamos passagens de modelos todos os anos. Não eram desfiles muito convencionais. Puxávamos mais para o lado artístico. O meu interesse pela moda é sempre para o diferente e para o mais contrastante. Não gosto do pretensiosismo nem do snobismo que é pecha em muita desta indústria. Gosto de desafiar o estabelecido, fazendo as coisas à minha maneira.

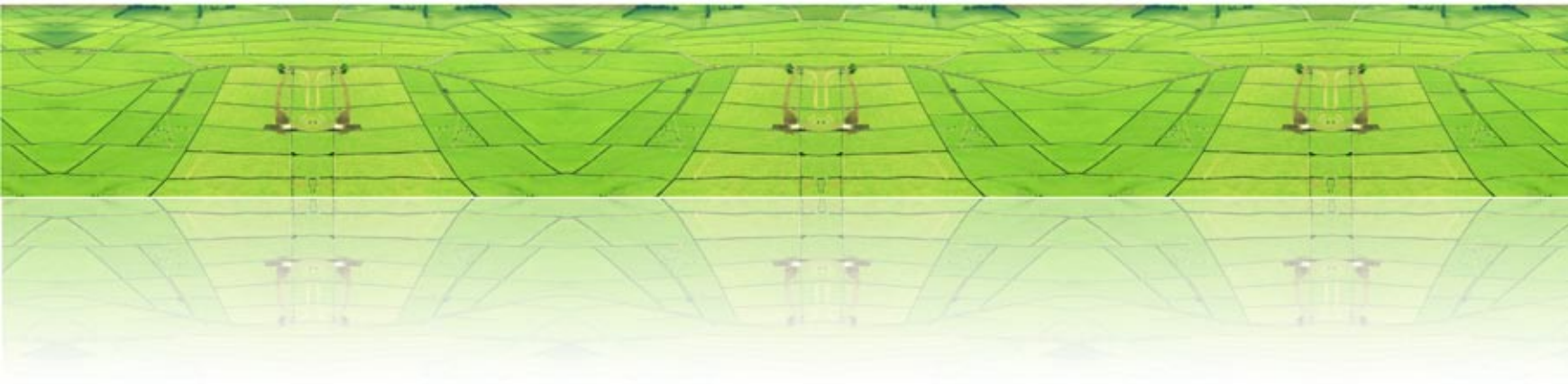
Onde é que encontra inspiração?

– Em todo o lugar. As ruas de Nova Iorque, por exemplo, estão cheias de motivos inspiradores. Também me inspiro em filmes, livros, jóias, desenho gráfico, pintura, música, arquitectura... Sei lá! Tudo!





algas sonhos transparências





“Natal”
Fotografia de Rui Melo



OS VOTOS DE NATAL DE FRANK BALDAIA

A Branca Vilallonga

A passos inseguros, atabalhoados, saiu da *Verona Mantion* e dirigiu-se para o automóvel, estacionado desde a véspera (ou antevéspera?, já nem sabia bem) debaixo da frondosa magnólia. E agora, depois de tudo o que se passara naquela vivenda luxuosa, sentia-se picaresco, ridículo, enfarpelado daquela maneira, ansioso por reassumir o aspecto de vulgaríssimo e pacífico cidadão...

O Sol começava a erguer-se por detrás da colina de esmerado recorte, que, para maior distúrbio emocional, lhe recordava um gigantesco seio feminino.

Estrada fora, em direcção a Fresno, procurava serenar-se. (Que diabo!, um homem é um homem.)

O que mais desejava era alcançar um discreto desvio da trajectória principal, em que pudesse parar um instante, para mudar de roupa. Já que a partida fora precipitada. Deslocar-se ao automóvel a buscar a maleta, e voltar a entrar naquela sofisticada residência... isso poderia dar azo a novas complicações.

Mal chegou a casa e fez rodar a porta preguiçosa, deparou-se-lhe no chão o intruso e gentil recado de Larry, seu vizinho mais próximo, estranhando não o ter visto nos últimos dias e perguntando-lhe quando poderiam ter um joguinho de xadrez. Ora, nada de urgente ou preocupante. Depois, ligado o telemóvel, já quando saboreava o pequeno-almoço, constatou que lhe queriam falar a mulher e a filha (Matilde e Rosalind, respectivamente), ambas residentes nos Açores. Ah, e o filho Steven, biólogo de formação, a residir bastante mais próximo, em Tulare. A esse não conviria telefonar tão cedo. À Matilde ou à Rosalind, no entanto, dada a diferença horária... já poderia ser.

Francisco (tornado Frank em terras de Uncle Sam), agora confortado com os flocos de cereais, os ovos mexidos e o sumo de laranja, encheu-se de boa disposição e ligou para a longínqua terra natal, Cinco Ribeiras de seu nome, na ilha Terceira.

*

Redonda era a mesa de jantar, na mais habitual figuração de móvel preponderante, na sala ampla, de duas janelas abertas para o mar. De boa madeira, a mesa acolhedora, de quando em quando ungida com óleo de cedro; porém tornava-se oblonga de regozijo em ocasiões festivas no decurso do ano, permitindo admitir mais quatro parentes ou amigos. Isto porque a cinquentona Matilde, mau grado a equívoca situação conjugal, era, de sua natureza, bastante conversável.

Naquela meia-tarde, faltando ainda uma semana para a consoada natalícia, já ela tinha armado o presépio de caprichosa pedra vulcânica avermelhada, que enfeitara com musgos e pratinhos de trigo germinado, e ervilhaca; e talqualmente havia ornamentado o pinheiro (natural, pois então!) com os brilhantes globozinhos coloridos e as voltas e contravoltas de luzinhas em incansável acender-e-apagar. E por certo que já havia manipulado o prolongamento da mesa, agora coberta com a linda toalha de linho regional, laboriosamente bordada em tons de azul-hortênsia.

Uma escassa dezena de cartões de boas-festas (muitos mais viriam, sem dúvida, naqueles próximos dias), quase todos procedentes dos Estados Unidos da América e do Canadá, perfilados, como de costume, ao lado do presépio. Uma honrosa excepção aos que lhe eram remetidos por Frank. A esses dispensava Matilde um tratamento especial, colocando-os — a colecção completa,

16 até ao momento — numa salva de prata, ao centro da mesa. E, justamente ao retirá-los do estojo de madreperla em que os guardava, uma vez mais se lembrou de não haver recebido ainda o cartão daquele ano. Atraso dos correios? Inusitada negligência de Francisco?, para mais agora, havendo atingido a reforma aos 65 anos e dispondo de muito mais tempo para estas miudezas?

E foi manuseando aquelas tão apreciadas mensagens, tão vincadamente pessoais, do homem que, muito embora a quase inexplicável separação de 17 anos feitos, era ainda seu marido, à face da lei e da Santa Madre Igreja.

Na verdade, havia entre ambos uma certa diferença de idade. (Mas isso era o menos.) Pois, quando ela veio ao mundo, ali naquela mesma casa das Cinco Ribeiras, já o Frank era um moçote de 15 anos, que, embora seu conterrâneo, se radicara na Califórnia com os pais e duas irmãs. O qual, rondando já os 33 anos, e ainda solteiro, era guarda-florestal do tão afamado *Sequoia National Park*, quando se decidiu (finalmente!) a visitar a terra natal. Isto depois de muita insistência do primo Januário (companheiro da meninice e um dos poucos parentes que lhe restavam nas Ilhas), a oferecer-lhe hospedagem pelo tempo que desejasse. Preparava-se a freguesia para as festas da sua padroeira: Nossa Senhora do Pilar.

E aconteceu que, dias depois, estando ele no arraial, ouvido muito atento ao concerto da filarmónica de Santa Bárbara, mesmo assim assentou o olhar numa rapariga morena, de meigo semblante, que logo o fascinou. Ora, sem menosprezo da perspicácia dos leitores, direi que se tratava de... Matilde!

Abreviando (que isto não há-de ser conto de extensão queirosiana): chegaram à fala ao cabo de uma hora, se tanto. E, mais desembaraçadamente ainda nos dias seguintes, até ao regresso de Frank aos Estados Unidos, umas três semanas depois. Ficou então bem determinado que (havendo já a concordância dos pais da rapariga) ele voltaria à Terceira no próximo ano, para a celebração do casamento, na festividade maior de Nossa Senhora do Pilar. E, porque “o prometido é devido”, segundo o velho ditado, assim se cumpriu, sendo ele de 34 anos de idade, e ela de 19.

Convém esclarecer que Frank Baldaia, embora morando habitualmente no *Sequoia Park*, numa pequena habitação de madeira que desde o início lhe fora disponibilizada pela administração, mantinha a sua própria casa em Fresno, bastante mais ampla e bem apetrechada, em que gostava de gozar os dias de folga semanal. Ficaram então os dois instalados no parque luxuriante, ressaltando ocasionais deslocações a Fresno. E assim foi até pouco antes de lhes nascer o primeiro filho, Steven. Alteraram-se então os hábitos do casal. Ficou Matilde a residir em Fresno, com o bebé, raramente se deslocando a *Sequoia*. Em sentido inverso, ao encontro de ambos, acorria, na sua folga semanal, o diligente Frank.

Matilde, diga-se em abono da verdade, achava magnífico o ambiente em que trabalhava o marido. Mas, por vezes, sentia-se ali como que ameaçada por aquelas árvores altíssimas, habituada como fora a um largo horizonte descoberto: o mar das suas Ilhas. Já em Fresno, graças a Deus, na casa sobranceira a um declive acentuado, pelo menos não achava aquela espécie de claustrofobia.

Cinco anos depois de Steven nascia Rosalind, e mais e mais se radicou aquele modo de vida. Até que, vendo aproximar-se a idade escolar da menina, Matilde desejou proporcionar-lhe um ensino caracteristicamente português, pelo que propôs ao marido uma separação amigável (nada de divórcios, por enquanto), por um tempo indeterminado, até que melhor se definisse a vantagem ou desvantagem daquela ligação matrimonial. Muito a contragosto, Frank acabou por concordar. E lá se concretizou o regresso de Matilde à sua querida ilha Terceira.

Já por essa altura começara o nosso Baldaia a interessar-se pelo registo fotográfico de inúmeros aspectos do “seu” parque florestal. De maneira que os cartões de Natal enviados à mulher, a

partir desse ano, ostentavam sempre uma visão diversa das monumentais sequóias carregadas de neve, graças à objectiva da sua *Rolleicord*. No interior, logo abaixo dos costumeiros dizeres *Merry Christmas*... com dois sinos dourados, badalantes, escrevia ele uma verdadeira carta, muito afectuosa, que só terminava no fim da quarta página.

Estava Matilde precisamente nestas cogitações miudinhas quando se alertou com o telefonema de Frank.

“Ora até que enfim!” exclamou ela, num júbilo mais que sincero. “Estás mesmo vivo?!”

“Desde quando é que os mortos falam?”

“Os parentes mais próximos começavam a ficar preocupados!”

“Não me digas, Matilde! E então porquê?”

“Ao menos plo Natal há que saber uns dos outros!”

“Ele há-de haver quinze dias que nos falámos.”

“Quinze dias?! Upa! Upa!”

“Vamos ao mais importante: Como estás, minha querida? E a Rosalind?”

“Cá vamos andando, com saúde, graças a Deus. E tu?”

“Bem... O mais difícil tem sido habituar-me a esta situação de reformado.”

“Credo! Quem sabe se não deverias ter começado a frequentar... há um ano, por exemplo... um cursinho especial para o efeito?”

“Não me consta que haja semelhante coisa. Mas teria a sua utilidade, acredita.”

“Porque não vens até cá, Francisco? Um mês ou dois, digamos. Sem compromisso de qualquer espécie, entendes?”

“Prometo pensar no assunto. Muito seriamente.”

Estendeu-se entre ambos uma inesperada ponte de silêncio.

“Nem fazes ideia, Matilde... dos meus passatempos, nestes últimos dias...”

“Desde que sejam honestos!...”

“Honestos? O mais possível! Quero até, por sinal, enviar-te umas fotografias...”

“A propósito de fotografias: sabes que não recebi ainda o teu habitual cartão de boas-festas...?”

Frank hesitou na resposta. (Na verdade, lembrava-se muito bem de haver retirado da gaveta da secretária um dos novos cartões — com as insubstituíveis sequóias milenares, carregando nos braços as neves invernais; de haver escrito nele a mensagem do costume; de haver mesmo endereçado o envelope. Não se lembrava, porém, de o ter lançado em qualquer marco do correio... Deveria agora procurá-lo. E dar-lhe seguimento.) Mas a resposta foi muito outra: “O cartão de boas-festas, minha querida, já seguiu (embora com algum atraso), já vai de viagem, creio eu, sobrevoando a América de lés a lés, ou se calhar as ondas do Atlântico.”

“Muito bem. Cá ficamos à espera. Recebeste o que a Rosalind e eu te enviámos?”

“Recebi, com muito gosto. E que não ficou por agradecer, como verás... Mas, voltando às outras fotografias que te quero mandar: a minha modesta pessoa, numa roupagem mais alegre, mais divertida...”

“Ai,” murmurou Matilde. “O Carnaval ainda vem longe...”

“Bem sei. Mas isto é outra história. Que tem a ver, precisamente, com os meus passatempos de reformado.”

“Sim,” acrescentou ela. E ficou na expectativa de pormenores.

“Imagina que me lembrei de comprar um fato de Pai Natal. Lindíssimo! Com todos os apetrechos que lhe são devidos: barbas, óculos, saco...”

“Meu Deus! Quem visse!”

“Vais ver. Nas fotografias. E logo me dirás o que te parece.”

“Mas... e que ideia foi essa, Frank?”

“Logo na primeira semana deste mês, quando por toda a cidade começavam a surgir sinais de festa, decidi comparecer, envergando este meu trajo rigoroso e magnífico, nos principais centros comerciais.”

“Hum.”

“Não fazes ideia da quantidade enorme de crianças que me rodeavam, revelando a sua alegria. E muitas delas — quase todas — queriam logo ser fotografadas na companhia deste Pai Natal. E com muito prazer, também da minha parte.”

“Ai que engraçado!”

“Os pais e os avós, que os acompanhavam, pretendiam, naturalmente, gratificar-me com algumas moedas. De início... recusei; depois... aceitei e aceitei! De modo que... agora já duas empresas me ‘contrataram’ para animar as festas de Natal dos filhos dos funcionários.”

“Caramba! Sendo assim...”

“A vestimenta do disfarce... está paga e repaga. Acreditas?”

“Estou banzada com o que me contas.”

Banzada, a boa, inocente Matilde. Soubesse ela a mínima parte do que realmente se passou na sequência dessas sessões de animação natalícia...

*

A noite tinha caído sobre Fresno, fazendo ressaltar o brilho e as cores com que o Natal se anunciava. E Frank Baldaia, que desde as 11 da manhã ali estava, num garrido espaço interior do *Sierra Vista Mall*, resolveu dar por terminada a sua função naquele dia. Ainda se deixou fotografar com dois irmãozinhos de 6 e 4 anos — Wilson e Davy (perguntava sempre o nome a todos eles) — quando a mãe dos miúdos se afastara o suficiente, a captar a imagem, para voltar logo depois, a agradecer-lhe a amabilidade (deixando-lhe na mão uma nota de 10 dólares). E preparando-se Frank para abandonar o local e dirigir-se ao parque de estacionamento em que deixara o automóvel, viu aproximar-se uma senhora alourada, algo exuberante, aparatosamente vestida, aí de uns 50 anos ou pouco mais. Desacompanhada, pelos vistos. A qual, estendendo-lhe a mão abundante de anéis, declarou chamar-se Violetta Fogazzaro, nascida em Itália (Verona, para mais pormenor). A transplantação dera-se quando ela andava pelos 12 anos bem medidos. E não fora mal sucedida, ao que parece. Morava relativamente perto, a pouco mais de 15 milhas.

Correspondendo à gentileza, o nosso protagonista debitou-lhe o nome de baptismo e o apelido, mencionou a origem açoriana (de que muito se orgulhava) e referiu até a ex-profissão de guarda-florestal.

Então a veronesa confessou-lhe que estivera largo tempo a observá-lo, a razoável distância, encantada com o afecto que ele dispensava a todas aquelas crianças. Pronunciou até um piropo que o fez estremecer: “Tenho andado por muitos países, nesta época festiva, e nunca vi um Pai Natal tão bonito!”

O elogiado corou: é mais que certo. Valiam-lhe, no entanto, as postições barbas brancas.

E ela avançou uma proposta muito concreta: “Eu tenho um neto e uma neta, que muito estimo, aliás: Jason e Ruthie, de 5 e 3 anos respectivamente. Ora, não querendo de modo algum, meu caro senhor, abusar da sua paciência e disponibilidade (tanto mais que uma eventual colaboração seria generosamente recompensada), ousaria perguntar-lhe se poderei contar com a sua presença em minha casa, ainda hoje, para uma pequena série de fotografias com os miúdos. Ah, eles iriam adorar, acredite!”

Frank ajeitou os finos óculos de aro redondo e disse: “Pode ser. — Trouxe automóvel?”
“Um dos sete.”
“Segui-la-ei... no meu único. Para mais fácil regresso, como é natural.”

*

A *Verona Mansion*, moderna mas exibindo próteses de arquitectura renascentista italiana, coroava um cabeço de variegados verdes, em que preponderavam pinheiros e ciprestes.

Mas abreviemos.

Sentados já na vasta sala de estar, bebericando dos pequenos cálices o afamado licor *Frangelico*, começava o visitante a inquietar-se ligeiramente. E, divisando esse estado de alma, Violetta ergueu-se e disse: “O Jason e a Ruthie já devem ter acabado de jantar. Vou telefonar à Nancy, minha filha, que mora aqui perto...” E afastou-se para os fundos da casa, saracoteando a fulva cabelama.

Primeira estranheza de Frank: Afinal as crianças não viviam com a avó. Segunda estranheza de Frank: Violetta deixara o telemóvel sobre a mesinha de vidro. Dali mesmo poderia ter telefonado à filha. (E sorveu mais um trago do licor italiano, com um gostinho delicioso a avelãs.)

Pouco depois, regressando Violetta à sala de estar, revelou o seu desapontamento: “Muito me custa dizer-lhe o que realmente se passa. A Nancy decidiu-se a dar um longo passeio com as crianças. Levou-as a Monterey, a visitar o *Bay Aquarium*, onde estiveram hoje. Amanhã, em Oakdale, visitarão o *Cowboy Museum*, de modo que só cá estarão no dia seguinte.” Amarfanhou o colar de pérolas no decote generoso. “Estou desolada, acredite, meu caro Frank.” E pousou-lhe a mão no ombro, animando-o.

“Ora, imprevistos, não é verdade?”

“Mas para que não tenha sido em vão a sua vinda até estas paragens, até *Verona Mansion*, importar-se-ia, mesmo assim, que tirássemos umas fotografias juntos?”

“Pois muito bem.”

“Sempre é uma recordação que me fica da sua passagem... Uma compensação...”

Ergueu-se Frank Baldaia do sofá cor de mel, enquanto ela ia buscar a máquina fotográfica, montada no respectivo tripé, que um biombo japonês ocultava. Cinco acabaram por ser os disparos do dispositivo automático, captando a imagem de ambos, numa diversidade de fundos mas com pouca variação de atitudes dos retratados: O braço de Violetta alongando-se pelos ombros de Frank, o braço de Frank distendendo-se pelos ombros de Violetta, e sempre o inevitável recurso aos sorrisos de circunstância.

Regressada a câmara fotográfica ao seu esconderijo habitual, já a exuberante anfitriã insistia com o açoriano: que por favor estivesse como em sua própria casa (casa que estava suficientemente aquecida). Porque não se punha ele mais à vontade? E daí resultou que Frank se desembaraçasse do gorro, dos óculos, das barbas postiças, do cinturão e até mesmo do encorpado casacão vermelho debruado de arminho (chamemos-lhe assim)...

Foi então que ela se lembrou de dar-lhe a conhecer outros licores italianos: o *Amaretto* e o *Limoncello*, por exemplo. Que ele achou excelentes. Mas continuava a preferir o *Frangelico* (cuja garrafa, em forma de frade, era um divertimento para os olhos.) Pois aquele gostinho delicioso das avelãs...

Conversa puxa conversa. (Estavam de novo sentados no sofá cor de mel, lado a lado.) E Frank foi dizendo que, quando trabalhava no *Sequoia National Park*, trazia sempre consigo uma mancheia de avelãs, para dar aos esquilos...

“Os esquilos,” argumentou Violetta, “são uns animaizinhos muito sociáveis, muito queridos,

hem?” E, como quem não quer a coisa, pousava-lhe no joelho esquerdo a mão direita. E ele concordou. Que os esquilos eram realmente... maravilhosas criaturas.

Pediu-lhe então a veronesa que lhe falasse do referido Parque. Admirou-se o ex-guarda-florestal: “Como?! Pois não conhece o famosíssimo *Sequoia National Park*?!” (Ali tão próximo, caramba!) E ela, exteriorizando uma certa perplexidade, afirmou que nunca lá tinha estado. (O que não era verdade. E disto sabe o autor omnisciente.) Mas, respondendo assim, antegozava a hipótese de lá irem juntos, beneficiando ela do privilégio de ter à disposição um cicerone invulgarmente conhecedor do lugar.

O nosso Baldaia facultou-lhe então uma antevidência daquele excepcional recanto da Califórnia, onde as árvores emblemáticas, com troncos de perímetro excepcional, atingem os 100 metros de altura e a milenária longevidade.

A noite avançava.

O quarto de dormir da Fogazzaro era no andar superior. Noite mal dormida para ambos (não sei se me explico) até antemanhã. Altura em que Frank, madrugador inveterado, se ergueu e foi até à janela. Afastou de leve o reposteiro e olhou para o céu, em tons de magenta e alaranjado, prenúncios do Sol nascente. Então, vendo Violetta bem ferrada no sono, começou a vestir-se, preparando-se para abandonar o quarto e a *Verona Mansion*. Ainda teve o requinte de deixar um recado num bloco que se lhe deparou sobre a mesa-de-cabeceira: “*Grazzie di tuttttto* (não é assim que se escreve...) Gostei muito de conhecer os seus fictícios netos: Jason e Ruthie. Realmente adoráveis. — Frank.”

Não atinou bem com a saída. Mas decidiu-se a descer por uma escada estreita. A qual desembocava numa galeria de coloridos retratos fotográficos, todos de umas 15x20 polegadas. Ora esta! A sempre exuberante presença de Violetta, inevitavelmente bem chegada a um indivíduo qualquer uniformizado: um bombeiro, um piloto de aviação, um gondoleiro veneziano, um pescador esquimó, um campeão olímpico de natação, um pastor tirolês, um guerreiro africano, um sucedâneo de Elvis Presley...

Frank imagina-se figurando naquele vasto cortejo, no extremo do corredor... Providencial, uma porta de vidro que deita para o jardim! E ele corre para o automóvel, servidor presumivelmente aborrecido duma tão longa espera.

NORBERTO ÁVILA





“Flor do tempo”
Fotografia de Rui Melo

At the End of the Donkey Path

There's a cloudless place for the heart
where a walk down the donkey path ends,
and a stream narrowing for tangled underbrush
where flowers become lush in an island's palette;
and a canopy of trees chokes out civilization
at the hub of this quiet fern-fed natural pool.

Here remoteness wears her vast crown
and a poet easily weds his words to ink—
with my hand open to the air and to the earth
I am not afraid to bend down and drink.
I welcome the smells of sudden dreams.
And Flores, your lady luck with waterfalls
makes a seedbed worthy of a lasting vision,
rushing pitch into the blood's hot prism.

I'm past the red-tile roofs blaring in the eyeballs
like porch dogs barking constantly at strangers to get lost;
and the light on these leaves sets its own eager invitation—
its own rainbow of mellow multitudes that link.
Not a cross murmur from the road can reach me,

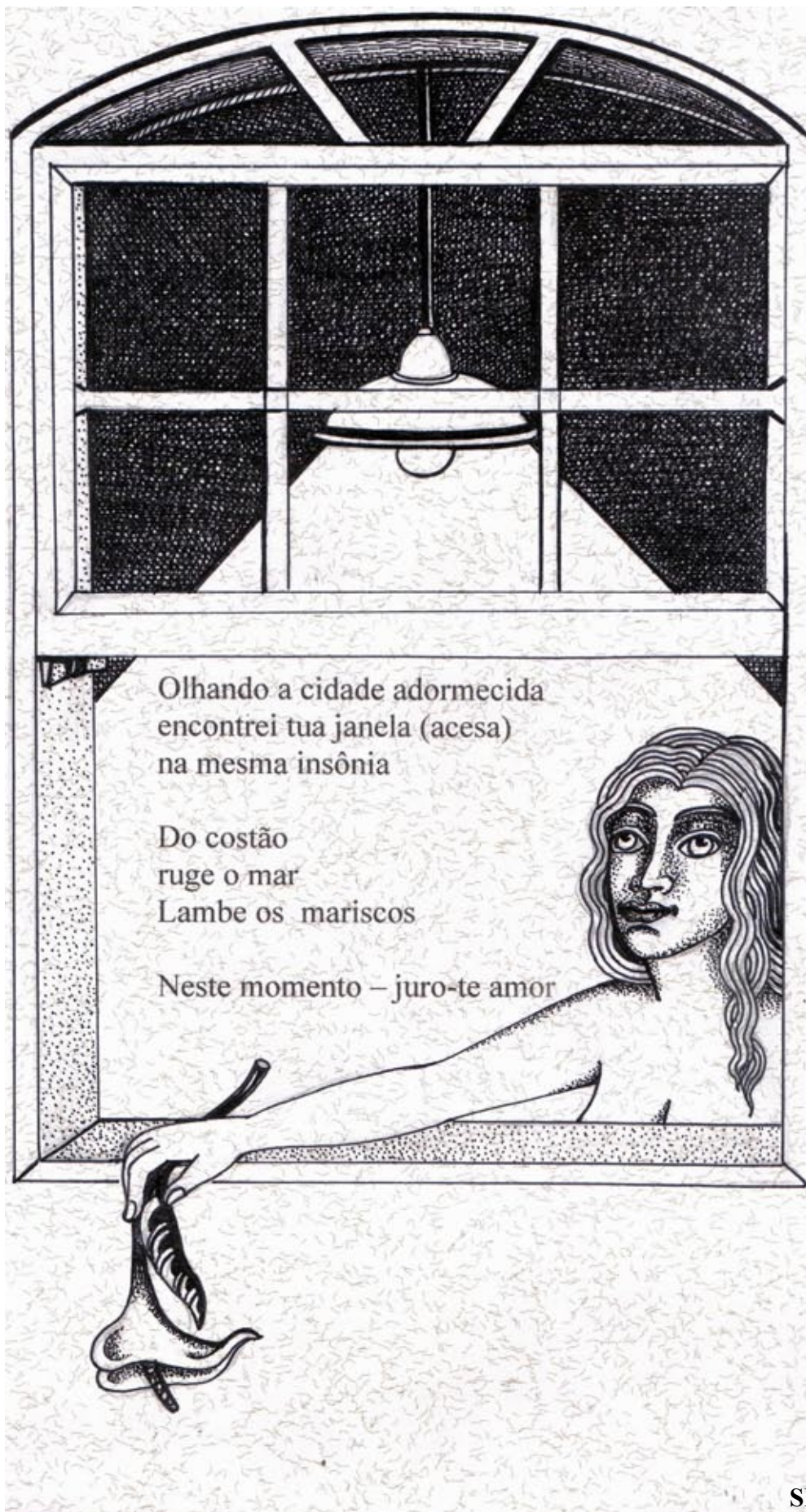
no traffic except the search of my unknown footfalls;
and the charm of water beading and threading
the notes of wild birds spanning their wings above.
I too wear the secret jewels of solitude here,
and all worldly crudeness within finds wisdom
beyond the terrible cutting sound of the ax.

I mark now one white hortênsia flower.
Touch it lightly with a smooth curved stick
and turn it loose on an infinitely slow ripple.
It glides along like a child's first proud sailboat.
It finds warmth in the sun and winks back at me.

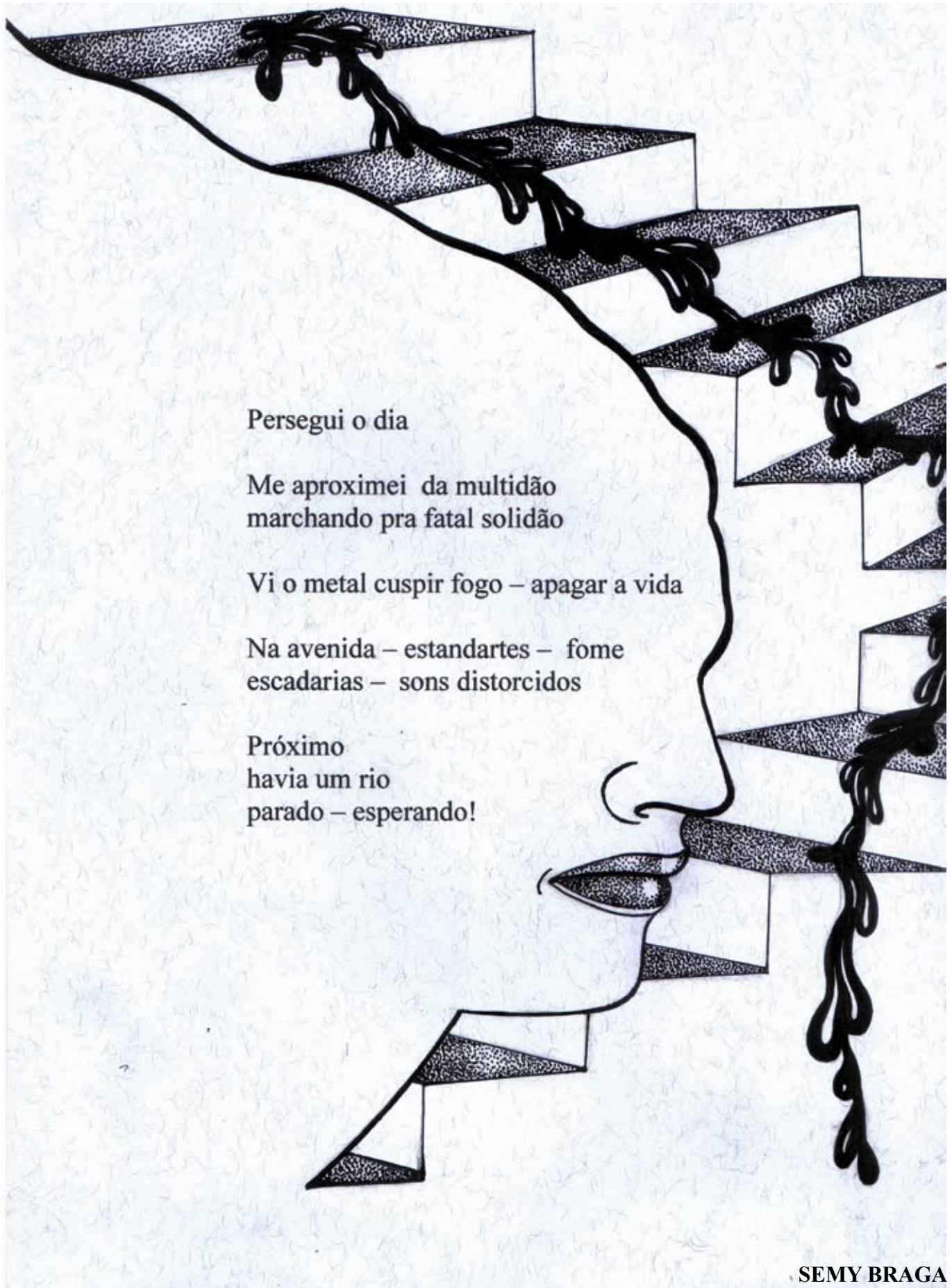
I watch it round the bend to a much deeper shade.
I'll never find time younger if I someday reappear.
I must with strong regret return to Santa Cruz,
but I won't forget the end of this red dirt path
where I am blessed beyond the wares of a priest,
where I am an island-honored guest of nature's feast.

ART COELHO





SEMY BRAGA



Persegui o dia

Me aproximei da multidão
marchando pra fatal solidão

Vi o metal cuspir fogo – apagar a vida

Na avenida – estandartes – fome
escadarias – sons distorcidos

Próximo
havia um rio
parado – esperando!

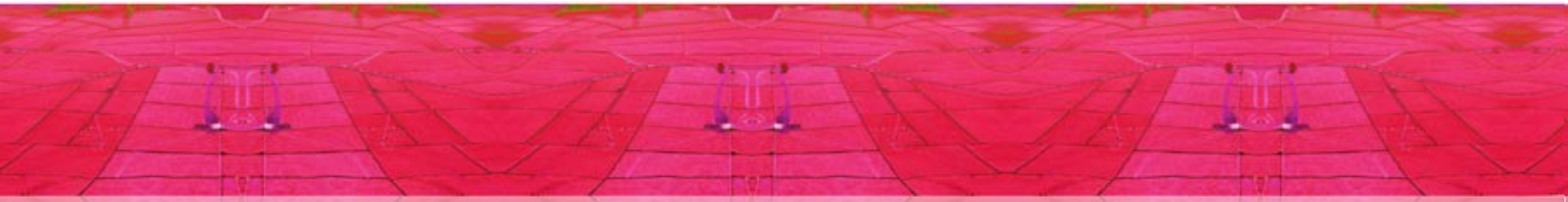
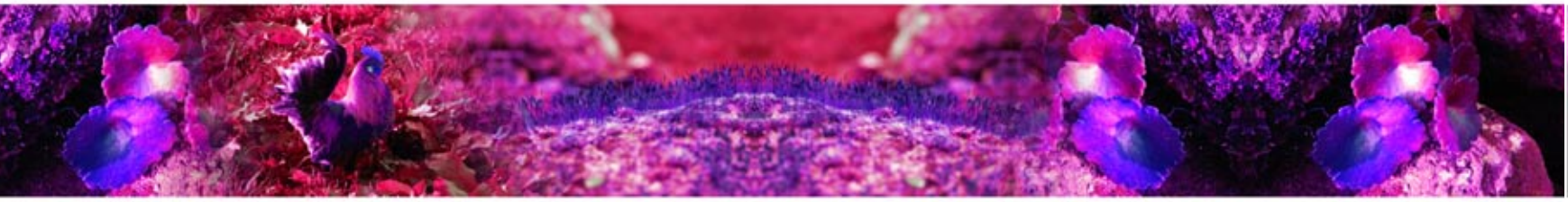
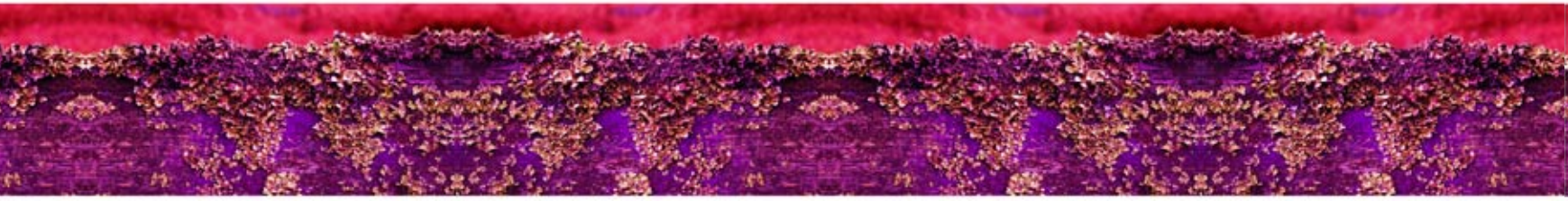
SEMY BRAGA

Ano Europeu do 2008
Diálogo Intercultural.

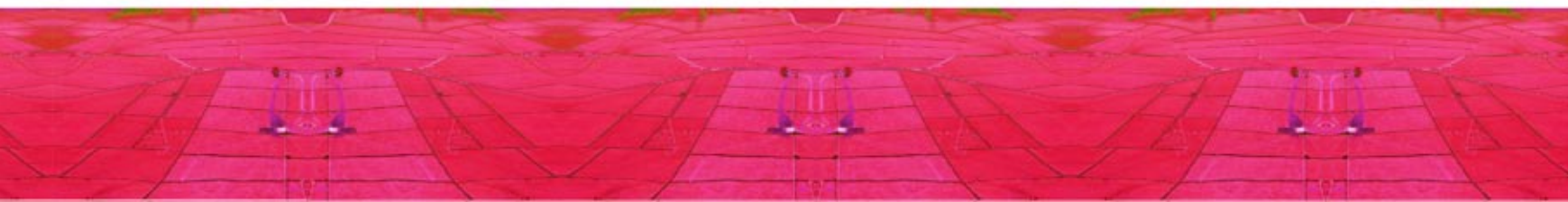
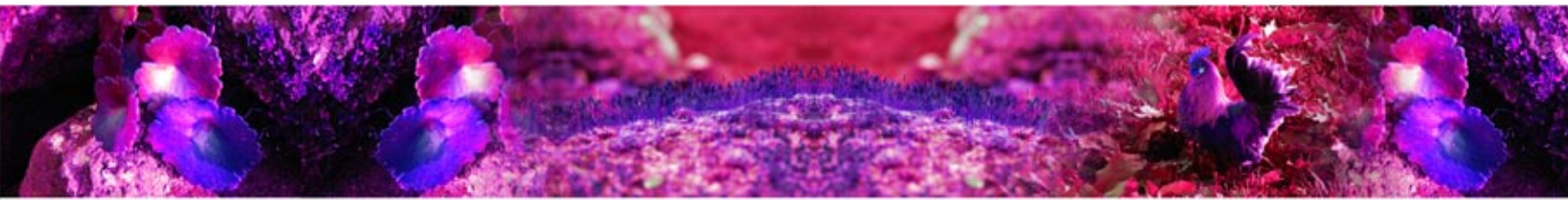
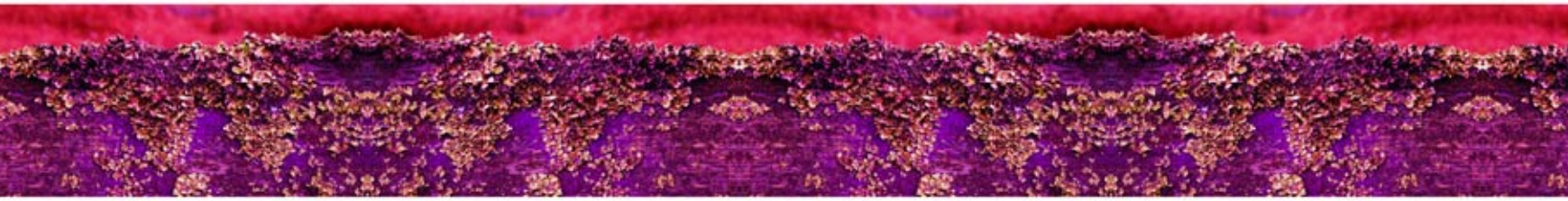
**"Olhares
sem
Fronteiras"**
CONCURSO
DE FOTOGRAFIA

**1.º Prémio:
"ORIGEM"
de Marcelo Borges**





construir cultura



Construir Cultura

O programa *Construir Cultura*, proposto no âmbito das celebrações do 50º aniversário do vulcão dos Capelinhos, encerrou na ilha do Faial, com várias actividades culturais, como dança, teatro, concertos, exposições, palestras e apresentação de livros.

Durante uma semana, foi possível participar em múltiplos acontecimentos, que foram ocorrendo na cidade da Horta e nas freguesias da Praia do Norte e do Capelo até ao lugar dos Capelinhos. (Recorde-se que a erupção do vulcão dos Capelinhos provocou uma das maiores vagas de emigração açoriana para a América e Canadá).

A organização deste festival coube à parceria Direcção Regional das Comunidades e FaiAentejo e contou com o apoio da Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José Graça, Secretaria Regional do Ambiente e Mar, Bar do Teatro Faialense, Juntas de Freguesia e Casas do Povo do Capelo e da Praisal do Norte, Direcção Regional das Pescas e Associação dos Amigos do Farol dos Capelinhos.

A reportagem fotográfica de Ricardo Guilherme, os textos produzidos pelos escritores convidados e os painéis de fotografia de Marcelo Corrêa inseridos neste suplemento, registam, de forma indelével, o desenvolvimento desta edição do programa *Construir Cultura*.



Álvaro Oliveira

ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na freguesia do Raminho – ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura. Aposentou-se em 2001.

Como escritor tem 33 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio. Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro. Tem poesia e prosa traduzidas para inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão.

Até hoje, memórias de cão (3ª edição) recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985; *Solidão da Casa do Regalo* (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em Abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para leccionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.



MONÓLOGO DO VULCÃO

Eu próprio tenho medo mim. Sempre me arrependo dos meus ímpetos, das minhas fortes fraquezas, dos meus espasmos inconsequentes, do rasto de destruição de nome indizível, de um machismo que me desgasta e comove. Sempre me arrependo dos meus roncões, dos meus estremecidos gemidos, do incômodo húmido e inundante provocado pelas minhas ejaculações.

Tenho medo de mim como se fosse o rosto mau do papão da minha infância. Ao espelho, debitei uma adolescência mal assumida, seguida de uma juventude de comportamento marginal. Não há tempo para ser adulto. A minha pressa faz da masturbação o princípio do fim. Nenhuma acne me envergonha.

Tenho medo de mim – não tanto da minha pujança, da minha insaciedade inesgotável, do meu donjuanismo sem justificação. Mas, sobretudo, porque não há qualquer razão directa entre os meus ataques de fúria e o meu cansaço pós-derrame seminal. O fogo que me abrasa expilo-o como peçonha de incandescência efémera ou fátua.

Tenho medo de mim assim como quem não tem hipótese de se reconhecer como animal mineral, mesmo quando invadido pelo sono suculento dos mortais. É que não há fêmea que eu sacie nem ilha que me absorva por mim gerada. Devoro as minhas crias com apetite antropofágico e fico saciado e gordo como anjo de altar barroco. Sempre me associam aos acontecimentos maus da história, esquecendo que sou apenas o subproduto edénico de um deus aborrecido que, não querendo saber do universo, o concebeu e criou – tudo sob o signo da chatice e da grandeza dos espaços siderais.

Tenho medo de mim como o diabo (que não é para aqui chamado) tem da cruz. Assim que me apodero da minha própria luxúria, acendo as luzes que iluminam as cavernas submersas da barriga. São autênticos rodilhões de tripas com gases e fezes que estoiram e se espalham sobre a face das águas ou da terra, impregnando o ar com o cheiro esquisito do inferno a que chamam enxofre.

Tenho medo de mim porque mudo facilmente de humores, tornando imprevisíveis os homens da ciência que tudo sabem e que, em vão, procuram enquadrar, dentro dos seus parâmetros de saber, o que a minha vontade, nunca premeditada, decide impor ao meu comportamento. Tantas vezes os desafio que eles sempre sucumbem impotentes perante as minhas manifestações de gozo viris, abundantes e quentes – ejaculações fabulosas, fantásticas e fantasmáticas que, devagar, muito devagar, se assexuam, transmigram e se travestem, deixando visível a casa-matriz onde se concebe a Humanidade.

Tenho medo de mim por todas estas razões e por mais esta vulva que se afunda na cratera do corpo da ilha – que eu falo da ilha que tenho amamentado com lava e escória, a que, um dia, os homens reconheceram a maternidade paterna ou a paternidade materna sem nada terem a ver com hermafroditismo barato, retirado de qualquer compêndio sobre religiões eróticas.

Tenho medo de mim porque, afinal, sempre me afundo e aí me quedo adormecido, como dinossauro apocalipticamente cremado no forno das minhas angústias. Posto nas profundezas da terra, fico sem referência uterina, sabendo apenas da forma exterior comum em qualquer corpo de mulher. Ninguém se atreve a falar mal de mim. Todos sabem que o género não passa de limite da criação. Olhar para a cratera é absorver a

intimidade feminina de um sonho realizado. E, assim, se chega ao clímax sem sujar as mãos nos dejectos cerebrais.

Tenho medo de mim. É um medo vingativo, perplexo, com muito de espanto e nada de divino – quase. Não vou deixar que este medo se apodere dos meus sentidos. Chega-me este momento íntimo de poder olhar para esta cratera e apreciar os seus musgos púbicos subindo as paredes da pele acetinada, mostrando a sua pluralíssima paleta de verdes. As crateras não deixam que lhes barbeiem a vegetação e estendem-se sempre sob as formas redondas de mulher.

Tenho medo de mim. Finalmente. Passo os dedos sobre a pele vegetal da cratera e arrepiam-se-me os cabelos da sedução. Estranho-me como vulcão que é macho e fêmea e declino-me na posse possuída, violenta e emurchecida, arrogante e serena. Sou como um paradoxo envergonhado da nudez da sua contradição. Se algum dia me reinvidirem as azias e os gases, hei-de fazer com que o poema suporte o peso do silêncio e as crianças permaneçam com aquele sorriso de quem olha para a cratera como se ela fosse a casa estremecida da ilha, abrigada dos ventos, das chuvas e das marés. Para ela, os búzios enviarão as suas mensagens secretas e musicais e o poeta, sentado ao balcão, vai continuar a ver passar navios carregados de versos, deixando um lastro de perfume com sabor a algas e a estrelas.

Não tenho medo de mim.

Capelo (Faial), 28 a 31 de Outubro/07





A MALDIÇÃO DE NÃO VER UMA GARÇA MERGULHAR NO MAR

Aos sessenta e três anos de idade, Rodrigo era uma indiferença biográfica. Padeceu de envelhecimento vagarosamente progressivo, embora não sofresse das doenças próprias do seu escalão etário, não pensava nelas e, daí, que ignorasse o que era uma depressão. Desde que emigrara, sempre tomara atitudes triviais: trabalhara sem dar pelo seu crescimento físico e económico, casara, fizera filhos e andava a apreciar o crescimento dos netos. Correu quanto pôde pelo caminho da vida, normalizando as curvas num fastio de boa gente, sem brilho e também sem qualquer curto-circuito mental. Rodrigo sentiu-se agora como atleta fora de jogo, mas isso não faz que se importe com o apito do árbitro que lhe regula a consciência. Ali, sentado, voltado para dentro, bem pouco lhe diz a decisão de romagem até à proximidade do vulcão, rodeado por aquela paisagem árida, de cortes bruscos, em desgaste contínuo, visível através de uma nuvem irrequieta de areia. O mar, esse, perde-se pelos seus olhos dentro, infinito como um deserto de pele lisa, num dia calmo de primavera a resvalar para o verão. Quem o avistasse do caminho não deixaria de pensar numa posição fetal sob a protecção de uma placenta de poeira.

Rodrigo deixou que o sol se afogasse no mar e decidiu regressar ao hotel. Sacudiu a areia que se colara ao traseiro e foi sentar-se no carro que alugara. Arrancou devagar... Tão devagar, que se sentiu perseguido pelos roncões e tremores de há cinquenta anos atrás. Viu a avó deixar cair a tigela de caldo no chão da cozinha, agarrá-lo pelos dois braços e levá-lo porta fora, perseguidos pelo esborralhar da chaminé, que descascou as paredes como banana. No caminho, juntaram-se aos gritos dos vizinhos, a terra tremendo e a mãe correndo com o cesto da roupa lavada preso ao quadril. Pouco depois, o pai e os irmãos juntaram-se e abraçaram-se. Choraram. As lágrimas não eram de medo, mas de perda.

Durante meses, o vulcão viveu intensamente a sua ruindade. Teve fases de lava, de pedra, de gases, de cinzas – tudo expelido com uma fúria sísmica, que foi destruindo as casas, as igrejas, as paredes. A cinza acamou sobre terrenos e ruínas e o espectro da fome atacou pessoas e animais.

Rodrigo pasmara. Estava naquela idade de inquietações interiores que o angustiavam e deslumbravam. Andava a contar os pêlos pudendos com erecções contínuas que desfazia às escondidas, mas que o aliviavam dos sustos sísmicos e duma espécie de anarquia de ocupações profissionais que contagiava toda a gente. A rotina do quotidiano fora quebrada sem apelo. Ninguém se sentia obrigado a fazer o que quer que fosse, a não ser a tarefa inócua de respirar como acto motor indesviável. Vivia cada dia numa inconsciência quase perfeita, sentindo o corpo cumprir-se na direcção do crescimento, mas sem atinar com a poalha de um futuro próximo e deixando que a sua sexualidade se desenvolvesse sem qualquer orientação precisa. Esta situação ofereceu-lhe uma independência muito própria, que o desprendeu de compromissos de afecto para com a família, amigos e até com a própria ilha. Por isso, foi com alívio obscuro que recebeu a notícia de que estavam prestes a emigrar para a América.

– Não tens pena? – disse a mãe.

– Pena de quê? Da nossa casa caída?, das nossas vacas mortas?, das nossas terras perdidas?!

A mãe remeteu-se ao silêncio dos sem argumentos. Rodrigo continuou a ler o bocado do jornal que embrulhara o sabão comprado na mercearia, presenteando a mãe com esgar que, no mínimo, seria entendido como um sorriso sacana.

Até ao dia da partida, foi uma azáfama divertida para meter, em duas malas, as poucas roupas que levariam para a América. Apesar de serem cinco pessoas, a sua pobreza não requeria mais bagagem. O bandolim era a peça mais valiosa da família e seria levado, à mão, dentro da saca de retalhos que a avó fizera para trazer as compras da mercearia. Assim, não apanharia defeito. E lá foi com o pescoço de fora da saca, como enforcado numa camisa-de-forças. (Ainda está em bom uso, apesar da sua continuada prestação de som em todas as festas no salão dos portugueses. Toda a família sabe arranhar o instrumento, sem grande virtuosismo – é certo –, mas com a sensibilidade mecânica dos autodidactas).

A chegada à América motivou uma grande surpresa. Modesto era, então, uma cidade que fazia jus ao nome. A sua parte antiga oferecia ao olhar uma imponência rasteira, muito direita e asseada. Depois, como que dispersava sem ruído, perdendo-se por entre pomares e vacarias. Rodrigo não se apercebera da grandeza das cidades onde o avião pousara, como Nova Iorque e São Francisco e, por isso, Modesto era a sua cidade imodestamente superior. Pensou logo em dar grandes passeios a pé, no saboroso entretenimento de olhar as montras e as mulheres. Ele via-as como actrizes de cinema, com suas roupas coladas ao corpo, meias de fio-de-vidro disfarçando a cor leitosa da pele das pernas, sapatos de salto alto e o rosto sempre corado por uma maquilhagem de conveniência. Em nada se comparavam com as mulheres da ilha, embrulhadas em xailes pretos de merino, lenços enfiados na cabeça, saias de má costura, pontudas e quase sempre sujas, para não falar de um corpo e de um rosto estragados por uma vida desfeminina e esforçada. A conclusão mais expedita que tirou foi a de que a América era uma terra boa para mulheres boas – vulgo: boazonas. Contudo, logo se arrependeu de tamanha ingenuidade. Por isso mesmo, a ilha também surpreendeu Rodrigo à distância. Não estava previsto, mas o peso e a disciplina do trabalho, a que só a custo se habituou, fizeram-lhe nascer e crescer, no peito, a grande árvore da saudade. Nunca chorou, mas irritava-se como os hebreus que, a caminho da Terra Prometida, queriam comer as cebolas do Egipto. Foi crescendo com essa irritação e a promessa velada de voltar só para arreliar a saudade.

– Se Deus quiser! – disse para as paredes da casa de ordenha.

E parecia fácil Deus querer. Na América, quem trabalha tem dinheiro e ninguém se absteve de trabalhar. Mandaram às malvas qualquer escolaridade e aprenderam a falar americano com as vacas e a televisão. Compraram casa, roupas e comida; mudaram de profissão para ganhar mais e trabalhar menos. Lá foram vivendo com a felicidade subindo a pique, até que aconteceu o primeiro de uma série de desaires: o pai de Rodrigo morreu sem ter assistido ao casamento de todos os filhos. Poucos meses depois, foi a mãe e, para ele, apesar de casado e já com um par de descendentes, foi contaminado pela tristeza da orfandade total. Deixou-se adoecer com o mal de quem come veneno, sentindo-se morrer tão devagar que chegava a ouvir os passos subtis da morte. Na verdade, os filhos foram casando sob a direcção silenciosa da mãe, obedientes bem à moda das ilhas, mas com ele a demitir-se da sua intervenção de pai.

Rodrigo apercebeu-se da solidão quando deu por si a chamar pelos filhos sem que

nenhum lhe respondesse. Daí para a frente, começou a falar com Sharon – uma cadela perdigueira que ele preferira se tivesse batizado com nome português. E essas conversas aumentaram quando a mulher, de forma quase atoleimada, se deixou matar por um cancro, contra o qual não valia a pena lutar. Então, casa transformou-se num abrigo subterrâneo, com as portas e janelas sempre fechadas e com a escuridão interior do tamanho do silêncio da morte. Aí se enclausurou sem vocação para poder abster-se dos seus excessos. Por comodismo próprio, os filhos foram respeitando essa solidão, afastando-se.

Quando menos se esperava, Rodrigo informou Sharon que precisava de sonhar com a sua ilha. Passara meio século sobre uma ausência que só fora preenchida por algumas cartas e, mais recentemente, por imagens em videocassetes, mas que afastavam as memórias para um lugar mental ainda mais distante. Nada do que via, fazia sentido. O filme do passado fora rebobinado como a água: incolor e inodor. Faltava-lhe a cor das hortênsias e o cheiro do mar.

– Sharon, o mar que rodeia a minha ilha é tão vasto como este vale. E move-se, e inquieta-se e adormece e diverte-se – disse.

A cadela concordou, enroscando-se sobre si mesma como trança de massa doce, mas sem conseguir apreender a dimensão sensual daquela afirmação.

Há poucos meses, numa tarde queimada de calor, Rodrigo fechou-se em casa cumprindo um hábito que começava a ser antigo. Deitou-se no sofá e sonhou com a ilha. Decrescera em idade e tamanho. Movia-se numa paisagem que enjoava a enxofre e até as pessoas eram da cor da cinza. Era um deserto movente, que tremia como varas verdes, afastara as aves e alumbrara-se numa tristeza de fotografia a preto e branco. Ao fundo, viu claramente a espiral de fumo do vulcão.

Foi o estupor. Rodrigo acordou num lago de suor e lava, com uma epilepsia de corpo que fazia ranger os tabiques da sua casa americana de Modesto. Levantou-se. Sentiu que as carnes se lhe desprendiam dos ossos, assim como se um estilete invisível o estivesse a desossar em acto cirúrgico perfeito. Lavou-se com receio de se tocar. Se as carnes lhe caíssem nem poderia gritar. Nunca a solidão fora tão povoada por fantasmas, por meras impressões de falência cardíaca, por um sufoco transido de receios mortais. Sentiu que era urgente consertar o coração, mas não tinha a ferramenta adequada.

– Vou desmaiar! – pensou.

Não foi propriamente um desmaio. Foi, quando muito, uma inconsciência tolerada por movimentos normais e que levaram Rodrigo a uma agência de viagens, onde comprou um bilhete de ida e volta. Vimo-lo sentado junto ao vulcão, cheio de pensamentos lávicos, ainda vermelhos e quentes. E vimo-lo regressar à cidade num carro de aluguer, sem dar sinais de luz nem abrandar nas curvas. Já se sabe que tem sessenta e três anos; está à beira da reforma; e, apesar de viúvo, mantém ainda os restos de uma beleza vulgar. Além disso, teve o privilégio de assistir à ascensão e queda de um vulcão, que lhe alterou a vida para sempre, numa sequência de fastios empedernidos. Por isso, seguiu a sugestão do empregado de restaurante:

– Nada como um prato de batatas com versinhos cozidos em molho brando de poeta...

Rodrigo comeu e não gostou. Passara anos demais sob a maldição de não ver uma garça mergulhar no mar.



Eduardo Bettencourt Pinto

Pinto

EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em Gabela, Sul de Angola, em 1954. Residiu temporariamente na Rodésia e viveu sete anos em Ponta Delgada, Açores, onde iniciou a sua actividade literária. Reside no Canadá desde 1983. Vive actualmente na pequena comunidade de Pitt Meadows, arredores de Vancouver. É funcionário público e consultor informático. Além de vários livros publicados nos géneros de poesia e ficção, tem colaboração dispersa por jornais e revistas da diáspora norte-americana e europeia, bem como em Portugal continental e insular. Foi co-director, juntamente com Emanuel Jorge Botelho, da revista literária Aresta, e coordenador, com Laurindo Cabral, do suplemento literário Seixo do jornal Correio dos Açores. Actualmente é o editor da revista de artes e letras Seixo review, na Internet. Tem participado em conferências nos Estados Unidos, Canadá e Portugal. A sua poesia está representada em várias antologias, nos Estados Unidos, Brasil, Portugal e Inglaterra. O seu livro mais recente é A casa das rugas, romance, publicado em 2004.

Para mais informações sobre o autor pode consultar a sua página na Internet em www.eduardobpinto.com



AS MÃOS DE CELESTE



O mar vinha de muito longe. Chegava ali azul. Às vezes de uma cor pérola, lisa, tão frágil que só durava um momento. Apetecia bebê-lo com as mãos. Em dias soturnos, pela tarde, tornava-se prateado. A ilha recebia aquela massa líquida como uma amante jubilosa, sem condições, numa oferta de poros abertos, receptivos até às artérias mais íntimas.

Naquela casa onde o Tempo cravou as suas implacáveis esporas, não se ouvia o mínimo revolver de águas. Observado dali, o mar parecia um espelho resplandecente, longínquo. Um desafio onírico. Mesmo das janelas sem

vidros, condenadas pelo abandono, crescia uma fosforescência estranha e palpitante.

Perseguiam-na os ventos fortes e húmidos do Inverno, as cores melancólicas e fosforescentes da chuva. Caía sobre ela uma solidão tão árdua como uma pedra. Mesmo ao lado das ruínas, e à beira da estrada, vivia Celeste no seu mundo de sombras.

O cão, do alto do quintal, despiu um olhar curioso e ao mesmo tempo agressivo. Rosnou baixinho. Estava preso por uma corda forte, longa, a uma grossa coleira de cabedal. De repente investiu. O homem assustou-se e correu, arrastando a mala.

Celeste acordou com o barulho do «Faísca». Revolveu-se um pouco no seu velho e encovado colchão. Não lhe apetecia levantar-se, mas o cão ladrava sem parar.

Foi à janela descalça, a bocejar. Espreitou o quintal por uma nesga da cortina. Ninguém. «Diabo de cão», não se calava. Enquanto vestia o robe, ouviu bater à porta.

Calçou os chinelos apressadamente. Quem era àquela hora? Pensou que fosse cedo, mas já passava das dez. Na véspera, estivera até às duas da manhã à volta de uma coberta para a cama. Levava meses a juntar pedacinhos de pano num cesto de verga, que depois pespontava horas a fio. Na velha Singer dava os retoques finais. Fazia cortinas, cobertas para o sofá, almofadas. O que lhe viesse à cabeça.

Viu-se ao espelho da cómoda. Nem sequer podia cuidar de si. Passou os dedos pelos cabelos desgrenhados e saiu do quarto.

– Está alguém?

Não reconheceu a voz masculina do lado de fora da porta. Não tinha a pronúncia da terra. Sentiu-se ainda mais inquieta – de robe, verrugas da almofada na pele, e despenteada. Esteve para o mandar embora, mas a curiosidade venceu-a.

– Sim, faz favor.
– Desculpe, posso falar com a senhora?
– Ao que vem?
– Meu nome é Francesco. Vim ontem do Canadá para falar com a senhora. Posso vê-la?

– Só um momento. Venho já.

Foi a correr ao quarto de banho. Aproveitou para lavar a boca e pentear-se. Antes de sair ainda ajeitou o robe. Oxalá que o homem se tenha ido embora, pensou.

Mas ao abrir a porta deu de caras com um sujeito de meia-idade, faces luzidias, cor-de-rosa, e de baixa estatura. Estava de óculos escuros e chapéu puxado à nuca. Vestia como se tivesse sido convidado para uma festa de carnaval: calças lilás e camisa amarela.

Celeste notou o seu ar cansado, o perfume estranho e penetrante do *aftershave*. O sol, a bater-lhe nas abas do chapéu panamá, dava-lhe um aspecto surreal: a sua cabeça parecia flutuar na luz.

Apontou à visita o velho sofá da sala, coberto com uma manta de retalhos de várias cores que ela mesmo tinha feito em serões de tédio e frio no Inverno anterior.

O canadiano pousou a mala de viagem e deixou cair o corpo cansado. Sentiu-se afundado numa cova. O duplo queixo colou-se ao peito numa posição visivelmente desconfortável. Morria de calor, mesmo em Fevereiro. Introduziu a mão no bolso direito e esticou muito as pernas até conseguir tirar o lenço. Limpou o suor da cara e do pescoço.

— Não imagina o trabalho que tive para encontrar a sua casa — lamentou-se, levantando um pouco os óculos escuros num gesto nervoso. — Vim a bater a essas portas todas até chegar aqui.

Exagerou para dar à sua presença um tom dramático. Mas a verdade é que andara bastante, embora por culpa sua. Caíra na imprecisão de mandar o taxista embora. A mania de economizar complicava-lhe sempre as coisas. À única porta que bateu, apareceu-lhe uma senhora de mau humor com um bebé enfiado debaixo da blusa. Em vez de informações, levou uma corrida monumental por ter acordado o bebé.

Mais abaixo interceptou um homem ao volante de um tractor:

— O senhor vá descendo por aí na graça de Deus. Quando vir um cão perto da estrada, é aí mesmo, na porta em frente — disse, voltando a colocar o chapéu na cabeça antes de se ir embora.

Celeste sentou-se muito direita no cadeirão no lado oposto ao homem. Reparou de soslaio na sua enorme mala. Deve ser forte para poder carregar com esse monstro por aí abaixo, pensou. Que mistérios traz ali dentro?

Muito encolhido, Francesco parecia afogar-se na sua própria roupa. Não parava de se limpar com o lenço, a restolhar na barba de um dia. O rosto reluzia com a claridade da janela.

— Não é melhor o senhor tirar o casaco? — sugeriu Celeste, preocupada. — Não lhe vá dar alguma coisa...

Todo ele explodia de vermelhidão. Sentia as mãos dormentes e doíam-lhe as costas, o pescoço e os pés. Estava numa lástima. O casaco, porém, cobria-lhe uma nódoa na camisa, um deslize durante o jantar no avião. Que ia pensar ela se visse aquilo?

— Veja lá, senhor, esteja à vontade. Não quer mesmo tirar o casaco?

Ele abanou a cabeça com o lenço pregado à testa.

— Vou buscar um copo de água fresca. Pode ser que lhe faça bem — disse Celeste.

Francesco observava-a à vontade por trás das lentes escuras. Ainda bem que não tirara os óculos. Podia reparar ao redor sem mexer a cara. Uma técnica à camaleão, o sáurio que mais admirava.

Viu-a levantar-se devagar, apoiando ambas as mãos nos braços do sofá. Eram escuras, com veias de cansaço e da idade muito salientes. Observou-lhe depois o rosto e encontrou uma cor de terra ressequida, muito queimada pelo sol e pelo agreste vento da ilha, os cabelos muito negros e com listras grisalhas. Uma velha! Tinham-no enganado! Uma velha! Ficou estarecido. Ao entrar, com a atrapalhão não tinha reparado bem. Parecera-lhe apenas uma mulher surpreendida com um intruso na sua rotina, o corpo escondido num robe coçado, um certo ar arisco e silvestre de quem vive isolado do mundo. Mas agora não. Estava ali, muito perto, a menos de dois metros. Não havia enganos. Viu-a erguer-se com os inalteráveis desafios da idade, vagarosa, uma árvore que já dera todos os seus frutos e agora secava entre as paredes de uma casa à beira da estrada por onde os dias, lentos, escorriam de tédio e olvido.

O *son of a gun* do Belmiro, pensou. Se o apanhasse naquele momento lançava-lhe as mãos ao pescoço como se faz a um galo traiçoeiro. Apertava, apertava até ele espernear. Depois era atirá-lo dali para fora com um pontapé bem ferrado no traseiro. Olha-me o malandro, a gozar com ele! «Se fores à ilha, dou-te a direcção da minha prima, a mulher mais bela da freguesia. Tem quarenta e poucos anos, viúva, e com terras e pensão do marido. Trá-la para cá. Precisas é de uma mulher assim, da nossa terra, e que obedece a um homem sem refilar» disse-lhe uma vez, duas, tantas até que aquilo lhe ficou na cabeça e acabou por aterrar naquela casa como um labrego perante a sua própria imbecilidade.

O pior de tudo é que considerava Belmiro seu amigo. Até a mulher fora conivente naquela tramóia toda, acompanhando-o a lojas onde comprou dois vestidos, duas combinações, meias, um par de sapatos altos e um saquinho de cosméticos. Todo aquele esforço e despesa para nada. E agora, o que ia fazer com aquilo?

Celeste foi ao pequeno armário onde guardava a sua melhor loiça e escolheu um copo. Lavou-o duas, três, quatro vezes, a torneira sempre aberta, a água, suave, a correr entre os seus dedos. Sentia-se observada. Que sujeito estranho! Não lhe devia ter aberto a porta. E se lhe dava alguma coisa, o hospital tão longe e sem telefone? Não parecia estar bem, afrontado, prisioneiro daquele casaco... Que intenções tinha?

Para se distrair, Celeste olhou para o quintal através da janela. Estava um lindo dia de sol, o céu muito azul enredando, ao fundo, o farol dos Capelinhos. Limpou o copo com uma toalha limpa, meio voltada para ele. O sujeito continuava calado, quieto, as pernas distendidas.

Celeste foi ao frigorífico buscar um jarro de água e encheu o copo. Pô-lo de seguida numa bandeja, que servia de enfeite em cima do móvel na pequena cozinha, e voltou à sala.

O homem não parecia estar bem de saúde. Celeste notou-lhe as veias do pescoço dilatadas, a cara rubra e suada e a dificuldade com que se dobrou para alcançar o copo.

Francesco sentiu uma ligeira tontura — fechou os olhos, respirou fundo, o braço



estendido em direcção à mesinha com a bandeja. Quando os abriu, tinha Celeste diante de si com uma expressão preocupada.

— O senhor desculpe, mas vai mesmo tirar esse casaco. Não o vejo nada bem assim. Olhe que não o posso acudir! O hospital fica longe e só temos um enfermeiro na freguesia.

Ele ainda tentou resistir à ideia. Mas as mãos dela, firmes e decididas, lançaram-se ao fecho e correram-no até à barriga.

— Agora acabe o senhor por o abrir. Daí para baixo uma mulher séria não se mete.

Francesco tinha a camisa colada ao corpo do suor. Respirou fundo, aliviado. Enquanto Celeste pendurava o casaco nas costas de uma cadeira, bebeu a água sofregamente. Quando poisou o copo, lembrou-se do comprimido para a tensão arterial.

— A senhora importa-se que eu abra a mala? É que tenho lá os meus medicamentos e já não os tomo desde ontem.

Arrastou a mala para um canto da sala e abriu-a. Tinha arrumado as suas coisas tão à pressa que não se lembrava onde tinha posto o saco de plástico com os comprimidos e as vitaminas. Não queria levantar a roupa, sentia um certo pudor. Afinal estava perante uma pessoa estranha. Meteu ambas as mãos pela mala adentro vasculhando, como um cego, o seu interior. A certo momento sentiu o volume de um embrulho.

— Trago-lhe aqui uma prenda do seu vizinho Belmiro e da mulher...

— Belmiro? — exclamou Celeste com ar de espanto. — Não conheço nenhum Belmiro. O senhor não está enganado?

— Belmiro Ramos? Não conhece Belmiro Ramos? — exclamou.

— Parece-me que o senhor veio bater à porta errada — disse Celeste, experimentando de repente um certo alívio com essa possibilidade. Sentia-se incomodada com aquele estranho na sua casa a interromper-lhe os hábitos. Pela manhã tomava o café na sala, descansada, enquanto, no fogão, fervia a água para as suas papas de milho.

— A senhora não se chama Olímpia?

— Olímpia? Olímpia Ramos?

— Sim, exactamente!

Celeste riu-se.

— Olímpia viveu dez casas abaixo, senhor. Mas deixou a ilha já a alguns anos.

Olímpia apaixonara-se por um mestre-de-obras do continente. Foi uma coisa inesperada que lançara o desassossego ao crepúsculo tranquilo da sua vida. João Sarmento viera naquela revoada de homens que assaltou a ilha após o sismo de 9 de Julho de 1998 para a reconstrução: continentais, ucranianos, brasileiros, cabo-verdianos, angolanos e micalenses. Um baile de sotaques correu a ilha de ponta a ponta. Mestre Sarmento, como era conhecido nas redondezas, corria aquela área ao volante de uma carrinha Peugeot. A casa de Olímpia, com uma varanda imensa virada para o mar, ficou danificada pelo tremor. Coube à companhia de mestre Sarmento reparar-lhe a casa. Apareceu-lhe um dia aquele homem à porta, alto, sardento, com um bloco de notas e uma fita de medir. Olímpia prendeu-se à sua voz como uma lapa à rocha. Ele, à sua beleza serena, aos seus cabelos nocturnos descaídos pelos ombros, à alegria dos seus olhos marinhos. Quando o trabalho acabou na ilha, foram ambos para Lisboa. A casa de Olímpia passou a refúgio de férias do casal, que aparecia todos os anos em Agosto para o remanso e o folgado da ilha.

Francesco deixou cair os braços:

— Ora essa! — disse enrubescido. — Nunca tinha entrado na casa de alguém como um ladrão no banco errado! As minhas desculpas, senhora.

Antes de sair, Francesco deu o pacote a Celeste. Fez questão nisso. Se a destinatária já não se encontrava na ilha, não podia justificar a si mesmo carregar com aquele volume extra e desnecessário.

Celeste recebeu o embrulho com renitência. Era como se aceitasse o produto de um roubo. Mal fechou a porta, escondeu-o numa gaveta da cómoda sem o abrir.

Depois de tomar o pequeno-almoço, Celeste saiu para o quintal com a roupa suja da semana num cesto de plástico. A manhã, alta, soltava um odor a manjerico. Um galo, distante, cantava inspirado.

O tanque de lavar a roupa estava sob um alpendre com tecto de fibrocimento. Abriu a torneira e, enquanto esperava que a água enchesse, pôs-se a olhar as figueiras em cujas folhas dançava uma luz fina, macia e rutilante. Ao lado, as ruínas da sua primeira casa. Nascera ali, entre aquelas paredes de pedra.

Tinha onze anos quando tudo tremeu. Lembrava-se de como o chão parecia bailar-lhe sob os pés, a expressão de terror da mãe, agarrada ao rosário. O pai, esse, pareceu envelhecer cem anos num segundo. Ficou um instante desorientado, as mãos na cabeça num jeito de quem sucumbe à realidade. Mas depois ressoou o comando da sua voz rouca, combativa, a dizer-lhes que tinham de fugir dali. Foi um estender à pressa três lençóis no chão, e para os quais atiraram roupas e objectos. Correram depois pela rua acima com as trouxas às costas, muito vergados sob o peso da sua pobreza, enquanto das entranhas do mar repuxos altíssimos de água quente anunciavam um furor desigual. Celeste lembrava-se sobretudo das cinzas vogando no ar e que lhe pareciam uma penumbra de insectos enlouquecidos. A casa não aguentou aquela fúria da Natureza e acabou por ruir.

Quando a terra e o mar se aquietaram, um ano depois, já as heras, de um esplendor verde, se haviam apossado completamente da habitação abandonada. Prostrado, e em vez de a reconstruir, o pai decidiu erguer outra contígua àquela. Celeste envelheceu ao lado daquelas ruínas.



Cinquenta anos passados sobre essa data, aquelas pedras amontoadas continuavam a lembrar-lhe os primeiros anos da sua vida. Amava-as de um modo estranho, como se fossem um historial de decepção; ao mesmo tempo instigavam-lhe um sentimento de pertença. Era como se a voz do seu pai, incomensurável e eterna, cantasse entre o musgo fosforescente e as paredes caídas. Da sua mãe ficava-lhe o calor e o desespero das suas preces, a palidez inalterável, e aquela frase tão sua ante a calamidade por que todos passaram na ilha: «Nosso Senhor castiga-nos por alguma coisa que se fez. Até parece que

as Suas mãos nos atiram fogo do mar».

Celeste fechou a torneira e encostou-se ao tanque. Cruzou os braços. O mar, caído na fundura da distância, era uma voz muda. Quantas vezes sonhou ali, de olhos abertos, com outros mundos? Mas acabava sempre por abraçar a mesma conclusão: não podia abandonar os seus fantasmas. Estavam ali, de um modo secreto, presos aos seus sentidos. Todos os dias. Se acaso se tivesse ido embora, veria as coisas da mesma maneira e com o mesmo apego? Seriam aquelas pedras abandonadas apenas isso mesmo, pedras? Poderia, claro, ter sido como Matilde, a sua irmã, que se perdera no Canadá. Mas para quê? Para ter uma casa com carpete e um carro na garagem? A muita abundância deixava as pessoas indiferentes. Provas? Há anos que não sabia dela. Que terras eram aquelas que instigavam o esquecimento? Já não bastava o Brasil, que parecia engolir todos que iam para lá? Em momentos sombrios duvidava da sua opção, de ter ficado ali. Poderia pelo menos ter-se aventurado, a experimentar. Começou a pensar nisso mal Francesco saíra, deixando atrás o cheiro misterioso de outra terra.

Pareceu-lhe um homem estranho, indeciso e vulnerável como uma criança. Sentiu vontade de o abraçar quando se despediu, e de lhe dizer que voltasse sempre. Mas não soube como dizê-lo.

Ficou à porta enquanto ele subia a rua, a sua figura redonda a desaparecer aos poucos no escuro do asfalto, arrastando a mala, o sol matinal a crescer nas suas costas, a pegar-se-lhe à roupa como se fosse uma nuvem branca. Até que se perdeu para sempre entre um silêncio em chamas.



Fotografias de E. Bettencourt Pinto



Marcelo Corrêa

Marcelo Corrêa

Marcelo Corrêa

MARCELO CORRÊA, 36 anos, é brasileiro e descendente de açorianos da ilha Terceira.

Fotógrafo e colaborador das principais revistas do Brasil, desenvolve, paralelamente aos seus comerciais, projectos pessoais que se têm destacado principalmente pela utilização da cor na imagem fotográfica.

Já participou em diversas acções e exposições colectivas, no âmbito da Direcção Regional das Comunidades.

A exposição agora apresentada é o resultado de um ensaio fotográfico realizado durante uma semana de Outubro de 2007, onde teve a oportunidade de conviver com a riqueza histórica do Faial e do vulcão dos Capelinhos.

Citando o artista: os aparentes poucos dias modificaram a minha percepção de mundo e, mais precisamente, de mim. Hoje já me sinto mais português e humano que um dia fui. Nestas fotos, me encontro enquanto ilha; aqui me encontro enquanto gente. Aqui me encontro e espero que vocês também, sob o provisório e efémero título de Eu Ilha.

eu ilha



eu ilha





eu

ilha

Construir Cultura

PROGRAMA

FAIAL • 2008

14.SET.2008 (Domingo)

17:00 horas

Abertura das exposições:

- **Fotografia** "Mistérios de um Vulcão", de José Fontes.
(*Polivalente do Capelo*)
- **Escultura** "Capelinhos" de Al-Zéi
(*Escola de Artesanato do Capelo*)
- **Fotografias antigas** de Francisco M. Gonçalves
(*Salão Paroquial da Praia do Norte*)

21:30 horas

- **"Cantar os Capelinhos"**
por: Sérgio Luís, Grupo À Capella, Raquel Vieira, Vera Goulart, Grupo de Cantares Ilha Azul.
(*Polivalente do Capelo*)

15.SET.2008 (Segunda - Feira)

Abertura das exposições:

- Polivalente do Capelo
(*horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00*)
- Escola de Artesanato do Capelo
(*horário: das 10h00 às 17h00*)
- Salão Paroquial da Praia do Norte
(*horário: das 10h00 às 17h00*)

16.SET.2008 (Terça - Feira)

Abertura das exposições:

- Polivalente do Capelo
(*horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00*)
- Escola de Artesanato do Capelo
(*horário: das 10h00 às 17h00*)
- Salão Paroquial da Praia do Norte
(*horário: das 10h00 às 17h00*)

21:30 horas

- **Documentário**
"Vivências de um Povo", de Mariza Moitoso
- **Conversas** à volta do Vulcão
(*Salão Paroquial da Praia do Norte*)

(1º DIA DOS TREMORES)

17.SET.2008 (Quarta - Feira)

Abertura das exposições:

- Polivalente do Capelo
(*horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00*)
- Escola de Artesanato do Capelo
(*horário: das 10h00 às 17h00*)
- Salão Paroquial da Praia do Norte
(*horário: das 10h00 às 17h00*)

21:30 horas

- **Lançamento do opúsculo** "Capelinhos", último número da Colecção Piroclástica, ed. da FaiAlentejo.
(*Centro Paroquial da Praia do Norte*)

18.SET.2008 (Quinta - Feira)

Abertura das exposições:

Polivalente do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00)

Escola de Artesanato do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00)

Salão Paroquial da Praia do Norte
(horário: das 10h00 às 17h00)

20.SET.2008 (Sábado)

Abertura das exposições:

Polivalente do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00)

Escola de Artesanato do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00)

Salão Paroquial da Praia do Norte
(horário: das 10h00 às 17h00)

————— **19:00 horas** —————

II Encontro de Foliões da ilha do Faial

- **Desfile de Foliões** do Largo Duque D' Ávila e Bolama
e **Actuação** do grupo junto da Igreja de S. Francisco

————— **20:30 horas** —————

- Abertura da **Exposição de Fotografia de Marcelo Corrêa**
(Bar do Teatro Faialense)

————— **21:30 horas** —————

- **Teatro** "Memórias de um Vulcão", pelo Grupo de Teatro
"Sortes à Ventura"
(Teatro Faialense)

19.SET.2008 (Sexta - Feira)

Abertura das exposições:

Polivalente do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00)

Escola de Artesanato do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00)

Salão Paroquial da Praia do Norte
(horário: das 10h00 às 17h00)

————— **21:30 horas** —————

- **Dança** "Sinfonia dançada para um vulcão"
(Centro de Interpretação dos Capelinhos)

21.SET.2008 (Domingo)

Abertura das exposições:

Polivalente do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00 das 20h00 às 23h00)

Escola de Artesanato do Capelo
(horário: das 10h00 às 17h00)

Salão Paroquial da Praia do Norte
(horário: das 10h00 às 17h00)

————— **Das 14:00 às 20:00 horas** —————

- **Feira** do Vulcão
(Porto do Comprido - Capelo)

————— **21:30 horas** —————

- **Lançamento do livro** "Construir Cultura".
Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça

Construir
Cultura

PROGRAMA

FAIAL • 2008

Cantar os Capelinhos



Lançamento do opúsculo “Capelinhos”



Construir Cultura

FAIAL • 2008

Sinfonia Dançada para um Vulcão



PROGRAMA

- 1 – Canção ao Mar
Música: Canção do Mar de Dulce Pontes
Coreografia de Hector Bohamia
- 2 – Integração – com vídeo O Vulcão que veio do mar
Parceria com Victor Rui Dores
Coreografia de Marcelo Lages e Grupo
- 3 – Poesia Entre Rochas e Mar
Interpretação de António Silva
Autoria Victor Rui Dores
- 4 – Duo – Reverência
Música: Cirque du Soleil
Coreografia de Flávio Azeredo e Natália Eidt
- 5 – Duo – Raízes
Música: Vangelis
Coreografia de Flávio Azeredo, Úrsula e Marcelo Lages
- 6 – Solo – Momentos
Coreografia de Marcelo Lages e António Silva
- 7 – Solo – Contemplação
Coreografia de Natália Eidt
- 8 – Solo – Cadência
Música: Cirque du Soleil
Coreografia de Flávio Azeredo
- 9 – Tributo ao Vulcão
Música de Antero Ávila
Coreografia de Flávio Azeredo e Grupo

Ficha técnica:

Bailarinos – Ana Pinto, António Silva, Flávio Azeredo,
Marcelo Lages, Natália Eidt

Som e luminotecnia: Eduíno Duarte

“Sinfonia dançada para um vulcão”





Desfile de Foliões





ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA

“Sortes à Ventura”

apresenta

Memórias de um Vulcão



“Sortes à Ventura”

Trabalhos apresentados:

- A morte de Sócrates (1988)
- Os malefícios do tabaco (1988)
- A nau catrineta (1989)
- Navegar é preciso (1989)
- O velho do Restelo (1989)
- O Príncipezinho (1990)
- O rapto das Sabinas (1991)
- Passei por ti nas Arcadas (1991)
- Mudar a sorte (1992)
- Julieta e Romeu e o mais que aconteceu (1992)
- Gerebundes vai à caça (1993)
- Quem não quiser que não brinque (1993)
- Um bobo para o reino (1993)
- O fim dos amores impossíveis (1993)
- Um barco para Itaca (1994)
- Loucuras na Ópera (1994)
- A memória da terra (1994)
- D. Violante do Canto (1995)
- A morte chama (1995)
- Cabos e tormentas (1996)
- Estamos todos pessimamente bem (1996)
- Mulher de Porto Pim (1997)
- As delícias do matrimónio (1998)
- No cais da saudade (1998)
- Grímaneza (1999)
- Para que tudo fique na mesma (1999)
- Farsa de Inês Pereira (2000)
- A nossa vida é sofrer (2001)
- Nasceu-me uma borbulha no queixo (2001)
- Saídos da casca (2002)
- A morte chama (2003)
- Cabeças no ar (2004)
- Estão todos os canais a dar o mesmo (2005)
- 1+1=1 (2006)
- Memórias de um Vulcão (2007)
- Líria (2008)

Intérpretes

Ana Alvernaz
 Ana Lemos
 Ana Macedo
 Ana Margarida Silva
 Andreia Medeiros
 Liliana Bulcão
 Maria Vieira
 Renata Borges
 Ronaldo Rosa
 Rosana Lavado
 Paula Sousa
 Pedro Oliveira

Texto e Encenação - Victor Rui Soares

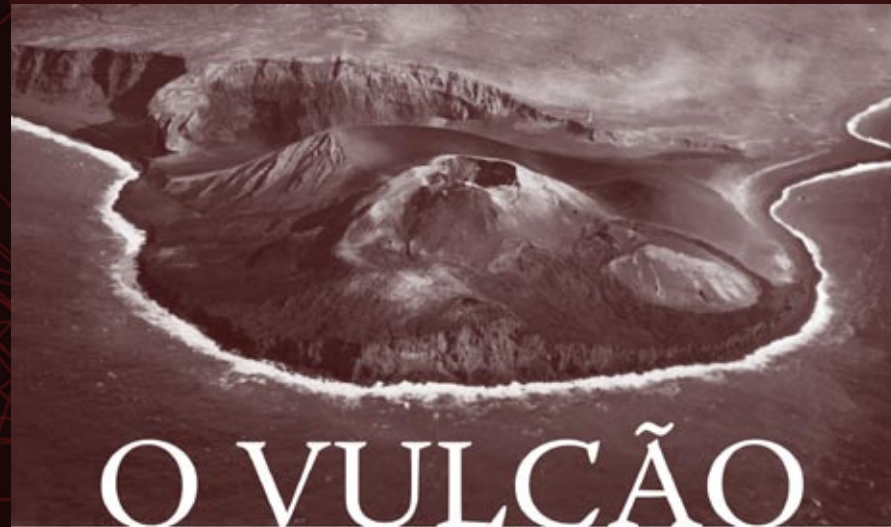
Coreografia - Ana Alvernaz

Adaptação do capítulo “Mrs. Cavallo”,
 de *Ah! Mónim dum Corisco*, de Onésimo Teotónio Almeida.
 “Amaricano”, poema de Mateus das Neves.
 Imagens de arquivo gentilmente cedidas pela RTP/AÇORES.
 Vulcão dos Capelinhos, DVD produzido pela Foto Jovial.

Música:

Richard Wagner, “A cavalcada das Valquírias”.
 Grupo Folclórico do Salão, “Saudade”.
 Luís Alberto Bettencourt, “Capelinhos”.
 “The Star Spangled Banner”.
 Louis Armstrong, “What a wonderful World”.
 Rodrigo Leão, “Tango”.
 Kathryn Grason & Howard Keel, “Wunderbar”.
 Nat King Cole, “Rambling rose”.
 Horácio Medeiros, “Dedicatória aos filhos do silêncio”.
 Carlos Alberto Moniz / Victor Rui Soares, “Memórias de um Vulcão”.
 Johann Strauss II, “Jubel Marsch”.

Apoio : Comemorações 50º aniversário do Vulcão dos Capelinhos
www.vulcaodoscapelinhos.org



O VULCÃO DOS CAPELINHOS

O Clube de Teatro “Sortes à Ventura” associa-se ao 50º aniversário do Vulcão dos Capelinhos, sem dúvida o acontecimento que mais marcou a história açoriana do século XX.

A erupção vulcânica verificou-se no dia 27 de Setembro de 1957, a 1 km ao largo da ponta oeste do Faial, junto aos ilhéus dos Capelinhos. E nada, naquela ilha, voltaria a ser como dantes. Então senador John Kennedy abriu uma cota de emigração para os E.U.A. – e 12.500 faialenses partiram em busca de melhores condições de vida.

O Vulcão dos Capelinhos constituiu um marco importante no conhecimento dos Açores além fronteiras, pois que atraiu a comunidade científica e a comunicação social de todo o mundo.

Propomos, neste trabalho cénico, alguns olhares sobre esse vulcão que veio do mar. E esperamos sinceramente que gostem.

Teatro “Memórias de um Vulcão”



Documentário “Vivências de um Povo”



Lançamento do livro “Construir Cultura”





Passo os dedos sobre a pele vegetal da cratera e arrepiam-se-me os cabelos da sedução. (...) Para ela, os búzios enviarão as suas mensagens secretas e musicais e o poeta, sentado ao balcão, vai continuar a ver passar navios carregados de versos, deixando um lastro de perfume com sabor a algas e a estrelas.





